Universidades Lusíada

Cruz, Sophia Hamilton da, 1990-

Interespaços : os limites habitados da arquitectura

http://hdl.handle.net/11067/2179

Metadados

Data de Publicação 2016-04-15

Resumo O que é um limite? O que é espaço e habitar? Podem estes conceitos estar relacionados entre si, a ponto de criarem um só conceito? Falemos então de Interespaço, com o intuito de tentar perceber o que são os limites habitados da Arquitectura. A forma como estes potenciam a Arquitectura e a qualidade do espaço, criando relações entre quem os habita, activando as características sensoriais do Homem. Desta forma, ao longo desta dissertação, serão abordados temas que consideramos como fulcrais para ...

Palavras Chave Espaço (Arquitectura), Habitação

Tipo masterThesis

Revisão de Pares Não

Coleções [ULL-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T03:06:35Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitectura

Interespaços: os limites habitados da arquitectura

Realizado por:
Sophia Hamilton da Cruz
Orientado por:
Prof. Doutor Arqt. Victor Manuel Canedo Neves

Constituição do Júri:

Presidente:	Prof. Doutor Arqt. Joaquim José Ferrão de Oliveira Braizinha
Orientador:	Prof. Doutor Arqt. Victor Manuel Canedo Neves
Arguente:	Prof. Doutor Arqt. Bernardo d'Orey Manoel

Dissertação aprovada em: 2 de Dezembro de 2015

Lisboa

2015

UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitectura

Interespaços: os limites habitados da arquitectura

Sophia Hamilton da Cruz

Lisboa

Julho 2015

UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitectura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitectura

Interespaços: os limites habitados da arquitectura

Sophia Hamilton da Cruz

Lisboa

Julho 2015

Sophia Hamilton da Cruz

Interespaços: os limites habitados da arquitectura

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura.

Orientador: Prof. Doutor Arqt. Victor Manuel Canedo Neves

Lisboa

Julho 2015

Ficha Técnica

Autora Sophia Hamilton da Cruz

Orientador Prof. Doutor Arqt. Victor Manuel Canedo Neves

Título Interespaços: os limites habitados da arquitectura

Local Lisboa

Ano 2015

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

CRUZ, Sophia Hamilton da, 1990-

Interespaços : os limites habitados da arquitectura / Sophia Hamilton da Cruz ; orientado por Victor Manuel Canedo Neves. - Lisboa : [s.n.], 2015. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - NEVES, Victor,1956-

LCSH
1. Espaço (Arquitectura)
2. Habitação
3. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Teses
4. Teses – Portugal - Lisboa

1. Space (Architecture)
2. Housing
3. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitectura e Artes - Dissertations
4. Dissertations, Academic – Portugal - Lisbon

LCC
1. NA2765.C78 2015

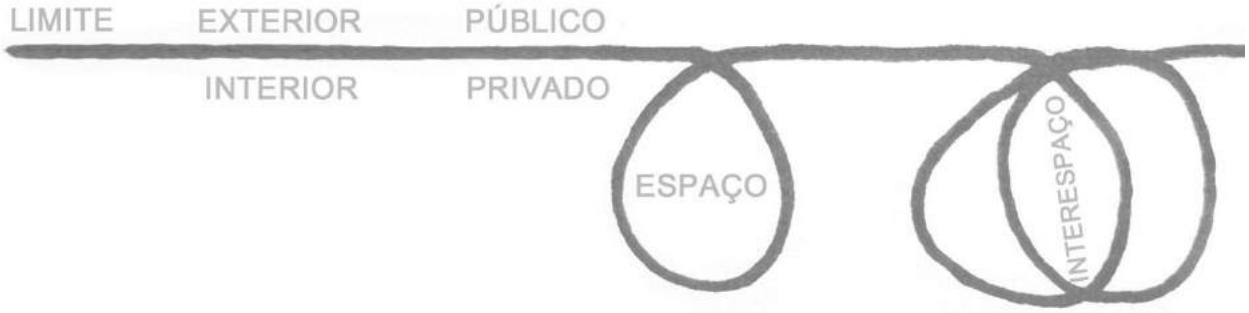
A ti mãe:

Porque sei que aí de cima me tens guiado.
E por não estares aqui presente para me ver finalizar esta etapa, fica eternizado no papel o único agradecimento, que infelizmente, não posso fazer pessoalmente,
always yours

AGRADECIMENTOS

Ao orientador de dissertação, Professor Dr. Arq. Victor Neves, pela disponibilidade e orientação.

À família e aos amigos que me acompanharam durante este longo percurso.



Fio condutor da dissertação

APRESENTAÇÃO

Interespaços: os limites habitados da arquitectura

Sophia Hamilton da Cruz

O que é um limite? O que é espaço e habitar? Podem estes conceitos estar relacionados entre si, a ponto de criarem um só conceito?

Falemos então de Interespaço, com o intuito de tentar perceber o que são os limites habitados da Arquitectura. A forma como estes potenciam a Arquitectura e a qualidade do espaço, criando relações entre quem os habita, activando as características sensoriais do Homem. Desta forma, ao longo desta dissertação, serão abordados temas que consideramos como fulcrais para o entendimento do conceito-chave. Como ponto de partida temos o conceito de limite e seguiremos então um fio condutor que nos leva até ao conceito de espaço, terminando assim no nosso objectivo, a junção destes dois: O Interespaço.

Como objectos de estudo iremos apresentar primeiramente dois projectos, estudados no local, inseridos em contextos diferentes. E em seguida, segue-se o projecto académico, cujo principal objectivo é demonstrar como aplicamos a temática estudada.

Palavras-chave: Espaço, Limite, Inter, Arquitectura

PRESENTATION

Interspaces: the inhabited limits of architecture

Sophia Hamilton da Cruz

What is a limit? What is space and inhabit? Can these concepts be related to each other in order to create a single concept?

Then let's talk about interspace, in order to try to understand what are the inhabited limits of architecture. The way these enhance the architecture and the quality of the space, creating relations between whom dwells, activating the sensory characteristics of man. Thus, throughout this dissertation topics will be addressed what we see as central to the understanding of the key concept. As a start point we have the concept of limit and then follows a common thread that leads us to the concept of space, ending in our goal, the junction of these two: The Interspace.

As objects of study we will first present two projects studied on site, inserted in different contexts. And then follows the academic project whose main objective is to demonstrate how we apply the studied subject.

Key words: Space, Limit, Inter, Architecture

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - "Concetto Spaziale", Lucio Fontana, 1959. (Hess, 2009)..... 25

Ilustração 2 – “Sequence”, Richard Serra, 2006. (MCKINNEY, 2011)..... 25

Ilustração 3 – “Sequence”, Richard Serra, 2006. (MCKINNEY, 2011)..... 25

Ilustração 4- Esquema conceptual retratando os diferentes tipos de limite. O primeiro representado o muro/parede, o segundo uma colunata e o terceiro uma simples mudança de textura no pavimento (Ilustração nossa,2015). 26

Ilustração 5 - Palácio Carlos V, Pedro Machuca, 1957.Representando o limite através da colunata. (MANZANEQUE, 2005) 28

Ilustração 6 - Palácio de Cristal de Londres,1851. Representando o limite através da parede de vidro. (Hertzberg, 2005, p. 71) 28

Ilustração 7- Serpentine Pavillion, Sou Fujimoto,2013. (Meinhold, 2013)..... 29

Ilustração 8 - Theo Van Doesburg, 1990. (Pinto, 2009, p.69)..... 30

Ilustração 9- A evolução da arquitectura desde os tempos da caverna até á contemporaneidade (ilustração nossa,2015) 31

Ilustração 10 - Ilustração de Alberto Campo Baeza. (Baeza, 2009, p. 64) 33

Ilustração 11- Ilustração de Le Corbusier. (Arch Groupie, 2012)..... 34

Ilustração 12 - Casa Studio, Luis Barragan , 1948 (Duque, 2013)..... 35

Ilustração 13 - Farnsworth House, Mies Van Der Rohe, 1951, Teresina Orie Agresta. (Sixten Sasons, 2015)..... 35

Ilustração 14 – Evolução planimétrica do templo grego, apresentando assim o peristilo. (Zevi, 2011, p. 49)..... 36

Ilustração 15 - Casa de Chá da Boa Nova, Siza Vieira, 1963 (STEVENS, 2014)..... 37

Ilustração 16 - Casa de Chá da Boa Nova, Siza Vieira, 1963. (Ilustração nossa, 2013) 38

Ilustração 17 - Esquema representativo das relações entre espaço Público e Privado. (Gehl, 2006,p. 59)..... 39

Ilustração 18 - A colectividade e a individualidade. (Ilustração nossa,2015) 40

Ilustração 19 - Rua Holandesa século XIX. (Hertzberg, 2005, p.16) 41

Ilustração 20 - Galeria Passage Choiseul, Paris, (Hertzberg,2005,p.86)..... 42

Ilustração 21 - Galeria, Centro Comercial Vasco da Gama. (Ilustração nossa, 2015) . 42

Ilustração 22 - Planta do Edifício De Ddrie Hoven, Holanda, 1974 (Hertzberg, 2005, p.61) 43

Ilustração 23 - O alpendre, De Drie Hoven, Holanda. (Hertzberg, 2005, p. 62)..... 44

Ilustração 24 - O alpendre, De Drie Hoven, Holanda. (Hertzberg, 2005, p.63)..... 44

Ilustração 25 - Esquema conceptual das relações entre espaços no projecto De Drie Hoven. (Ilustração nossa,2015) 45

Ilustração 26 - A vivência nos espaços de intervalo. (Gehl, 2006, p. 148)..... 46

Ilustração 27 - A apropriação do espaço em zonas de intervalo. (Gehl, 2006, p. 148) 46

Ilustração 28 - A caixa. (Pinto, 2009, p. 25) 49

Ilustração 29 - Imagem ilustrativa do conceito de habitar e apropriação de espaço. (Rawn, 2015) 51

Ilustração 30 - Termas de Vals, Peter Zumpthor, 1996. (FERNADEZ MUNGUIA, 2013) 53

Ilustração 31 - Termas de Vals , Peter Zumpthor,1996 (FERNADEZ MUNGUIA, 2013) 53

Ilustração 32 – Teatro de Besançon, Ledoux. (Pallasma, 2005, p.20) 54

Ilustração 33 - Lonely Metropolitan. Herbert Bayer (Pallasma, 2005, p.31)..... 55

Ilustração 34 - Diagrama conceptual, ilustrando o Interespaço. (Norberg-Schulz, 1984, p.31) 57

Ilustração 35 - Esquema conceptual sobre as relações que o Interespaço estabelece com o espaço que o rodeia. (ilustração nossa,2015) 58

Ilustração 36 - Centraal Beheer,Holanda, 1972. A lógica modular, criada através da torres e o espaço de circulação que as rodeia no projecto.(Hertzberg, 2005, p. 134) 60

Ilustração 37 - Centraal Beheer, Holanda,1972. A planta do edifício. (LOMHOLT, 2014) 60

Ilustração 38 - Centraal Beheer, Holanda,1972. A relação entre os espaços privados, os gabinetes. (Hertzberg, 2005, p. 195)..... 61

Ilustração 39 - Centraal Beheer, Holanda,1972. A relação entre o espaço público e o espaço privado. (Hertzberg, 2005, p.23) 61

Ilustração 40 - Diagrama explicativo sobre as categorias do espaço-limite. (Pinto, 2007, p. 88) 63

Ilustração 41 - Esquema representativo em planta de relações entre espaços obtidas no Interespaço. (Ilustração nossa,2015) 64

Ilustração 42 - Esquema representativo em corte de relações entre espaços obtidas no Interespaço. (Ilustração nossa, 2015) 64

Ilustração 43 - A rua como Interespaço, Rua Augusta. (Ilustração nossa, 2015) 65

Ilustração 44 - O pátio como Interespaço, Centro Cultural de Belém (Ilustração nossa, 2015) 65

Ilustração 45 - Momento de transição. Entrada da escola de Montessori de Herman Hertzberg, Delf Holanda. (Hertzberg, 2005, p.20) 66

Ilustração 46 - Planta do Palácio Carlos V, Pedro Machuca, 1957. (MANZANEQUE, 2005) 67

Ilustração 47 - Interior do pátio do Palácio Carlos V, Pedro Machuca, 1957. (MANZANEQUE, 2005) 67

Ilustração 48 - Esquema representativo dos Interespaços existentes no Palácio. (Ilustração nossa,2015) 67

Ilustração 49 - Esquiço em corte, sobre as relações entre os Interespaços do Palácio Carlos V e as relações que estabelecem com os outros domínios. (Ilustração nossa,2015) 68

Ilustração 50 - Casa N ,Sou Fujimoto, 2008 (Baan, 2011) 70

Ilustração 51 - Casa N ,Sou Fujimoto, 2008 (Baan, 2011) 70

Ilustração 52 - Diagrama representativo da Casa N. Em vez da rígida separação tradicional entre os domínios Interior/Exterior Público/Privado, surge uma gradação entre eles. (Fujimoto, 2008) 70

Ilustração 53 - Habitação vernacular Japonesa, o pátio como Interespaço . (Calgary Skylights, 2013) 71

Ilustração 54 -Zamora Offices, Alberto Campo Baeza, 2012.Vista aérea do edifício. (Sevilla, 2012) 73

Ilustração 55 - Fotografias do edifício. (Ilustração nossa, 2015) 74

Ilustração 56 - Esquema de relações estabelecidas no Interespaço, em planta. (Ilustração nossa, 2015) 75

Ilustração 57 - Esquema de relações estabelecidas no Interespaço, em corte. (Ilustração nossa, 2015) 75

Ilustração 58 - Esquema de relações estabelecidas no Interespaço, em corte. (Ilustração nossa, 2015) 75

Ilustração 59 - Esquema representativo dos limites que delimitam o Interespaço. (Ilustração nossa, 2015) 77

Ilustração 60 - Esquiços de Alberto Campo Baeza, para o projecto Zamora Offices. (Baeza, 2012) 78

Ilustração 61 - Vista aérea sobre Helsingør. (Peter, 2014) 80

Ilustração 62 - Vista aérea sobre o Museu (Peter, 2014) 80

Ilustração 63 - Fotografias do Museu Marítimo Dinamarquês. (Ilustração nossa, 2014) 81

Ilustração 64 - Diagrama explicativo dos acessos ao Museu. (Peter, 2014) 82

Ilustração 65 - Diagrama explicativo sobre a evolução de projecto, da doca seca e a sua transformação em museu. (Peter, 2014) 82

Ilustração 66 - O limite do Interespaço e o Interespaço. (Ilustração nossa,2015) 83

Ilustração 67 - Esquema de relações estabelecidas no Interespaço, em planta. (Ilustração nossa, 2015) 83

Ilustração 68 - Esquema de relações estabelecidas no Interespaço, em corte. (Ilustração nossa, 2015) 83

Ilustração 69 - Ortofotomapa do local de projecto, documento fornecido pelos docentes da unidade curricular (Peña Pareja, 2014) 85

Ilustração 70 - Vista sul do local de intervenção, documento fornecido pelos docentes da unidade curricular (Peña Pareja, 2014) 85

Ilustração 71 - Diferentes vistas do local de intervenção, documento fornecido pelos docentes da unidade curricular. (Peña Pareja, 2014) 86

Ilustração 72 - O Grande Canal,documento fornecido pelos docentes da unidade curricular (Peña Pareja, 2014) 87
Ilustração 73 - Academia de Artes, Wang Shu, 2009. (Helm, 2012)..... 88
Ilustração 74 - Esquiços de estudo de acessos ao local de intervenção. (Ilustração nossa, 2014)..... 89
Ilustração 75 - Esquema conceptual de projecto. (Ilustração nossa,2014)..... 89
Ilustração 76 - Esquiço sobre ideia conceptual de projecto. (Ilustração nossa,2014).. 89
Ilustração 77 - Esquema conceptual de projecto. (Ilustração nossa,2014)..... 89
Ilustração 78 - Maquete de estudo de formas. (Ilustração nossa, 2014) 90
Ilustração 79 - Esquiço do projecto. (Ilustração nossa, 2014 90
Ilustração 80 - O Interespaço. Planta de cobertura. (Ilustração nossa,2014) 91
Ilustração 81 - O Interespaço. Esquiço de projecto. (Ilustração nossa,2014) 91
Ilustração 82 - O Interespaço. Alçado Sul. (Ilustração nossa,2014) 91
Ilustração 83 - Pormenor em planta, do Intespaço. (ilustração nossa, 2014) 92

SUMÁRIO

1. Introdução 21
1.1. Metodologia 22
1.2. Estado da arte 23
2. O limite na arquitectura 25
2.1. Noção de Limite 25
2.2. Noção de limite físico: Interior / exterior 31
2.3. Noção de limite abstracto : Público / privado 39
3. O Limite Habitável na Arquitectura 49
3.1. Noção de habitar 49
3.2. Noção de limite habitável: Interespaço 57
4. Casos de estudo 72
4.1. Zamora Offices, Alberto Campo Baeza 73
4.2. Museu Marítimo Dinamarquês, Bjarke Ingles Group 80
4.3. Projecto académico de final de curso (5º ano) 85
5. Considerações finais 95
Referências 97
Bibliografia 101
ANEXOS 103
LISTA DE ANEXOS 105
ANEXO A 107

1. INTRODUÇÃO

O tema desta dissertação surge durante a elaboração do projecto de 5º ano, realizado na Universidad San Pablo CEU - em Madrid, onde o principal desafio se prendia com a necessidade de qualificar e delimitar um espaço que fazia a transição entre duas áreas urbanas. Chegou-se então, ao conceito de **Interespaço**, um espaço, que na altura, foi entendido como uma fronteira ou um limite habitável.

Este primeiro entendimento, evolui para uma tentativa de definição onde os Interespaços são momentos de charneira, que delimitam o habitar de diferentes realidades. Existem enquanto fronteiras, que não são meramente linhas ou planos, mas espaços, ganhando forma e carácter de habitar, servindo de transição entre duas espacialidades distintas. Tendo assim um carácter espacial, com qualidades próprias. Mas sendo um elemento de charneira de duas realidades, adquire também as propriedades dos espaços que lhes estão adjacentes. Este espaço de limite serve então de ponte de relação e ponto de contacto entre duas realidades, de carácter distinto ou não - Interior/ Exterior; Público / Privado; Interior/Interior; Privado/ Privado - fluindo entre ambas, um intermediário, agindo como elemento de passagem ou elo de ligação.

Este conceito de limite habitável, vai assim além da noção de limite como barreira física e planar, dando lugar á noção de espaço, criando cheios e vazios, geradores de transição ou permanecia. Temos espaço e a ligação de dois campos dá-se assim de um modo transitório e diluído, onde os dois campos se tornam em extensões um do outro, através do Interespaço.

1.1. METODOLOGIA

Para a análise deste tema optou-se primeiramente por explorar conceitos proeminentes para o estudo do mesmo. Achámos importante estudar o conceito de Limite e de Habitar e a sua percepção nas suas mais variadas formas, dividindo assim este conceito em 3 subgrupos:

Limite físico: Interior/Exterior- O que sempre existiu na vida terrestre, daí os considerarmos como elementos físicos e inerentes á condição Humana.

Limite abstracto: Público/Privado- Advém de uma necessidade do ser Humano, das suas relações sociais e da questão de colectividade e individualidade.

Limite habitável: Interespaço- Quando o limite deixa ser uma barreira física ou abstracta e passa a ser espaço.

Em seguida avançou-se para a investigação de três casos de estudos, onde são visíveis as temáticas que referimos anteriormente. Foram escolhidos dois projectos, como objecto de estudo, que tivessem presentes o conceito que abordávamos e que onde pudéssemos ver em caso real a nossa temática. Desta forma, visitámos os projectos em causa, que foram analisados e estudados, de modo a entender este conceito aplicado *in situ* e em caso real, concreto e construído. O terceiro caso de estudo, é o projecto académico de final de curso, onde se tentou aplicar o conceito estudado de forma experimental. Depois do estudo e do conhecimento obtido ao longo desta dissertação, optou-se por reformular certos aspectos do projecto, aplicando assim o conhecimento obtido, melhorando então os aspectos relacionados com o que é o tema fulcral desta dissertação- O Interespaço.

1.2. ESTADO DA ARTE

A escolha deste tema, levou á procura de bibliografia que fosse de encontro com a temática do Interespaço, e do conceito *in-between,* bem como dos primeiros pontos que considerámos essenciais para o entendimento do mesmo. Destas maneira, tentámos estudar autores cujo trabalho teórico fosse pragmático no desenvolvimento teórico e projectual sobre o nosso mote de espaço de transição, articulando-o com os pontos então anteriormente referido, como o Limite- físico e abstracto- e o conceito de Espaço e Habitar. Desta forma, o nosso objectivo, foi encontrar utilidade na investigação teórica conjugando-a assim com a utilidade prática, desta forma não era de nosso interesse conseguir estudar uma grande quantidade de autores e de estudos feitos sobre uma temática que pode ser muito abrangente, mas sim focar-nos naquilo que são os pontos essenciais desta dissertação.

Jorge Pinto da Cruz, abordando o tema de *espaço-limite,* faz a ligação entre este e os pontos que considera essenciais para o seu entendimento, como o Limite. Este tem a sua própria interpretação filosófica sobre o tema, á escala do edifício, conjugando assim o seu entendimento teórico com a funcionalidade prática.

Herman Hertzberg, e as suas referências em Aldo Van Eyck, pareceram-nos essenciais, explorando o tema do *in-between,* da transição com articulação bem como a contaminação de Interior/Exterior; Público/Privado. A teoria e a contribuição prática com as suas obras arquitectónicas, exploram ideias de forma prática e directa de como conseguir a simbiose entre os domínios explorados nas diferentes áreas de um edifício, relacionando-o com o mundo exterior colectivo.

Outros teóricos como Heidegger, Norberg-Schulz, Pedro Vieira de Almeida e Pallasmaa foram também importantes, com o seu conteúdo teórico, em certos pontos ao longo da dissertação.

2. O LIMITE NA ARQUITECTURA

2.1. NOÇÃO DE LIMITE

> Um limite pode tornar-se algo mais do que um simples obstáculo dominante se permitir que dele façam parte algumas qualidades motoras e visuais (...) torna-se então mais uma "costura" do que uma barreira, uma linha de intercâmbios ao longo do qual foram "alinhavadas" duas áreas. (Lynch, 2008, p. 32*)*

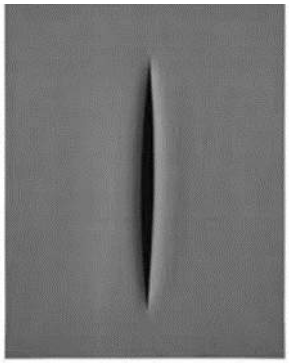


Ilustração 1 - "Concetto Spaziale", Lucio Fontana, 1959. (Hess, 2009)

Ilustração 2 – "Sequence", Richard Serra, 2006. (MCKINNEY, 2011)

Ilustração 3 – "Sequence", Richard Serra, 2006. (MCKINNEY, 2011)

Em primeira instância pressupõe-se que um limite seja uma barreira, algo que divide um espaço de outro, um plano.

Achou-se necessário compreender, em primeiro lugar, a noção de limite, visto considerarmos este como o primeiro ponto central da nossa discussão arquitectónica. Numa rápida reflexão sobre o que é de facto um limite, surge-nos a ideia de uma linha imaginária, que separa duas realidades uma da outra, definindo-as. Iremos então aprofundar esta questão e tentar perceber até onde vai o conceito de limite aplicado na arquitectura.

Segundo Jorge Pinto da Cruz[1]em *O espaço-limite: Produção e recepção em Arquitectura*, o limite é o traço que define o ponto de partida do que é projectar, é através do limite que se define o objecto e a arquitectura- "O limite é a figura a partir da qual a arquitectura começa a ser, ou seja, é a sua parte construída ou intuída que se impõe

[1] Jorge Cruz Pinto (1960) nasceu em Vidigueira, Portugal. É arquitecto, licenciado pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa em 1984, e doutorado na Universidad Politécnica de Madrid. Em conjunto com a Arquitecta Cristina Mantas, coordena Atelier próprio desde 1985. Para além da actividade como arquitecto é autor de vários ensaios teóricos e é docente na Faculdade de Arquitectura de Lisboa desde 2009.

como presença formal, física, e sensível que irradia para o espaço envolvente que também ajuda a conformar "(2007, p. 23). Podemos então afirmar que sem limite não existe espaço, sendo que é este que o cria e faz a fronteira do espaço exterior e do espaço interior, criando espaço habitável dando mote ao objecto arquitectónico. " O espaço só é compreensível e avaliável na expansão contida ligada á percepção dos limites ou das barreiras materiais que o conformam. A arquitectura vê-se assim, como a arte de delimitar e conformar o espaço habitável." (2007, p.24).

Ao afirmar que "um limite não é onde algo termina, mas sim a partir de onde algo inicia a sua presença", Heidegger[2]remete, antes de mais, a importância da noção de limite no conceito de espaço, já que é a existência de fronteiras que torna um espaço legível como identidade. Ao criarmos um limite, separamos automaticamente duas realidades, dando início á suposta parte construída da arquitectura. Associamos este fenómeno ao muro, como elemento que juntamente com a tenda nos dá o conceito básico de arquitectura. (Jorge Cruz Pinto, 2007, p. 25).

> A arquitectura delimita, modela e conforma o espaço, adequando-o objectivamente ao propósito a que se destina, em concordância com a plástica específica de cada materialidade. (Pinto, 2007, p.22)

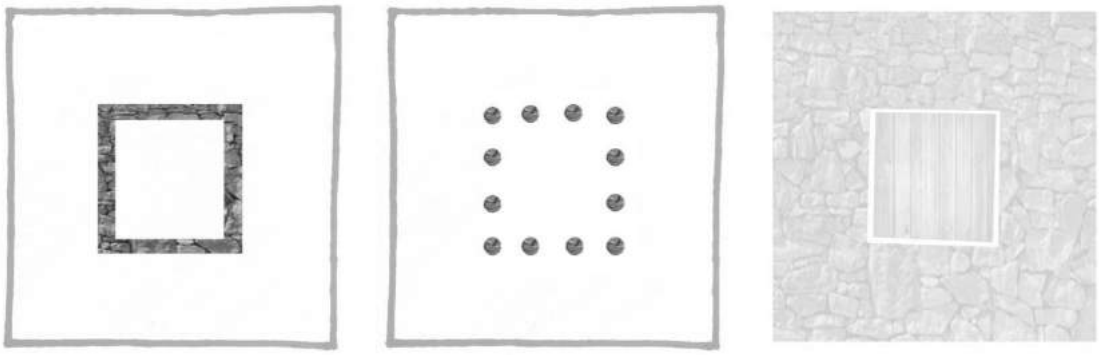


Ilustração 4- Esquema conceptual retratando os diferentes tipos de limite. O primeiro representado o muro/parede, o segundo uma colunata e o terceiro uma simples mudança de textura no pavimento (Ilustração nossa,2015).

E física e materialmente o que é então um limite? Um muro, uma parede, um obstáculo? Será certamente algo que os nossos sentidos possam constatar. Todos sabemos que elementos óbvios como uma parede, um muro ou um outro elemento construído servem como elemento delimitador e sobre isso não existem objecções. O propósito é provar

[2]Martin Heidegger (1988-1976) nasceu na Alemanha. Foi um filósofo pensador fundamental do séc.XX. Foi assistente de Husserl, a quem sucedeu na cátedra de filosofia em Friburgo. O problema do ser atravessa a sua obra filosófica – incluindo nas suas formas de enunciação e expressão – tema que aprofunda, em especial no seu texto Ser e Tempo.

que algo menos óbvio também será um limite utilizado como barreira física ou sensorial. Será algo físico, visual e sensorial certamente, algo que os nossos sentidos possam constactar, mas não terá de ser necessariamente um plano, um muro. Um limite pode ser algo muito mais subtil e sugerente e não algo tão evidente. Algo como uma simples textura diferente no pavimento ou uma diferente mudança na iluminação do espaço podem ser indicativos de delimitação de espaço, não recorrendo assim ao limite evidente e construído.

> O limite é [...] algo se faz sentir a sua presença física, ou que simplesmente se enuncia subtilmente ou se intui inconscientemente. (Jorge Cruz Pinto,2007,p.30)

Sobre esta questão do limite sugerente ou subtil, Jorge Cruz Pinto afirma que "Matéria, estrutura, proporções, luz e indícios subtis delimitam e modelam o espaço arquitectónico de forma evidente ou intuída, gerando âmbitos diferenciados, que adequam a mediação interna construída entre o homem e a natureza. Muitas dessas demarcações etéreas criam obstáculos virtuais e psicológicos resultantes a um sistema de codificações, de hábitos e convenções socio-culturais. Estes factos arquitectónicos aproximam-se ao que entendemos por limites de demarcação subtil, como já referimos, que se enunciam através das simples diferenças de linhas, texturas, cores, materiais, pequenas diferenças de matéria, diferenças de luminosidade, que podem definir áreas, ou simplesmente atenuar as diferenças entre elas.". Temos assim indicação do limite sugerente na arquitectura como algo que atenua e desmaterializa a questão do limite físico e construído, quase como se o tentasse diluir, de forma a criar espaços de transição mais subtis, onde a passagem é mais ténue.

A diluição do limite e a intenção de que este se torne cada vez mais sugerente é preeminente também na arquitectura moderna em arquitectos como Robert Venturi[3] , que no seu livro *Complexidade e Contradição na Arquitectura* afirma que " O "espaço fluido" dá a entender que se está fora quando se está dentro, e se está dentro quando se está fora, em vez de em cada parte em cada vez ". Sugerindo assim uma arquitectura sem limites visuais nas suas relações com as diferentes realidades espaciais e com a sua envolvente.

[3] RobertVenturi (1925) nasceu em Filadélfia nos Estados Unidos. É um aarquitecto norte-americano vencedor do Prêmio Pritzker de 1991. Formou-se em Princeton em 1947. Trabalhou com Eero Saarinen e Louis Kahn antes de formar sua própria firma com John Rauch. Lecionou na *University of Pennsylvania.* Venturi foi um crítico ferrenho da arquitectura moderna, publicando seu manifesto *Complexidade e Contradição na Arquitetura* em 1966, tido como uma das bases das transformações que ocorreriam na arquitectura nas décadas de 1970 e 1980.

Ilustração 5 - Palácio Carlos V, **Pedro Machuca, 1957.**Representando o limite através da colunata. (MANZANEQUE, 2005)

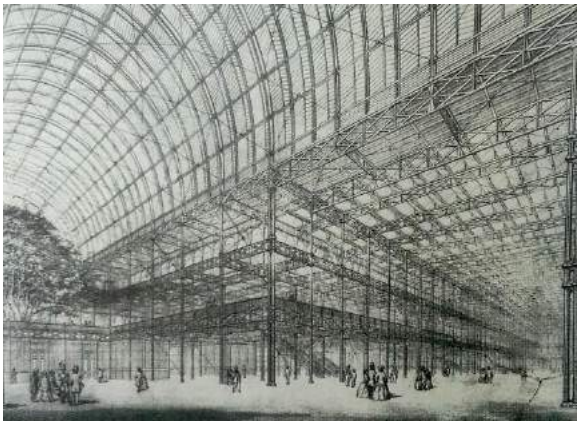


Ilustração 6 - Palácio de Cristal de Londres,1851. Representando o limite através da parede de vidro. (Hertzberg, 2005, p. 71)

A maneira como o limite se transforma numa parede ou num muro, vai sofrendo diversas mudanças ao longo dos tempos. Associadas a mudanças de paradigma, contexto social e, sobretudo, a evoluções técnicas na forma trabalhar os materiais, estas transformações acompanharam e delinearam a evolução histórica da arquitectura. As alterações mais significativas deram-se com o eclodir da Revolução Industrial, iniciada em meados do século XVIII. Este facto viria a dar a conhecer nos séculos seguintes, novas características na arquitectura, que viriam a transformar de forma significativa o modo de fazer arquitectura. Com as evoluções técnicas a respeito da utilização do ferro, vidro e betão, tal como o uso do sistema de pilar e viga, a parede deixa assim de estar comprometida com a sua função estrutural, passando a ser vista como um elemento mais flexível. Os maciços de alvenaria, que sustentavam as rígidas construções, dão assim lugar a estruturas mais leves que permitiam um maior número de possibilidades na arquitectura e na concepção dos edifícios. Contudo, tal intenção também já acontecia muito antes da Revolução Industrial e do uso do vidro, que foi um material muito usado para esta prática de desmaterialização do limite. Uma maneira de criar uma relação visual entre dois espaços pode passar por subtrair matéria àquilo que é o elemento rígido de muro/parede.

A desmaterialização da barreira física, promove a desconstrução da caixa como objecto arquitectónico. Esta desconstrução enuncia aquele que é o momento de transposição do limite articulando duas realidades. Em arquitectos contemporâneos como Sou Fujimoto[4] é frequente encontrarmos esta procura pela desmaterialização do limite. Em projectos mais vanguardistas e conceptuais como o Serpentine Pavillion[5]de 2013, temos um conceito de limite diferente daquele que é o muro físico, que separa marcadamente o exterior do objecto arquitectónico e o seu interior. Neste caso o limite é suposto ter a aparência de uma nuvem geométrica que se ergue na paisagem. Para este efeito o pavilhão conta com uma estrutura tridimensional que compõe o limite do objecto, composta por finas barras de aço. Ela vai formar um anel semi-transparente, irregular, protegendo ao mesmo tempo os visitantes a partir dos elementos, permitindo-lhes continuar a fazer parte da paisagem.

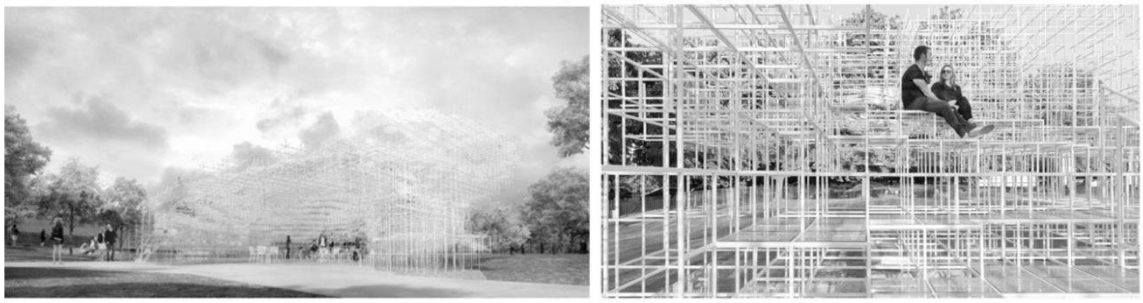


Ilustração 7- Serpentine Pavillion, Sou Fujimoto,2013. (Meinhold, 2013)

A desmaterialização do limite faz com que duas realidades se toquem, sejam elas de carácter oposto ou semelhante, vão influenciar toda a noção de habitar esse próprio espaço. O corpo apropria-se do espaço envolvente. Essa apropriação é influenciada por razões intrínsecas, a cultura, o psicológico, etc. ou por razões extrínsecas, pela condição da luz, pelo tipo de material utilizado, etc. Logo, habitar um espaço que seja rodeado por quatro paredes cerradas, ou habitar um espaço como o do Serpentin Pavillin, será totalmente diferente.

[4]Sou Fujimoto (1971) é um arquitecto japonês, formado na faculdade de engenharia da Universidade de Tóquio. Fundou o seu próprio atelier *Sou Fujimoto Architects* na mesma cidade, no ano 2000. A sua carreira de arquitecto já foi largamente premiada e reconhecida internacionalmente.

[5]Desde 2000, a Serpentine Gallery convida anualmente arquitectos de renome internacional para projectar um pavilhão nos espaços exteriores da galeria, abrigando um programa cultural de verão, funcionando como uma montra exclusiva para a arquitectura contemporânea que atrai cerca de 300 mil visitantes por ano, destacando-se regularmente como uma das 10 exposições de arquitectura e design mais visitadas do mundo.

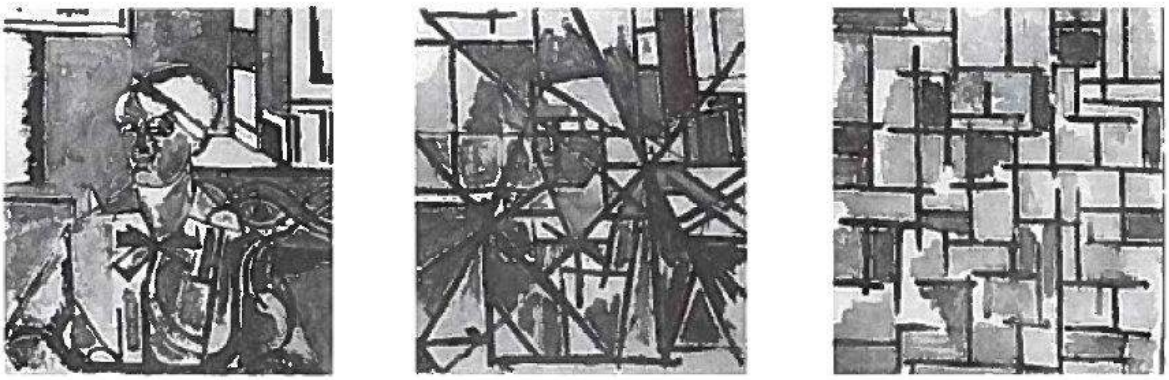


Ilustração 8 - Theo Van Doesburg, 1990. (Pinto, 2009, p.69)

Na arte, mais concretamente na pintura, encontramos também esta procura da dissimulação de limite. Neste caso na obra de Theo Van Doesburg[6] associada ao Neo-Plasticismo, onde podemos observar o processo de desconstrução e desfiguração daqueles que são os limites visuais estáticos esperados da pintura. Desta maneira, o artista, desmonta e desmaterializa a visão clássica que era esperada na representação artística. Na segunda e na terceira figura observamos a desfiguração dos limites, onde estes parecem sair e encontrar-se fora do quadro, introduzindo ritmo e movimento na obra. Desta forma Theo faz com que a sua obra se torne mais sugerente e aparente dissimulando o evidente.

Desta maneira concluímos que o limite não implica uma barreira física intransponível, a diferenciação de materiais entre espaços, a sua desmaterialização ou uma simples linha definida pela proximidade dos pontos, sugerem a noção de limite. É um factor que influencia a maneira como apropriamos e observamos o espaço.

[6]Theo van Doesburg (1883) foi um artista plástico artista plástico, designer gráfico, poetae arquitecto holandês. Este fundou o movimento De Stijl juntamente com Piet Mondrian em 1917. Acreditavam que a arte devia reconciliar as grandes polaridades da vida - “Natureza e intelecto”. Na sua obra arquitectónica destacam-se o restaurante «Aubette», que construira em Strassburg, em colaboração com Cornelius van Eesteren (1926-28), e a sua casa-estúdio de Val-Fleury, em Meudon (Hauts-de-Seine).

2.2. NOÇÃO DE LIMITE FÍSICO: INTERIOR / EXTERIOR

> A tensão entre interior e exterior. Na Arquitectura retiramos um pedaço do globo terrestre e colocamo-lo numa pequena caixa. E de repente existe um interior e um exterior. Estar dentro e estar fora. Fantástico. E isto implica outras coisas igualmente fantásticas: soleiras, passagens, pequenos refúgios, passagens imperceptíveis entre interior e exterior, uma sensibilidade incrível para o lugar (...). (Zumpthor, 2009,p.47)[7]

É através destes dois conceitos que nasce, nos primórdios da vida Humana, o conceito de Espaço e de Arquitectura. Com a necessidade do Homem em fazer uso de uma protecção, uma barreira que o protegesse dos perigos da vida a céu aberto, juntamente com a necessidade em dominar o espaço, nasce o conceito de Interior. Desta forma, podemos dizer que o espaço exterior é aquele que é constituído por todo o meio natural, e que o espaço interior é aquele que é utilizado pelo Homem, com a sua necessidade de criar um abrigo do espaço exterior, o que seria nos primórdios da vida Humana, uma caverna, por exemplo. Desta maneira o conceito Interior/Exterior sempre existiu na vida terrestre, daí os considerarmos como elementos físicos e inerentes á condição Humana. O conceito de caverna, remonta para tempos em que Homem se adaptava ao meio em que estava inserido, na Pré-História, mais tarde este conceito evolui, juntamente com a evolução do Homem, para algo que o próprio construía, utilizando o material que dispunha, percorrendo toda a história da Arquitectura, chegando até aos dias de hoje em que a Arquitectura é adaptada ao processo tecnológico que temos á nossa disposição.

Ilustração 9- A evolução da arquitectura desde os tempos da caverna até á contemporaneidade (ilustração nossa,2015)

[7]Peter Zumthor (1943) é um arquitecto suíço, formado em 1968 no Pratt Institute em Nova York. Em principio de carreira trabalhou em conservação de monumentos na Suíça. Este contacto com a história deu-lhe uma maior compreensão de construção e das qualidades de diferentes materiais. Em 1979 abriu atelier em nome próprio. Os seus projectos caracterizam-se numa abordagem minimalista onde a importância dos detalhes e dos materiais transformam a atmosfera de um espaço. Duas das suas obras mais emblemáticas são as Termas de Vals, e a Kunsthaus Bregenz. Entre várias publicações e prémios destaca-se o prémio Mies van der Rohe em 1999, e o Prémio Pritzker em 2009.

Estes dois domínios não se podem considerar como autónomos, visto que nenhum deles pode existir por si só, isoladamente. Desta maneira, o poder individual que cada uma delas, depende da sua relação de reciprocidade, da relação que as duas estabelecem entre si.

Segundo Noberg-Schulz[8], "Estar dentro" é, evidentemente, a intenção primordial do conceito de lugar, o que quer dizer, estar num sítio distinto do "exterior" (1984, p.30). A arquitectura pressupõe, a criação de um espaço que esteja protegido do exterior, da intempérie, tendo como consequência a existência de dois espaços distintos: o que alberga o objecto- exterior- e o que é contigo no objecto- interior. Estes dois conceitos não se assumem como autónomos, pois nenhum deles pode existir isoladamente. Tal como afirma Bruno Zevi[9], não existe um espaço interior sem haver um espaço exterior, e o limite, seja de que natureza for é a forma de materializar estas duas realidades.

> A arquitectura conhece duas possibilidades fundamentais de formação do espaço: o corpo fechado, que isola o espaço no seu interior, e o corpo aberto que abraça uma parte do espaço ligado ao contínuo infinito. (Zumthor, 2009, p. 20).

A relação entre estas duas realidades, tem sido explorada e vista ao longo do tempo de formas distintas. A sua evolução esteve sempre ligada aos avanços técnicos e construtivos que se fizeram sentir na arquitectura, bem como às mudanças de paradigma e comportamento social. Durante vários séculos o Interior e o Exterior, foram mesmo concebidos como absolutos e opostos. Por um lado, através de edifícios que, pelos seus limites austeros e cerrados, onde o espaço interior ficava para segundo plano. Estes, eram assim concebidos para serem admirados através do seu exterior, tendo assim a condição equiparável a objectos escultóricos. Por outro lado, temos a criação de edifícios que manifestavam uma ânsia pelo interior puro e absoluto.

De diversas maneiras, Exterior e Interior foram assim surgindo de maneira bem definida nas construções, apresentando-se quase sempre como realidades opostas. O século XX trouxe uma revolução completa neste domínio. Porém, no século XIX, surge uma busca constante pela criação de espaços dinâmicos e infinitos, conferindo muitas vezes a esta relação, que até então era polarizada, um carácter ambíguo. Desta maneira,

[8]Christian Norberg-Schulz (1926-2000) era um arquitecto norueguês, historiador de arquitectura. Apesar de Norberg-Schulz ter trabalhos como arquitecto no seu país de origem, ele é conhecido internacionalmente tanto pelos seus livros sobre a história da arquitectura e pelos seus escritos sobre teoria.
[9]Bruno Zevi (1918-2000) foi um arquitecto e urbanista italiano, conhecido sobretudo como historiador e crítico da arquitectura. É diplomado em 1942 pela *Graduate School of Design* da Harvard University que, na época, era dirigida por Walter Gropius. Durante sua temporada nos Estados Unidos, recebeu fortes influências da arquitectura orgânica e principalmente de Frank Lloyd Wright.

estas duas realidades, nem sempre podem ser interpretadas como conceitos absolutos. Estas, muitas vezes assumem um maior grau de complexidade. Assim, nascem os espaços ambíguos que se situam entre o estar “dentro” e o estar “fora”, que aprofundamos mais á frente, designando-os por Interespaços.

Com a necessidade de dissolver estas duas realidades, opostas e de naturezas distintas, surge uma intenção expressa de explorar as relações entre estas duas. A arquitectura não é somente feita de duas realidades distintas e definidas como o Interior e o Exterior, mas sim de realidades ambíguas que não se sabe bem a que campo pertencem e enriquecem o espaço com o seu carácter ambíguo. Zevi afirma em *Saber Ver a Arquitectura* “O caminhar do homem não se dá apenas no interior ou no exterior, mas consecutivamente num e noutro". Ou seja, a linha entre interior/exterior é ténue e muitas vezes dissolvida de tal maneira que o carácter espacial é difícil de definir, não se sabendo se estamos numa realidade ou noutra.

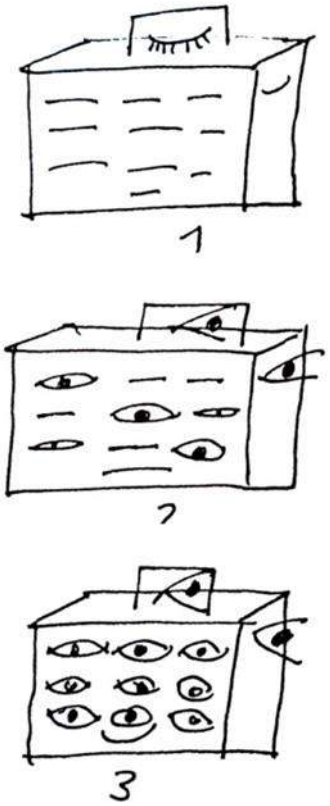


Ilustração 10 - Ilustração de Alberto Campo Baeza. (Baeza, 2009, p. 64)

> "O que é nós […] queremos ver, quando estamos lá dentro? O que é que eu quero revelar? E qual é a referência que com o meu edifício levo até ao público? Pois este comunica sempre com a rua ou com a praça."(Zumthor, 2009, p. 49)

Este desejo de dissolver e desmaterializar estas duas realidades, é demonstrado pelo arquitecto Le Corbusier[10], tendo nesta base, criado aquilo a que chamou de *Os Cinco Pontos da Nova Arquitectura*. Com a criação e utilização do sistema *dom-inó* – uma construção de tipo esqueleto em que a estrutura composta por lajes e pilares se tornava independente dos limites exteriores – o arquitecto liberta assim, as paredes das suas funções estruturais, criando a ideia de *fachada livre*. Este tipo de construção permitia-lhe criar a janela livremente, uma pele de vidro horizontal, rasgada na parede, introduzindo assim, o conceito de *fenêtre à longueur*. Desta maneira, conseguia libertar o olhar moderno, flutuando pela paisagem de forma cinemática através de faixas de luz, talcomo acontece na sua obra Villa Savoye[11].

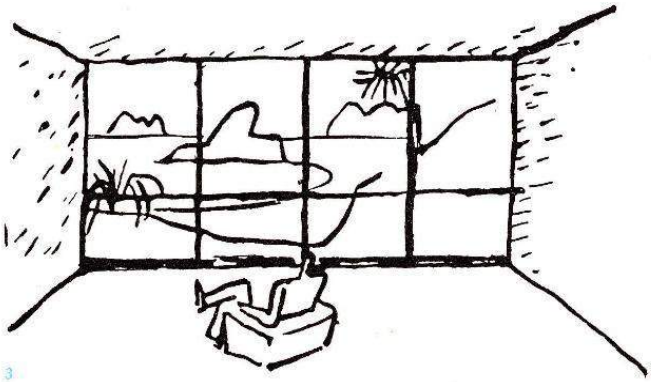


Ilustração 11- Ilustração de Le Corbusier. (Arch Groupie, 2012)

Em contraste a um enclausuramento, que obtemos na construção de um volume uno, que nos limita do mundo Exterior, surge uma arquitectura que procura a transparência, onde se pretende um contacto directo com o seu exterior. Esta arquitectura que procura a transparência, encontra-se associada a um aumento da superfície vidrada, levando ao desaparecimento da janela tradicional.

[10] Le Corbusier (1887-1965) – Arquitecto, urbanista e pintor francês nascido na Suiça, personagem emblemática do século XX. A sua tendência predominante é moderna, mas a obra deste mestre vai desde experimentações expressionistas como o Le Rochamp até ao modelo da Vile Savoye passando pelo funcionalismo da *Unité d'habitation.*

[11] A Villa Savoye é uma casa projectada em França pelo arquitecto Le Corbusier. A residência é responsável por influenciar o pensamento projectual de diversos arquitectos em todo o mundo devido à síntese que faz das ideias do seu arquitecto com relação à nova arquitectura que sugeria para um século, que segundo o próprio, seria marcado pela máquina, pela razão e pelo progresso. Segundo Le Corbusier, a *casa é uma máquina de morar* e a Villa Savoye foi projectada seguindo tal ideia de forma plena.

Arquitectos como Mies Van der Rohe[12] e Luís Barragan[13] utilizam também essa transparência nos seus projectos. A parede de vidro é uma barreira física e impenetrável fisicamente, mas não visualmente, dissolvendo assim a barreira entre Interior/Exterior, criando uma continuidade entre estas duas realidades.

Ilustração 12 - Casa Studio, Luis Barragan , 1948 (Duque, 2013)

Ilustração 13 - Farnsworth House, Mies Van Der Rohe, 1951, Teresina Orie Agresta. (Sixten Sasons, 2015)

Esta dissimulação das duas realidades não se dá apenas através de elementos lineares, como o vidro. O espaço é também um elemento atenuador e de ligação entre o Interior-Exterior. Este espaço faz a ligação entre as duas realidades e serve de intermediário entre ambos. Temos o exemplo do templo grego, onde o peristilo[14] é o espaço que faz a fronteira entre o Exterior com o Interior. Este espaço assemelha-se a um corredor coberto e circundante, aberto lateralmente através de uma colunata que circunda a estrutura central. Desta maneira, a entrada no templo não é feita directamente do Exterior, do espaço a céu aberto, para o seu Interior[15]. O peristilo faz assim uma atenuação e hierarquia no espaço existente, onde o percurso é feito de forma gradual. Este espaço funciona assim como um limite habitado, sendo um limite que não se encerra sobre si mesmo, deixando fluir em si as relações de Interior/Exterior. “Um espaço não encerrado, mas literalmente fechado, […]” (Zevi, 2011, p. 65).

[12] Mies Van der Rohe (1886-1969). Arquitecto e professor alemão naturalizado na América, é uma figura emblemática da tendência modernista. A sua obra é protagonista de uma arquitectura racional, funcional e cosmopolita. Autor do lema *Less is more*.

[13] Luis Barragán (1902-1988). Arquitecto mexicano de destaque na Arquitectura do século XX e vencedor de Prémio *Pritzker* em 1980. Sua obra remete para a revalorização da luz natural, das formas arquitectónicas puras e dos métodos vernáculos.

[14]O peristilo é uma característica típica nos templos gregos. Circundava a estrutura central (por vezes tripartida: nau, pronau e opistódomo) dos templos.

[15]Este Interior era nalguns casos, a céu aberto, mas consideramo-lo como espaço interior.

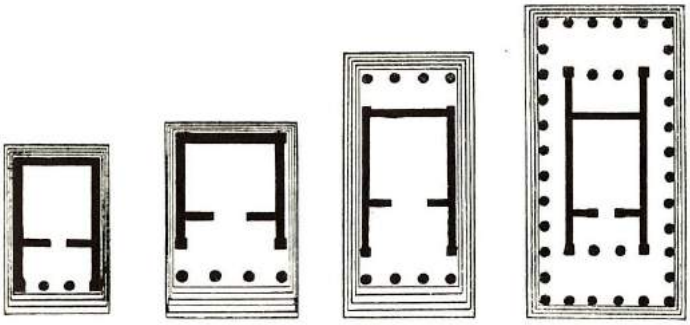


Ilustração 14 – Evolução planimétrica do templo grego, apresentando assim o peristilo. (Zevi, 2011, p. 49)

Quando estes dois domínios de Exterior/Interior se fundem, quebrando a barreira que os separa, para deste modo estabelecerem uma relação de reciprocidade, surge um terceiro domínio. Este assume-se como neutro, mas também ambivalente. Tem um carácter indefinido e não se sabe a que realidade pertence. Revela-se intermédio e intermediário. Este permite o diálogo e a transição, é um intervalo, um espaço entre – um limite que separa duas realidades concretas. É sobre este domínio que trata esta dissertação. Dá-se então lugar aos Interespaços, aparecem as aberturas, as passagens, os corredores, as galerias, os pátios, entre outras relações, potencializando assim a arquitectura.(Pinto, 2007). O habitar não acontece somente no exterior, ou no interior, havendo a necessidade de ligar estes dois acontecimentos, proporcionando espaços semi-interiores ou semi-exteriores. Tal como refere Venturi, a arquitectura ocorre no encontro de forças interiores e exteriores de uso de espaço, e é desta maneira que se produzem espaços de fusão onde o limite é o próprio espaço, objecto de habitar e não apenas uma barreira bidimensional que separar o exterior do interior. Contudo, aprofundaremos mais á frente este conceito de Interespaço.

Para uma melhor compreensão destas duas realidades, a que se refere este capítulo Interior/Exterior, achamos importante também referir a importância do diálogo da obra arquitectónica com o lugar em que está inserido.

Considerando o lugar como o espaço Exterior primordial, é fundamental compreender a maneira como este penetra no espaço Interior, observando como este espaço Interior reage às características do meio que o rodeia e a maneira de como este vai influenciar o espaço interno.

Norberg-Schulz cataloga os vários modos de um edifício se relacionar com o espaço que o delimita - o modo como se apoia, como se ergue, e como se abre (1984, p.177). Desta forma o Interior e o Exterior são apreendidos de modo unido e simbiótico na

arquitectura, de forma a fazerem parte da mesma substância. A forma como o edifício se apoia, é importante no modo como este se ancora ao lugar, se este está fortemente ancorado ao plano do chão, se está acima ou abaixo do plano e assim determina a sua escala humana e como se relaciona com o lugar. O modo como *se ergue* influi na percepção da silhueta do edifício e a forma de como este se relaciona com o céu. Por ultimo, a forma como *se abre,* determinada assim a relação de Interior/Exterior, através de mecanismos de transição, e da diluição de barreiras entre estes.

Este fenómeno da absorção da essência do lugar, está bem presente em alguma da arquitectura de Álvaro Siza Vieira[16]. Vejamos o caso da Casa de Chá da Boa Nova[17], em Leça da Palmeira. A obra está inserida no topo de promontório rochoso, implantada neste local de forma a parecer que desde sempre ali estivera, de forma suave e com planos inclinados na sua cobertura, a obra revela-se delicada e parte integrante da paisagem. No seu interior, esta cria uma perfeitamente relação com o seu exterior, o lugar. Através de aberturas colocadas estrategicamente, o exterior transporta-se e penetra o espaço interno, criando uma relação simbiótica entre as duas realidades.

Ilustração 15 - Casa de Chá da Boa Nova, Siza Vieira, 1963 (STEVENS, 2014)

[16]Álvaro Siza Vieira (Matosinhos, 25 de Junho de 1933) é o mais conceituado dos arquitectos Portugueses. Formado na Escola Superior de Belas Artes do Porto, a sua obra é reconhecida por todo o Mundo pela sua identidade e qualidade única. Da sua extensa lista de projectos podemos destacar a Piscina de Marés, a reabilitação do Chiado, e a Casa de Chá em Leça da Palmeira. Ao longo da carreira recebeu inúmeros sendo o primeiro arquitecto português a receber o Pritzker em 1992

[17]Casa de Chá da Boa Nova (1958 a 1963), projecto do arquitecto Álvaro Siza Vieira. Prova de como é possível construir o novo sem descaracterizar os lugares e a sua identidade. Foi mandada construir pelo Presidente da Câmara Eng. Fernando Pinto de Oliveira. Em 1991, a Casa de Chá, teve a intervenção deste arquitecto não só na arquitectura, como na criação do mobiliário e decoração adequada, que até hoje permanece.

Ilustração 16 - Casa de Chá da Boa Nova, Siza Vieira, 1963. (Ilustração nossa, 2013)

Desta maneira, consideramos a importância de fluir e de vivência entre estas duas realidades, pois acreditamos que é que neste limbo que está o espaço vivencial entre do homem, dando origem aos Interespaços que aprofundamos mais á frente na dissertação.

Peter Zumpthor, descreve a simbiose entre o exterior e interior, como aquilo que considera uma das realidades mais entusiasmantes na sua profissão como arquitecto."Há qualquer coisa de especial na arquitectura que me fascina e de gosto muito. […] Estar dentro e estar fora. Fantástico." (Zumthor, 2009,p. 47).

2.3. NOÇÃO DE LIMITE ABSTRACTO : PÚBLICO / PRIVADO

> [...] diluir o limite entre o espaço público e o espaço privado criando sempre que possível vazios, lugares indefinidos entre o fora e o dentro, porque entendemos que é nesses territórios neutros que de uma forma mais descontraída as pessoas podem encontrar-se. (Carbone, 2015, p. 47)

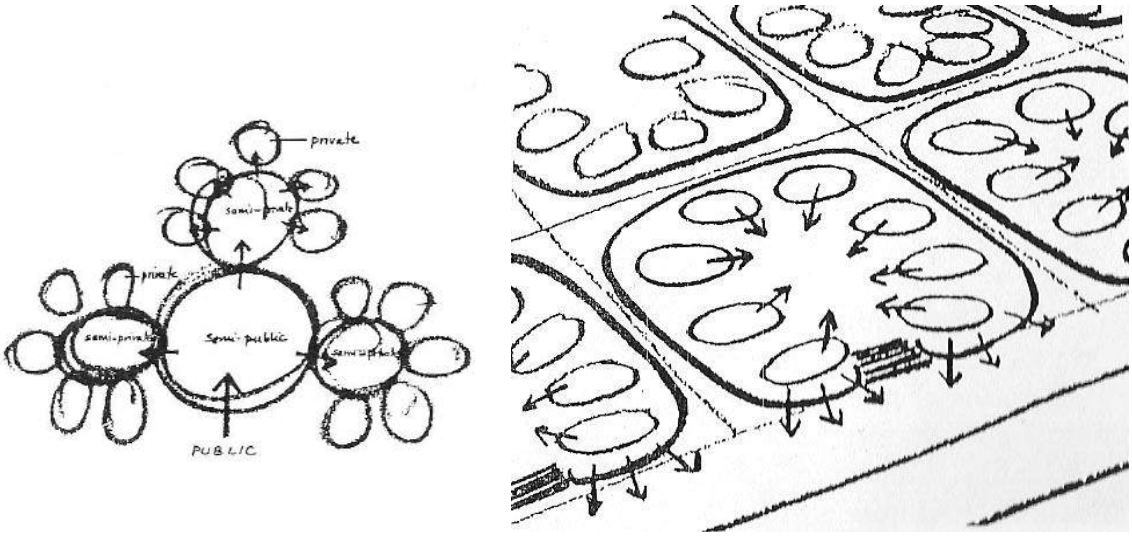


Ilustração 17 - Esquema representativo das relações entre espaço Público e Privado. (Gehl, 2006,p. 59)

Sobre esta temática, Herman Hertzberger[18], afirma em *Lessons for students in architecture* que "num sentido mais absoluto, podemos dizer: pública é uma área acessível a todos a qualquer momento, a responsabilidade pela sua manutenção é assumida colectivamente. Privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la". (2005, p. 12)

Desta maneira, o espaço público é geralmente associado ao espaço onde acontece a acção colectiva. Um espaço partilhado e aberto a todos, no fundo, um espaço exterior. Por outro lado, o espaço privado está geralmente associado a um refúgio onde existe a intimidade e o conforto, sendo assim, um lugar que nos protege como uma fortaleza, um espaço interior, inerente á condição humana de se proteger e em criar o seu próprio

[18]Herman Hertzberger (1932) é um arquitecto Holandês licenciado pela Universidade Técnica de Delft em 1958, onde mais tarde foi professor entre 1970 e 1999. Mais do que a sua obra construída, os seus livros foram amplamente reconhecidos e publicados. A sua obra teórica reflecte uma procura de uma noção social, e corporal do espaço. Hertzberger procura a relação da arquitectura com o corpo, o seu impacto social, conotações perceptuais e apropriação do lugar por parte do utilizador. Um dos seus projectos que ilustra os seus ensaios teóricos é a escola Montessori em Delft. Em 2012 foi galardoado com a medalha de ouro pelo Royal Institute of British Architects.

espaço de protecção. O domínio exterior, é assim, de todos, logo de ninguém em particular, enquanto que o domínio interior pertence ao individuo.

Consideramos estas duas realidades como abstractas, no sentido em que advêm de uma necessidade do ser Humano, das suas relações sociais e da questão de colectividade e individualidade. Associados aos conceitos de espaço físico, como interior e exterior, surgem conceitos que se regem por categorias de uso, como público e privado. Enquanto que um espaço interior e um espaço exterior têm características inerentes á condição do ser humana, por exemplo numa caverna conseguimos identificar o seu espaço interior sem a existência e intervenção do Homem. A realidade Público/Privada advém de factores criados pelo Homem, que aparecem com a necessidade em criar hierarquias de espaços e de se apropriarem do mesmo, que advêm de sintomas da desintegração das relações humanas básicas (Hertzberger, 2005, p. 12).

> […]quando este invólucro está de repente à nossa volta e nos reúne e segura, quer sejamos muitos ou apenas uma pessoa. Desenrola-se então o jogo entre o individuo e o público, entre a privacidade e o público. (Zumthor, 2009, p. 47)

Ilustração 18 - A colectividade e a individualidade. (Ilustração nossa,2015)

Desta forma, associamos os domínios de Publico/Privado aos de Colectividade/Individualidade. Hertzberg, define-os como "a tradução em termos espaciais de colectivo e individual " (2005, p.12). Assim, o espaço Privado surge no confronto com a existência por parte do Homem, com um espaço Público, e é através da criação de um limite neste espaço comunitário, que o espaço Privado é criado.

Para demonstrar porque consideramos esta dualidade como abstracta, temos o exemplo de zonas que têm o propósito de ser Públicas, mas os indivíduos adaptam-se a estes espaços como sendo Privados. Logo o carácter atribuído ao espaço advêm da apropriação que dele fazem, que depende de diversos factores, e não de algo físico e garantido no ambiente terrestre. A mediação entre privado e público é transversal a várias escalas, desde o interior da habitação, ao edifício, à rua, ao bairro e à cidade. Na ilustração seguinte verificamos uma rua que tem o propósito de ser pública, mas os seus utilitários usavam-na para fins privados, como se do seu espaço se trata-se. Ou seja, a caracterização de um espaço como Público ou Privado, depende do modo como o usuário dele se apropria, podendo assim afirmar que a diferença entre espaço Público e espaço Privado é a correspondente apropriação da pessoa a que o espaço pertence.

Ilustração 19 - Rua Holandesa século XIX. (Hertzberg, 2005, p.16)

A importância de criar um espaço privado, é importante, para que o usuário crie o seu próprio ponto de referência e a partir deste se posso orientar e relacionar com aquele que é o domínio Público/Exterior. Contudo, este ponto de referência, só será plausível, se no domínio Privado, o usuário conseguir estabelecer uma relação de apropriação e de pertença com o espaço, visto que sem "um lugar que posso chamar seu, você não sabe onde está." (Hertzberg, 2005, p. 28)

Da mesma maneira, que no capítulo anterior, provámos que a linha entre interior e exterior pode ser muito ténue e dissimulada, o mesmo acontece entre o espaço público e o espaço privado. A divisão rígida entre estas duas áreas pode ser eliminada de diversas maneiras. Geralmente são criadas hierarquias de espaço, daí os termos semi-público; semi-privado. O caso das galerias, em edifícios que têm como objectivo a acesso ao maior número de pessoas possíveis, têm a função de dissimular o mundo público do mundo privado, fazendo com que a barreira entre estas duas realidades não seja abrupta. As galerias servem assim para explorar os espaços interiores públicos e por onde circulam os pedestres. As passagens altas e compridas, iluminadas de cima graças ao telhado de vidro, dão nos a sensação de um interior: deste modo estamos do lado de “dentro” e de “fora” ao mesmo tempo. "O conceito de galeria contém o princípio de um novo sistema de acesso no qual a fronteira entre o público e o privado é deslocada e, portanto, parcialmente abolida; em que, pelo menos do ponto de vista espacial, o domínio privado se torna publicamente mais acessível." (Hertzberg, 2005, p. 78)

Ilustração 20 - Galeria Passage Choiseul, Paris, (Hertzberg,2005,p.86)

Ilustração 21 - Galeria, Centro Comercial Vasco da Gama. (Ilustração nossa, 2015)

O caso do alpendre é um outro exemplo de espaço que está no limiar de Publico/Privado quando falamos de habitação. No projecto De Drie Hoven[19], podemos observar essa, mesmo, ténue separação. A estrutura da planta do edifício, organiza-se de modo a que as várias alas habitacionais em torno de pequenas praças habitacionais, que por sua vez se ligam a um átrio central. O alpendre funciona aqui como uma "rua" que faz a ligação entre as diferentes unidades de habitação. Sendo o alpendre um espaço que está fora do que é o domínio privado da habitação, os seus moradores consideram-no como parte integrante da sua casa, cuidando dele e deixando ali as suas coisas, como se da própria habitação se tratasse. É no entanto um espaço acessível a qualquer transeunte, que faz a ligação com o domínio exterior.

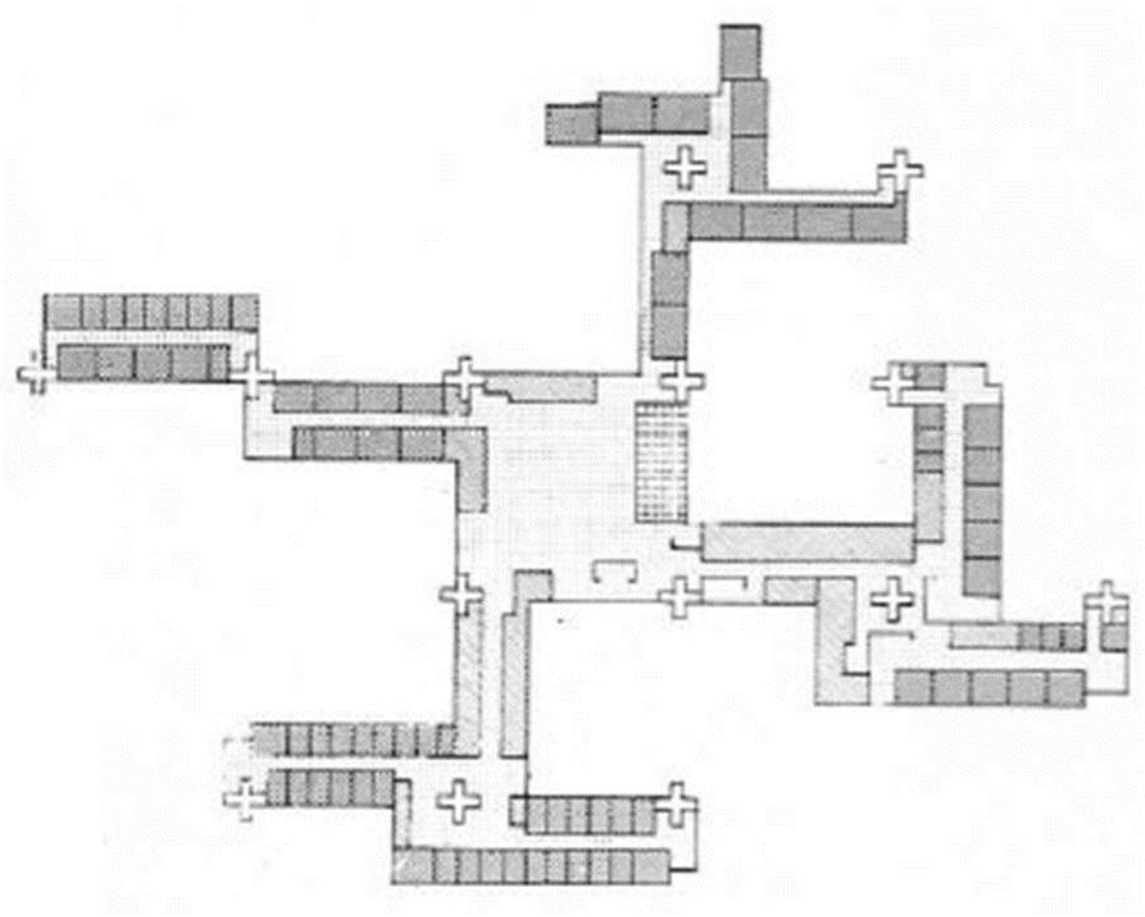


Ilustração 22 - Planta do Edifício De Ddrie Hoven, Holanda, 1974 (Hertzberg, 2005, p.61)

[19] Edifício residencial para idosos em Amsterdão (Slotervaart) de 1974, do arquitecto Herman Hertzberger.

Ilustração 23 - O alpendre, De Drie Hoven, Holanda. (Hertzberg, 2005, p. 62)

Ilustração 24 - O alpendre, De Drie Hoven, Holanda. (Hertzberg, 2005, p.63)

"O conceito de intervalo é a chave para eliminar a divisão rígida entre as áreas com diferentes demarcações territoriais. A questão está, portanto, em criar espaços intermediários que, embora do ponto de vista administrativo possam pertencer quer ao domínio público quer ao privado, sejam igualmente acessíveis para ambos os lados, isto é, quando é inteiramente aceitável, para ambos os lados, que o "outro" também possa usá-lo", afirma Herman Hertzberger em *Lessons for students in architecture.* Também com o objectivo de assegurar a privacidade nos espaços interiores, a integração de barreiras físicas, de zonas-tampão e de espaços que consideramos como Interespaços, como alpendres, átrios, pátios e circulações são estratégias eficazes na substituição do papel das grossas paredes.

Logo, o limite tem assim a importância fulcral em separar o Público/Privado e na maneira de como estes se relacionam entre si. A simbiose entre os dois domínios só existirá se a separação entre os dois não for abrupta, terá de ser então de forma gradativa, havendo desta maneira uma reciprocidade vivencial entre os dois. Desta forma, consideramos que o percurso do Público para o Privado seja feito de forma a integrar um no outro, permitindo a interpenetração do interior no exterior, e vice-versa. Falamos então de uma transição que se deixa contaminar pelas duas realidades que a rodeiam, tal como vimos anteriormente no caso do alpendre do projecto De Drie Hoven.

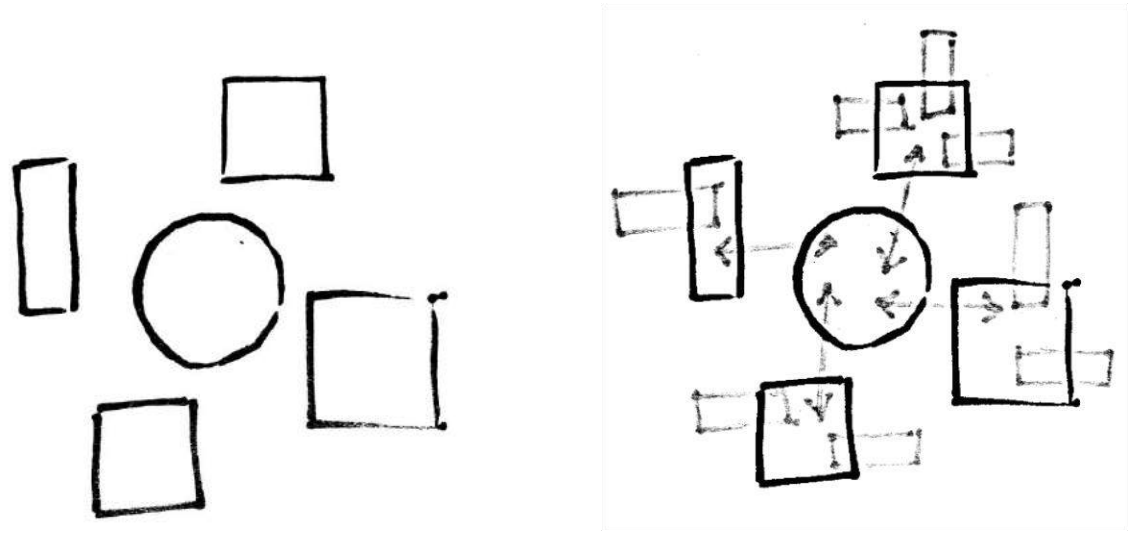


Ilustração 25 - Esquema conceptual das relações entre espaços no projecto De Drie Hoven. (Ilustração nossa,2015)

Consideramos então que é nestes espaços in-between, espaços de carácter ambíguo, que pertencem aos dois domínios, e que nesta dissertação designamos por Interespaços, que ocorrem as relações e as comunicações entre pessoas. “ [...] diluir o limite entre o espaço público e o espaço privado criando sempre que possível vazios, lugares indefinidos entre o “fora” e “dentro” porque entendemos que é nesses territórios neutros que de uma forma mais descontraída as pessoas podem encontrar-se." (Carbone, 2015, p. 47)

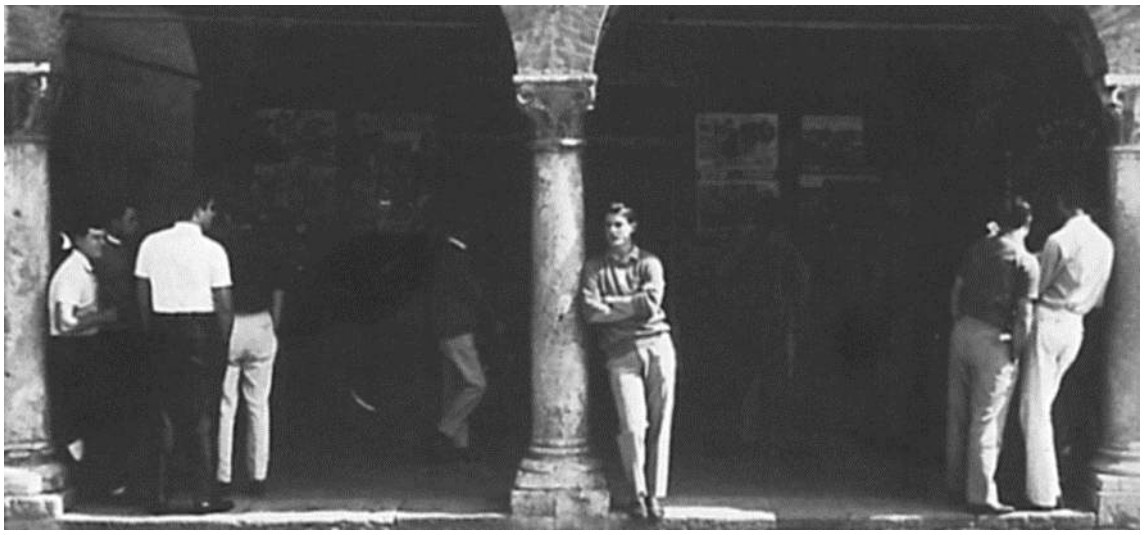


Ilustração 26 - A vivência nos espaços de intervalo. (Gehl, 2006, p. 148)

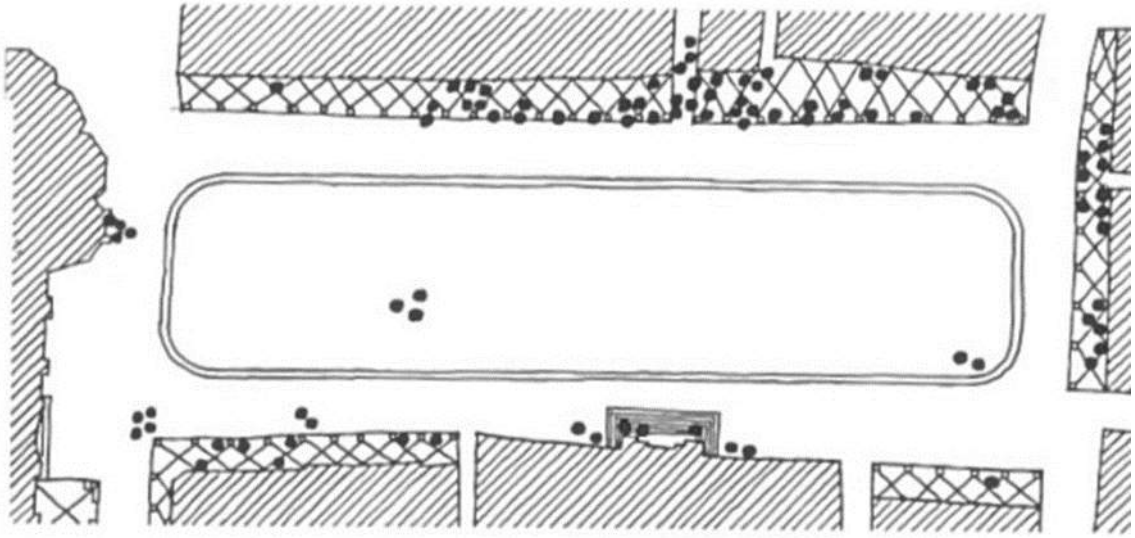


Ilustração 27 - A apropriação do espaço em zonas de intervalo. (Gehl, 2006, p. 148)

Na figura anterior podemos observar zonas de intervalo, que estão entre as duas realidades, onde as pessoas, tendem a permanecer. Segundo o autor Jan Gehl[20],em *Life between buildings*, tal acontece devido ao facto de estas serem zonas de fácil acesso e de fronteiras flexíveis o que torna o espaço mais acessivel, fisíca e pricologicamente-*"*Flexible boundaries in the form of transitional zones that are neither completely private nor completely public, on the other hand, will often be able to function as connecting links, making it easier, both physically and psychologically, for residents and activities to move back and forth between private and public spaces, between in and out*"* (2006, p. 113) -outros dos motivos é devido ao facto de ao nos encontrarmos nestes espaços, conseguirmos observar as duas realidades "Popular zones for staying are found along the facades in a space or in the transitional zone between one space and the next, where it is possible to view both spaces at the same time."(2006, p. 149)

O autor defende também que estes espaços e a hierarquia de espaços públicos para espaços privados são essenciais para a uma boa interacção entre a população e as relações do dia-a-dia- "The need to create subdivisions and groups in order to make democratic processes function is evident in places of work, associations, schools, and universities"(2006- p. 151)- bem como em relacionar estes espaços privados com os espaços privados residenciais- "Establishing residential areas so that there is a graduation of outdoor spaces with semipublic, intimate, and familiar spaces nearest the residence also makes it possible to know the people in the area better, and the exprience of outdoor spaces as belonging to the residential area results in a greater degree of surbeilance and collective responsibility for this public space and its residences. The public spaces become part of the residential habitat and are protected against vandalism and crime in the same way that the residences themselves are safeguarded." (2006, pp. 59-61).

A ambiguidade entre o carácter do espaço físico e o uso que dele é feito, aproxima-se assim das qualidades dos Interespaços, precisamente entre os domínios e realidades opostas e, por isso, não são concretos ou claros quanto á sua definição.

[20]Jan Gehl (1936) é um arquitecto e urbanista dinamarquês, professor universitário aposentado e consultor, cuja carreira foi construída com base no princípio de melhorar a qualidade de vida urbana. Gehl obteve o grau de Mestre em Arquitetura da Academia Real de Belas Artes da Dinamarca em 1960 e exerceu a arquitetura entre os anos de 1960 e 1966, quando recebeu uma bolsa de pesquisa da instituição para "estudos da forma e função dos espaços públicos", momento a partir do qual passou também a ser professor na Academia e professor visitante em diversos países, como Canadá, Estados Unidos, Nova Zelândia, México, Austrália, Alemanha, Polônia e Noruega. É sócio fundador da Gehl Arquitetos – Consultores em Qualidade Urbana.

3. O LIMITE HABITÁVEL NA ARQUITECTURA

3.1. NOÇÃO DE HABITAR

A Arquitectura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que encerrem o espaço, mas precisamente do vazio, do espaço encerrado, do espaço interior em que os homens andam e vivem. (Zevi, 1996, p.18)

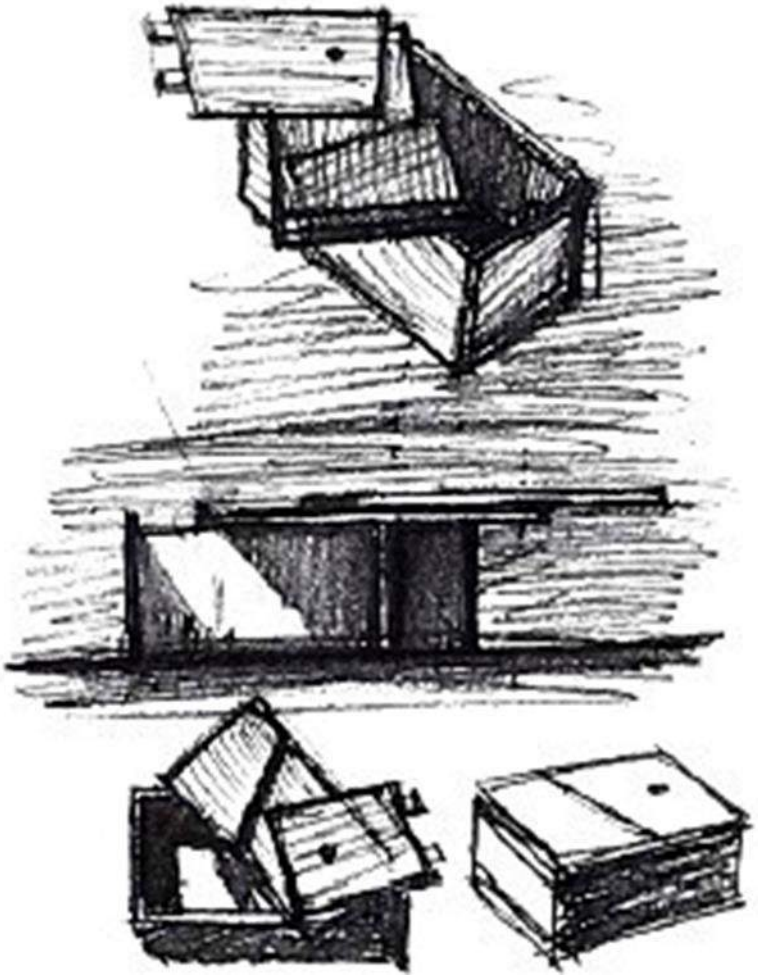


Ilustração 28 - A caixa. (Pinto, 2009, p. 25)

Tendo já reflectido sobre os elementos que estão na origem do espaço arquitectónico e que interferem no conceito de Interespaço, falemos então deste mesmo e de como o espaço e o Habitar se dizem os protagonistas da arquitectura.

O espaço é o elemento que nos faz viver a arquitectura, seja ele interior/exterior, público/privado, cheio/vazio.

Comecemos primeiramente por aquilo a que associamos á ideia primordial de espaço, enquanto objecto construído- a "caixa" habitada.

> A caixa reporta-se a um artefacto concreto, que além de ter implícito o esquema geométrico elementar cubo-paralelepipédico sugere o volume vazio, imagem espacial de interioridade, inclusão e concavidade, propriedades topológicas que lhe conferem sentido utilitário de receptáculo destinado a acolher, a ser penetrada, vivida e habitada por algo (ar, objectos, olhar, imaginação...) a qual se tem de algum modo acesso por um dos lados, tornando-se propensa á criação de sentidos poéticos que se inscrevem na própria arquitectura. (Pinto, 2009, p.26)

A caixa é assim referida metaforicamente como o objecto arquitectónico. Como já referimos anteriormente, desde a mais remota existência do Homem na Terra que existe a necessidade de criação de um habitáculo, que vai desde a ideia da cabana primitiva, a tenda, a casa, etc. "Habitar enquanto retorno ao simples e básico, longe de constituir novidade, foi tema ao longo da história da arquitectura, relacionando-se directamente com o abrigo ou com a cabana inicial [...]". (Silva, 1999, p. 61). Estas habitações tornam-se o palco de diversas facetas inerente á condição da vida humana, que divergem de pessoa para pessoa, socialmente, culturalmente e economicamente. A arquitectura passa, assim, a ser uma vivência pessoal e intransmissível, criando significados e sensações, assumindo uma dimensão simbólica, como resultado de um sentimento de pertença da pessoa ao seu lugar de habitar.

As interpretações que o Homem conhece de espaço, que se conseguem formar na nossa mente, estão obviamente limitadas àquilo que somos capazes de conhecer e compreender. Logo, compreendemos assim que o Homem, tenha ideias gerais próprias, como os conceitos de espaço e de tempo, e essa é uma experiência de cada um, pessoal e intransmissível, que define o carácter e as condições do espaço, configurando assim a sua capacidade preceptiva.

> Se o Homem como animal se refugiou nas cavernas, e como ser racional construiu a cabana, o Homem como ser culto, criador, concebeu a casa como morada para habitar. E é neste ponto que nos encontramos. (Baeza, 2004, p. 57).

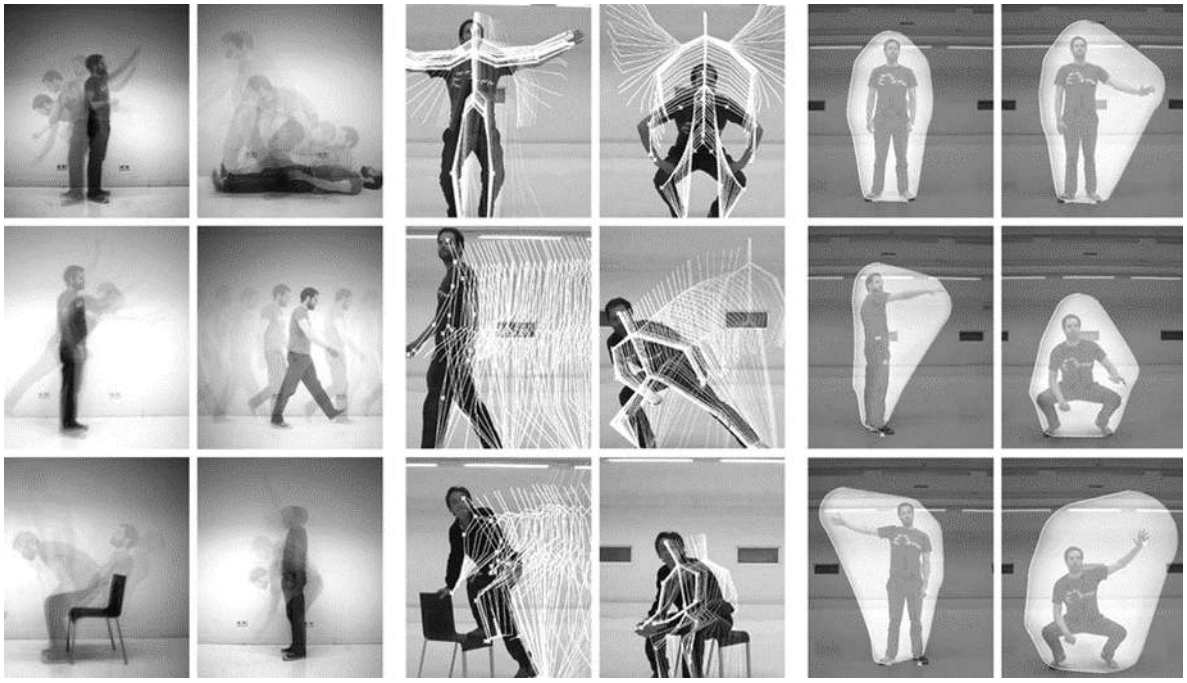


Ilustração 29 - Imagem ilustrativa do conceito de habitar e apropriação de espaço. (Rawn, 2015)

A caixa como habitáculo abrangente e comum a todo o espaço arquitectónico, é feita de apropriações e experiências que fazem com que esta se torne inerente às diversas formas de habitar. É o abrigo que o Homem tem de todas as suas actividades do dia-a-dia e o protegem do resto do mundo. "A obra dá-se como presença que se abre á "vivência" do habitar reclamando formações vitais de sentido, pois a arquitectura é, na sua condição mais existencial, a caixa habitada, contentora de vida e de movimento, apta a realizações e virtualidades de vivências." (Pinto,2007, p.28)

> A partir do pensamento de Heidegger, pode-se inferir que a arquitectura, sendo a disciplina que rege conceptualmente os actos de construir os espaços para a vivência do ser humano no seu sentido mais geral, inclui forçosamente o Habitar não apenas referindo a um alojamento, mas sim em todo o seu universo. (Toussaint,1999, p. 55).

O Habitar vai muito para além do objecto da caixa. " A caixa pode ser artisticamente trabalhada, ousadamente esculpida, esburacada com gosto, pode constituir uma obra-prima, mas continua a ser uma caixa." (Zevi, 2011, p.20). A arquitectura é a caixa, o habitar é a apropriação que o Homem faz não só do interior da caixa, mas sim com do seu exterior e com o seu envolvente. O Homem habita o interior de um espaço e apropria-se do mesmo, cria vivências, experiências e memórias que o fazem ter uma ligação com esse espaço que o leva a considerar como seu. Por exemplo, numa habitação, cada individuo tem uma casa que considera como sua, que tem esse

significado devido á apropriação que o individuo tem com o espaço. Mas para além de considerar a casa como sua, tem uma forte relação com todo aquele que é o envolvente da casa, a rua, o bairro. Anteriormente, quando abordávamos o tema de Publico/Privado, referimos que o Homem tem a necessidade de ter o seu próprio espaço, que advém do sentido inerente de individualidade. Com o habitar e com a apropriação do espaço acontece exactamente o mesmo, surge como resposta à procura de um espaço próprio, um território próprio de cada um. Tudo isso deriva de um conjunto de memórias e de relações que estabelecemos com o universo que nos rodeia." [...] o alojamento não é um elemento isolado em si, mas tem forçosamente um contexto social e urbano que amplia conceptualmente o habitar." (Toussaint, 1999, p. 57).

Esta questão da apropriação e dos valores de uso que nos levam ao conceito de Habitar, faz nos então questionar, se tudo aquilo que é construído tem o potencial de ser habitado, no sentido literal que reflectimos anteriormente. Ou seja, será construção sinónima de habitação?

> Só chegamos ao habitar, assim parece, por meio de construir. Este, o construir, tem aquele,o habitar, como meta. No entanto, nem todas as construções são moradas. Uma ponte e o edifício de um aeroporto; um estádio e uma central energética; uma estação e uma auto-estrada ; o muro de contenção de uma represa e a nave de um mercado são construções mas não são casas de habitação. Não obstante, as construções mencionadas estão na região do nosso habitar. Esta vai além dessas construções; por outro lado, porém, não se limita à casa de habitação. Para o camionista, a auto-estrada é a sua casa, mas ele não tem aí o seu alojamento; o engenheiro que dirige uma central energética está aí em casa, mas não habita aí. Estas construções albergam o homem. O homem mora nelas, e no entanto não habita nelas, se habitar significa unicamente ter alojamento. (Heiddeger, 2010, p.349)

Heiddeger no seu texto, *Construir, habitar e pensar*[21]explica então a diferença que entende por habitar e viver o espaço construído. Habitar é apropriarmo-nos de um espaço como nosso, onde criamos as nossas memórias e onde o sentido de pertença existe.

[21] Ensaio realizado por Heidegger em 1951. O autor realizava um pensamento referente ao modo de habitar. Visto que nesta época a Alemanha estava a passar por uma dificuldade no que diz respeito à habitação, porque muitos edifícios tinham sido destruídos durante a segunda Guerra Mundial. Este ensaio, é uma reflexão sobre esses edifícios destruídos e ao modo de como as pessoas habitavam esses espaços.

Mais que qualquer outra forma de arte, a arquitectura consegue despertar todos os nossos sentidos. A passagem do tempo, a luz, a sombra, as transparências, as cores, as texturas, os materiais e os detalhes, fazem todas parte dessa experiência envolvente que é a de habitar um espaço. Ao percorrer um espaço o nosso corpo encontra-se em constante diálogo e interacção com o ambiente que o envolve, ao ponto de ser impossível abstrairmo-nos do espaço sem a nossa presença e as reacções que esta provoca.

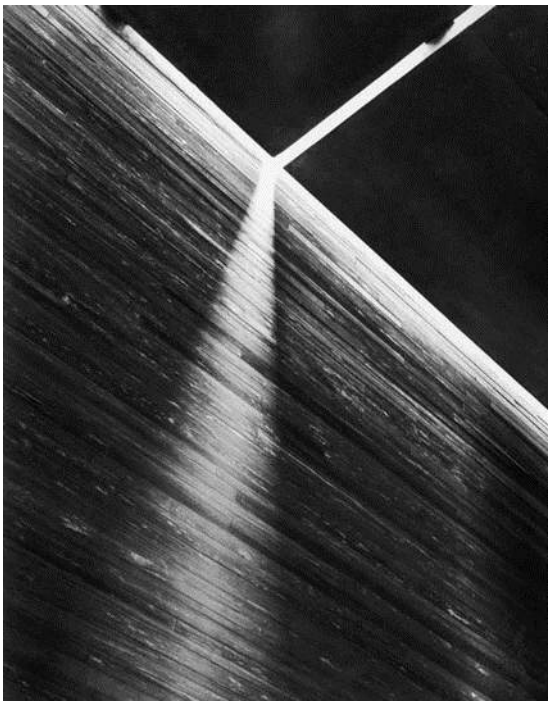


Ilustração 30 - Termas de Vals, Peter Zumpthor, 1996. (FERNADEZ MUNGUIA, 2013)

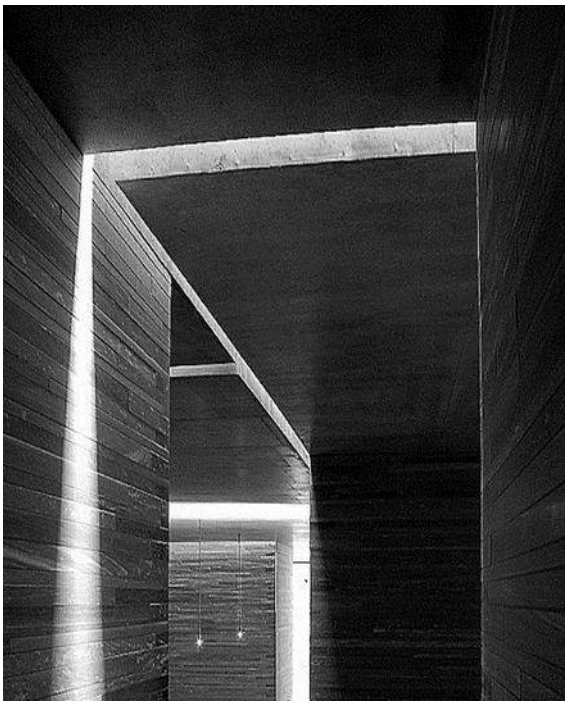


Ilustração 31 - Termas de Vals , Peter Zumpthor,1996 (FERNADEZ MUNGUIA, 2013)

Para além da visão, a audição e o olfacto são "receptores à distância" que se desencadeiam seguidamente neste processo de aproximação a um espaço. Se por um lado os olhos alcançam, os ouvidos recebem, se a visão é direccional a audição é omnidireccional. Tal como afirma Pallasmaa[22], todos os sentidos estão inteiramente ligados á nossa percepção na arquitectura, fazendo assim com que o Homem perceba uma arquitectura sensorial, que interage com os sentidos, contrariando um

[22]Juhani Pallasmaa (1936-) é um arquitecto finlandês. Este é um dos mais importantes arquitectos e teóricos de arquitectura americana.Com atelier em nome próprio, é fundamentalmente reconhecido pelo seu contributo teórico para a arquitectura abordando temas variados como a percepção, a filosofia, a cultura e a psicologia. Em todos os aspectos da sua actividade teórica e prática, que inclui obras de arquitectura, projectos gráficos, planeamento urbano e exposições, onde este coloca uma ênfase consistente na importância da identidade humana e da sua experiência sensorial.

entendimento meramente visual da arquitectura. “Buildings do not react to our gaze, but they do return our sounds back to our ears.” (Pallasmaa, 2005, p.49). O som incorpora-nos no assim no espaço, permitindo-nos compreende-lo e dimensioná-lo. "The echo of steps on a paved street has an emotional charge because the sound bouncing off the surrounding walls puts us in direct interaction with space; the sound measures space and makes its scale comprehensible. We stroke the edges of space with our ears." (Pallasmaa, 2005, p. 51)

Um mesmo volume construído em betão, em madeira ou em vidro terá qualidades atmosféricas totalmente distintas ainda que fisicamente o espaço que contém seja rigorosamente o mesmo. A aparência final do limite é determinada pela maneira como a materialidade vai influenciar a nossa percepção e contribuir para a qualificação de um espaço. Ao experienciar um edifício a materialidade das superfícies produz efeitos que estimulam as sensações do utilizador, transformando a sua experiência arquitectónica. Por outro lado a envolvente vai afectar os limites desencadeando efeitos e reacções de acordo com as qualidades dos materiais.

Os 5 sentidos que possuímos são assim essenciais para a nossa percepção de espaço e de habitar. Vejamos o que cada sentido pode contribuir para a nossa vivência de espaço e de habitar a arquitectura:

Visão: Este é talvez o primeiro sentido que toma contacto com a arquitectura, é através dele que tomamos consciência da forma primária, dos volumes, das formas, das cores.

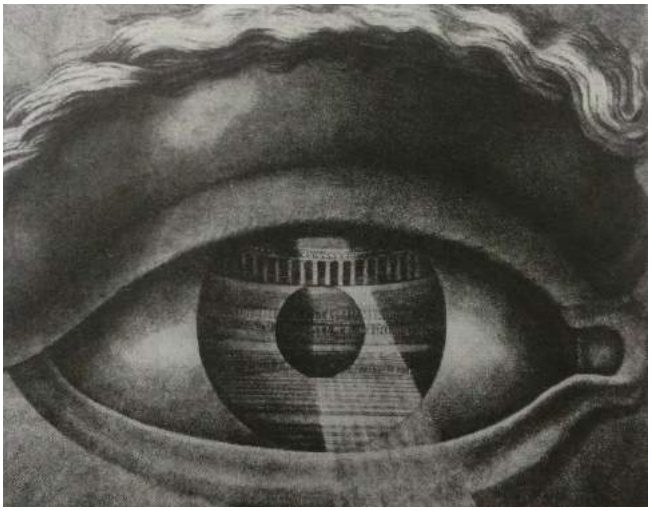


Ilustração 32 – Teatro de Besançon, Ledoux. (Pallasma, 2005, p.20)

Audição: O som é um elemento muito importante na questão de apropriação de espaço, visto que está presente a todo o instante. Enquanto que na visão apenas conseguimos detectar o que está fisicamente á nossa frente,a audição dá-nos a capacidade de ter uma consciência ampla sobre o que nos rodeia.

> O som do espaço. Oiçam! Cada espaço funciona como um instrumento grande, colecciona, amplia e transmite os sons. Isso tem a ver com a sua forma, com a superfície dos materiais e com a maneira como estes são fixos. Um exemplo: imaginem um pavimento de madeira de pinheiro maravilhoso como um estojo de violino, colocado sobre madeiras na sua sala. Ou uma outra imagem: Estão a colá-lo à placa de betão! Sentem a diferença no som? Sim. (Zumthor, 2009, p.29)

Tacto: A nossa pele tem a capacidade de captar sensações tácteis, texturas, peso, densidade e temperatura de toda a matéria existente. É através deste sentido que tomamos contacto físico e palpável com o espaço, adquirindo sensações experimentais que somente através da visão não passariam de expectativa.

Ilustração 33 - Lonely Metropolitan. Herbert Bayer (Pallasma, 2005, p.31)

Olfacto: As mensagens olfactivas são decifráveis e determinantes no entendimento e percepção dos lugares que ocupamos. Tal como acontece com a audição, este sentido tem a capacidade de nos situar no espaço. O olfacto explora o carácter mais pessoal que um edifício pode ter, pela forte ligação que tem com a memória e pela familiaridade que nele podemos encontrar.

> "[...] the nostrils awaken a forgotten image, and we are enticed to enter a vivid daydream." (Pallasmaa, 2005, p. 54).

Paladar: Este é o sentido mais difícil de associar á arquitectura. Contudo, se o associarmos ao olfacto, tendo noção que estes dois sentidos estão fisicamente relacionados, podemos assim estabelecer uma relação entre este e a ligação pessoal que estabelecemos com o espaço e com as suas características. Obviamente que não provamos e degustamos elementos presentes na arquitectura, mas por exemplo, ao criarmos uma relação com o cheiro da terra molhada, ou da relva acabada de cortar, criamos involuntariamente sensações gustativas, que ficam na nossa memória e associamos a um certo lugar ou a um certo espaço.

Desta maneira, podemos afirmar que o habitar é uma combinação da ideia de espaço e do corpo humano, da maneira de como o segundo se apropria do primeiro. "A combinação de espaço com o corpo que o percorre, ou seja, a noção de habitabilidade vai-se tornando fundamental como elemento chave do conceito mais geral de arquitectura" (Neves,1998, p. 14)

3.2. NOÇÃO DE LIMITE HABITÁVEL: INTERESPAÇO

Interespaço: Zona que faz a intercessão entre espaços e constrói uma relação entre eles.

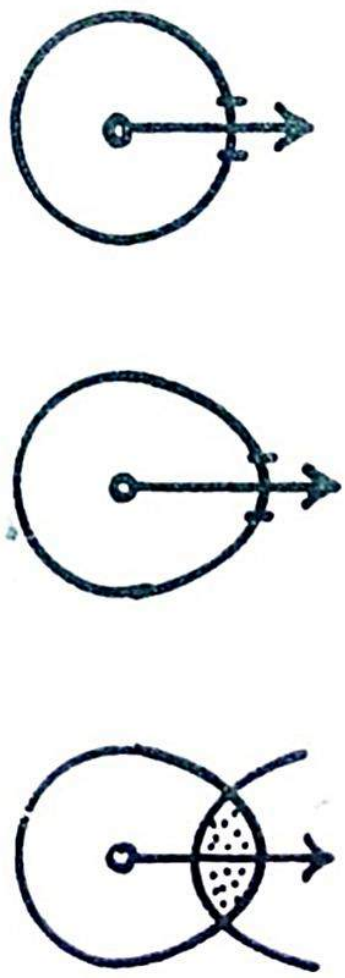


Ilustração 34 - Diagrama conceptual, ilustrando o Interespaço. (Norberg-Schulz, 1984, p.31)

Como já foi referido anteriormente nesta dissertação, algo surge no encontro de dois mundos de natureza tão complexa como são o exterior e o interior. Algo que os liga e relaciona, dissolvendo os limites que os apartam. Um lugar que se situa entre outros dois lugares, não pertencendo deliberadamente a nenhum deles, porém, abarcando em si características inerentes a ambos, servindo de palco ao debate entre os mesmos. Um

território de carácter ambivalente, claramente a realidade do *in-between*, do termo médio que se abre entre duas coisas.

Um Interespaço, é um limite habitável- um "espaço-limite" como denomina o arquitecto Jorge Pinto Cruz- um momento de transição, que delimita todos os conceitos anteriormente referidos sendo assim o ponto de contacto entre estes. É um intervalo, um espaço entre – um limiar. Ao invés de termos um plano, uma barreira ou um elemento sensorial que não físico, temos a criação de espaço. A ligação de dois campos dá-se assim de um modo transitório e diluído onde os dois se tornam em extensões um do outro.

> Exterioridade não é arquitectura. Interioridade não é arquitectura. Arquitectura existe na forma como exterioridade e interioridade estão relacionados. (Fujimoto, 2008, p.79)

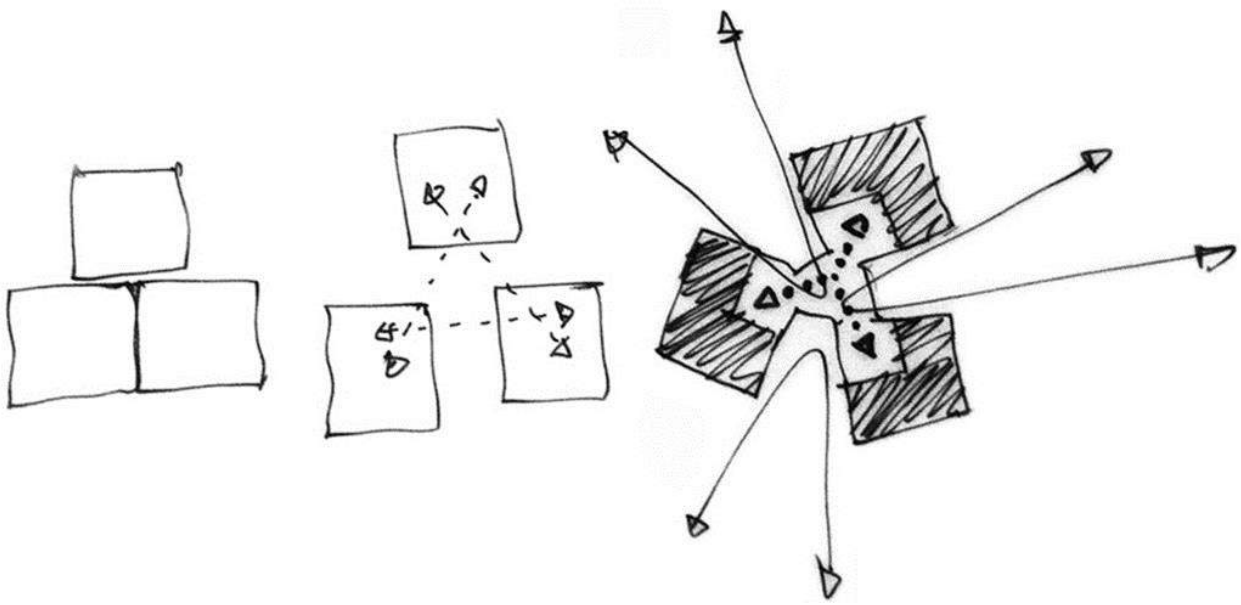


Ilustração 35 - Esquema conceptual sobre as relações que o Interespaço estabelece com o espaço que o rodeia. (ilustração nossa,2015)

O espaço Intermédio, compreendido como o espaço de carácter ambíguo que medeia dois outros espaços, é fundamental na construção da totalidade do espaço arquitectónico. É este que vai fazer a ligação entre as diferentes realidades e ambientes de um projecto, conferindo assim espaços de apropriação, onde as suas qualidades de espaço advém da apropriação que cada ser faz do próprio espaço.

Pedro Vieira de Almeida, divide o espaço em três núcleos que considera os principais da arquitectura- a) espaço interno; b) espaço transição; c) espaço externo - "Proponho

introduzir entre as categorias primárias do espaço, interno e externo, uma outra a que atribuo importância fundamental sobretudo na arquitectura moderna: o espaço de transição, a ela vem ligado o problema de uma continuidade dentro-fora" (1963, p.6). Desta forma, refere-se ao Interespaço, como uma espaço de transição, associado à dissimulação de limite entre o par interior/exterior, referido em capítulo anterior.

O limite habitável funciona como uma antecâmara, um prelúdio, que antecipa um destino por conhecer. Adverte-nos para a necessidade de um ritual de acessibilidade. É a transição entre duas zonas que se desconhecem e estão assim separadas por este elemento.

Herman Hertzberger, já anteriormente citado, reflecte sobre este conceito de Interespaço através do conceito - *the in-between*, no seu livro *Lessons for Students in Architecture*. Nesta abordagem ao tema, Hertzberg recupera alguns dos conceitos anteriormente apresentados pelos Smithsons e por Aldo Van Eyck, acrescentando algumas das suas ideias pessoais. O limiar arquitectónico, enquanto lugar e espaço, surge na sua reflexão como um elemento essencial e absoluto no encontro e no diálogo entre diferentes espaços. Citando um poema de Leo Vroman, Hertzberger afirma que: “no espaço entre os meus dedos vive outra mão”. Este, compreende assim o espaço que se situa entre domínios, não como residual e de permanência, mas sim como um espaço de fluência, com um papel activo no funcionamento das transições espaciais. Hertzberger propõe a criação de lugares intermédios, *in-between*, que possam desmaterializar a existência de fronteiras rígidas, vistas por este, como as principais inimigas da transição espacial.

No seu projecto Centraal Beheer[23], essa utilização de espaços intermédios é visível. O arquitecto cria um jogo de cheios e vazios, através de um complexo modular, quebrando as regras de limites formais e rígidos, gerando espaços *in-between,* onde as várias realidades dialogam entre si. Em planta, o edifício é composto por uma serie de torres, onde o espaço que circula por entre as torres, é livre, potencializando a relação entre estas torres com passagens transversais, havendo assim uma relação entre a circulação pública e o espaço privado. Em corte o edifício conjuga também estes dois domínios. Os gabinetes são módulos desenhados como uma varanda com ligação visual para o espaço público que ocorre por baixo, tal como para os outros gabinetes.

[23]Obra de Hertzberg (1972), um edifício de escritórios, em Apeldoorn na Holanda.

Ilustração 36 - Centraal Beheer,Holanda, 1972. A lógica modular, criada através da torres e o espaço de circulação que as rodeia no projecto.(Hertzberg, 2005, p. 134)

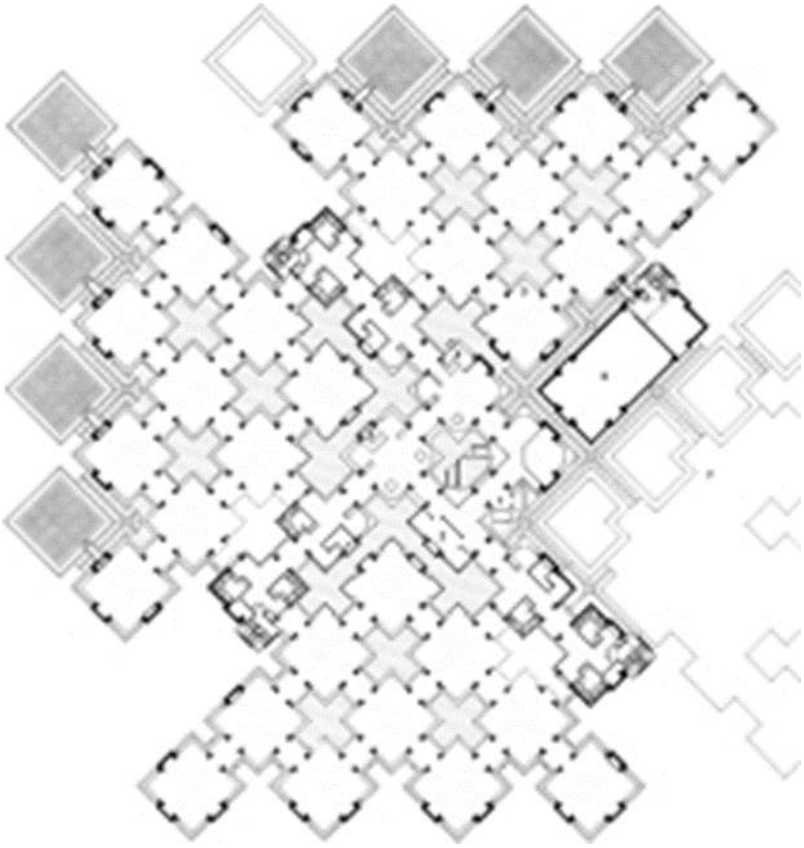


Ilustração 37 - Centraal Beheer, Holanda,1972. A planta do edifício. (LOMHOLT, 2014)

Ilustração 38 - Centraal Beheer, Holanda,1972. A relação entre os espaços privados, os gabinetes. (Hertzberg, 2005, p. 195)

Ilustração 39 - Centraal Beheer, Holanda,1972. A relação entre o espaço público e o espaço privado. (Hertzberg, 2005, p.23)

Obtendo uma maior dimensão, estes espaços *in-between*, tornam-se em narrativas de preparação para uma realidade seguinte, onde nos deparamos com uma realidade diferente. Este é o espaço oportuno para nos envolvermos de uma forma gradual com o edifício e com todas as suas características, deparamo-nos com anseios e proibições através dos nossos movimentos, na realidade do habitar. Estes espaços promovem desta maneira, uma maior participação sensorial por parte das pessoas que os habitam, enriquecendo o diálogo que estas estabelecem com os edifícios.

Pela dimensão e pelas características que estes espaços assumem, podem também assumir a posição de contentores de relações, revelando-se importantes para o contacto que os indivíduos estabelecem entre si. Desta maneira, os Interespaços tornam-se simbólicos na vida social da cidade, operando como lugares de trocas e encontros. São nestes espaços que onde encontramos quem entra, quem sai, ou quem apenas os cruza. São espaços que, para além de permitirem a transição, tornam-se em palcos onde podemos deambular, fluir, permanecer.

> Devemos considerar a qualidade do espaço das ruas e dos edifícios relacionando-os uns aos outros. Um mosaico de inter-relações – como imaginamos que a vida urbana seja – requer uma organização espacial na qual a forma construída e o espaço exterior (a que chamamos rua) não sejam apenas complementares no sentido espacial e, portanto, guardem uma relação de reciprocidade, mas ainda, e de modo especial – pois é com isto que estamos preocupados – na qual a forma construída e o espaço exterior ofereçam o máximo de acesso para que um possa penetrar no outro de tal modo que não só as fronteiras entre o exterior e o interior se tornem menos explicitas, como também se atenue a rígida divisão entre o domínio privado e o público. (Hertzberger, 2005, p. 79).

Hertzberger propõe a criação de lugares intermédios que possam combater a existência de fronteiras rígidas e abruptas, vistas por este, como principais inimigas da transição espacial.

Jorge Cruz Pinto divide o *espaço-limite* em três categorias: Aparência, Emergência e Latência.

Ilustração 40 - Diagrama explicativo sobre as categorias do espaço-limite. (Pinto, 2007, p. 88)

Segundo o autor, estas categorias derivam de uma interpretação filosófica com base no conceito de limite e na maneira de como este é interpretado na arquitectura, como referimos anteriormente: o limite evidente e o sugerente[24]. Desta forma, as 3 categorias anteriormente referidas correspondem a três teorias filosóficas respectivamente: *o Parecer, o Aparecer e o Ser*. Na prática se atribuirmos estas categorias ao conceito de Interespaço, obtemos a sucessão de espaços da obra arquitectónica e que existem na percepção estética, desvendando as várias camadas existentes que vão desde a camada exterior até ao ponto mais interior (2007,p. 87). Deste modo, temos como primeiro plano a *Aparência*, que corresponde ao "nível bidimensional visual e táctil do plano", a *Emergência* comporta a "tridimensionalidade, volumétrica, espacial estrutural física e o conjunto das suas percepções expressivas", e por sua vez a *Latência* que é a "manifestação de «ponto-corpo» interior, de um ponto zero cosmogénito anterior á criação".

[24]Consultar página 13.

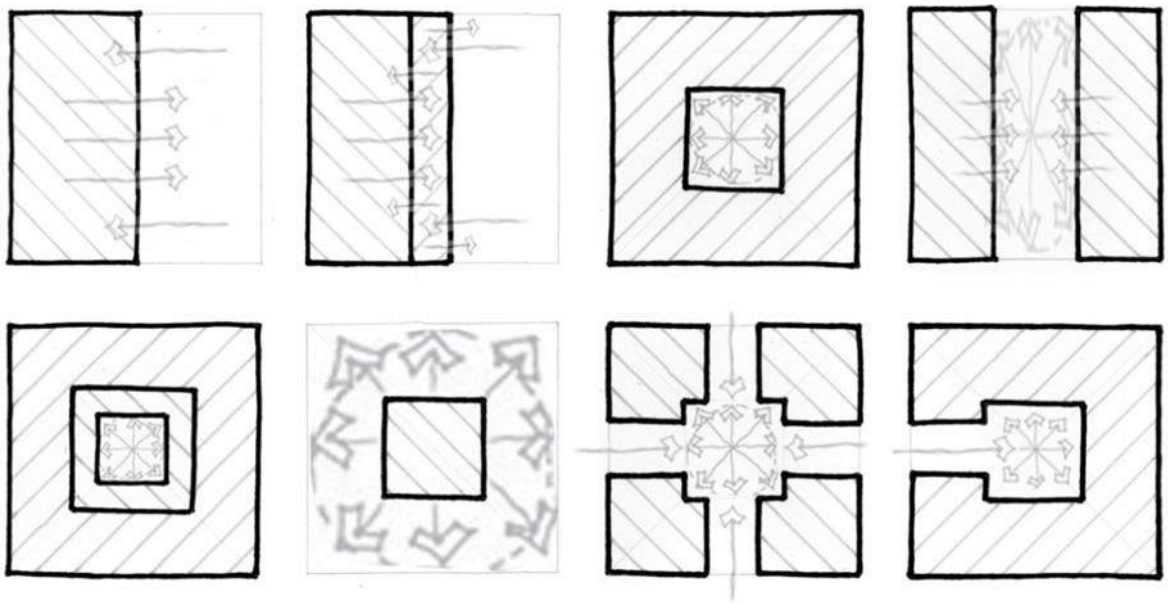


Ilustração 41 - Esquema representativo em planta de relações entre espaços obtidas no Interespaço. (Ilustração nossa,2015)

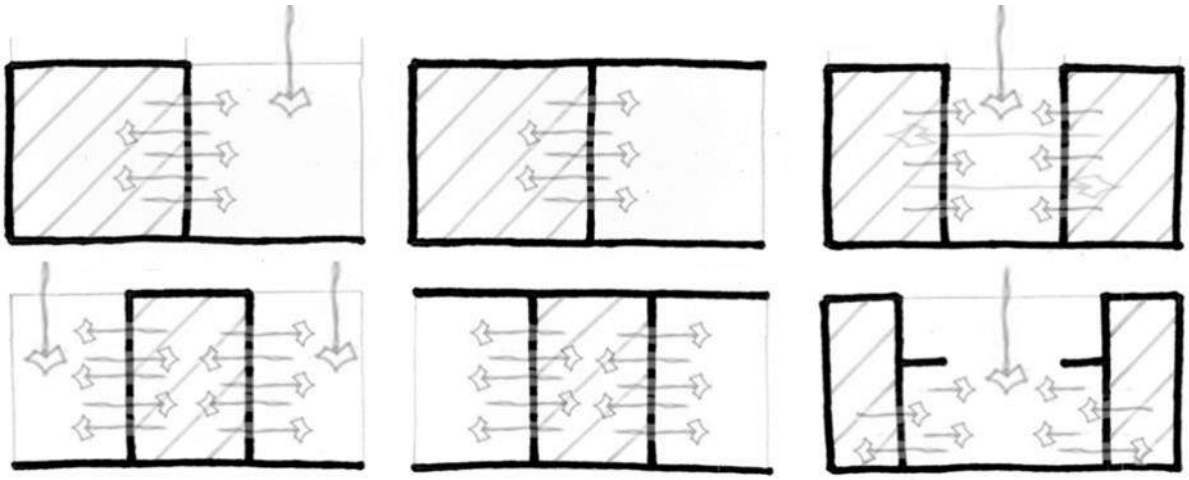


Ilustração 42 - Esquema representativo em corte de relações entre espaços obtidas no Interespaço. (Ilustração nossa, 2015)

Estes esquemas de relações, sendo apenas uma representação conceptual, representam o que consideremos como Interespaços, no sentido em que estabelecem relações com as realidades que os rodeiam e trazem para o seu ambiente características dessas mesma realidades. O caso de corredores, varandas, escadas, galerias, peristilos, coberturas ou átrios são elementos óbvios de carácter espacial classificáveis como Interespaços, visto que separam realidades diferentes e funcionam como uma antecâmara para uma nova realidade. Contudo, os Interespaços, a nosso ver, não têm somente de separar Interior/Exterior ou Público/Privado, o Interespaço funciona também como um momento de intervalo, e por isso mesmo separa também realidades semelhantes, como Interior/Interior. Por exemplo uma rua, compreendida entre edifícios, separa dois momentos de realidades semelhantes, o Interior/Interior e o

Privado/Privado, e é neste momento tal como afirma Hertzberger, que a rua e o edifício vão criar um mosaico de relações, potencializando a vivência do espaço (2005, p. 79). O mesmo acontece com os pátios, que separam dois espaços interiores, funcionando como um momento de intervalo entre as duas realidades.

Ilustração 43 - A rua como Interespaço, Rua Augusta. (Ilustração nossa, 2015)

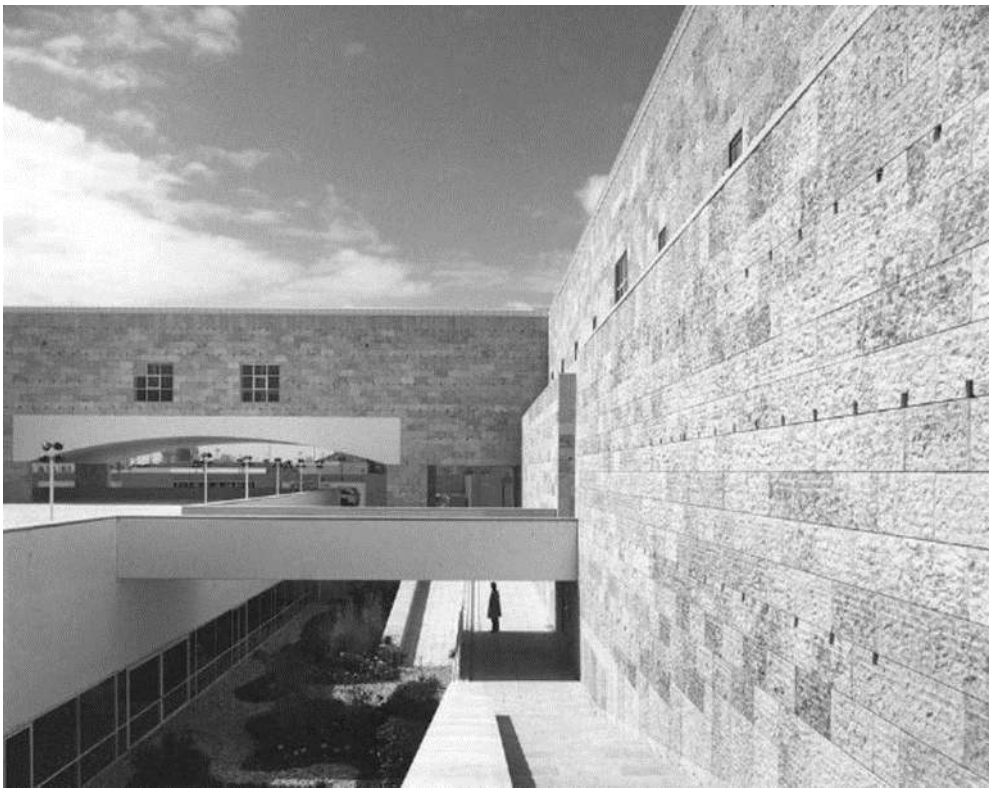


Ilustração 44 - O pátio como Interespaço, Centro Cultural de Belém (Ilustração nossa, 2015)

Ainda segundo Hertzberg, os Interespaços, não necessitam de ser concretamente "espaços", com uma escala mais pequena, eles são momentos onde existe um primeiro contacto físico e directo do transeunte com a arquitectura. Momentos estes que podem ser simplesmente uma soleira, uma ombreira da porta, ou mesmo uma janela. É nestes momentos da arquitectura, que se inicia a transição. Uma soleira não pertence nem ao domínio Público nem ao Privado, no entanto está directamente ligada ao limite e ao desenho de modulação do espaço.

> A criança sentada no degrau em frente à sua casa está suficientemente longe da mãe para se sentir independente, para sentir a excitação e a aventura do grande desconhecido. Mas, ao mesmo tempo, sentada ali no degrau, que é parte da rua assim como da casa, ela se sente segura pois sabe que a sua mãe está por perto. A criança se sente em casa e ao mesmo tempo no mundo exterior. Esta dualidade existe graças à qualidade espacial da soleira como uma plataforma, um lugar em que dois mundos se sobrepõem em vez de estarem rigidamente demarcados. (Hertzberg, 2005, p. 32)

Ilustração 45 - Momento de transição. Entrada da escola de Montessori de Herman Hertzberg, Delf Holanda. (Hertzberg, 2005, p.20)

Vejamos agora, o exemplo do Palácio Carlos V de Alhambra[25], em Granada. Neste edifício a transição do interior do palácio para o pátio exterior circular, situado no verdadeiro âmago do edifico é feita primeiramente por uma galeria rodeada por uma colunata, que estabelece a relação entre dois mundos- Interior/Exterior- deixando este Interespaço fluir entre os dois. Na transição entre os dois espaços, ao invés de se passar do interior para céu aberto, o Interespaço serve como intermediário, neste caso como um limite habitável, ambíguo, cuja estrutura absorve características dos dois espaços adjacentes e os funde num só, de forma subtil e demorada.

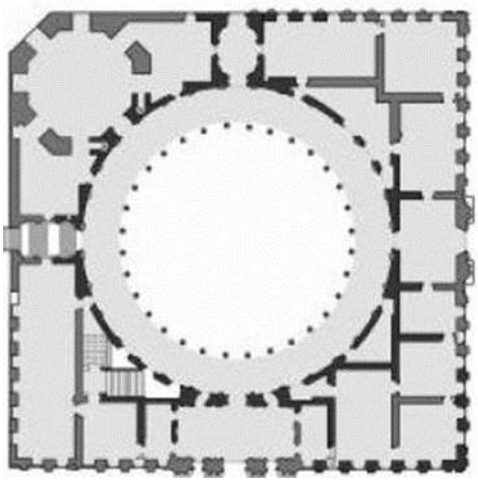


Ilustração 46 - Planta do Palácio Carlos V, Pedro Machuca, 1957. (MANZANEQUE, 2005)

Ilustração 47 - Interior do pátio do Palácio Carlos V, Pedro Machuca, 1957. (MANZANEQUE, 2005)

Desta maneira, a transição em arquitectura ultrapassa o funcionalismo de passar do espaço A para o B, ganhando uma perspetiva maior, na medida em que lhe é atribuída uma carga simbólica, necessária à existência humana; o espaço de intervalo, através do qual se cumpre o ritual de passagem.

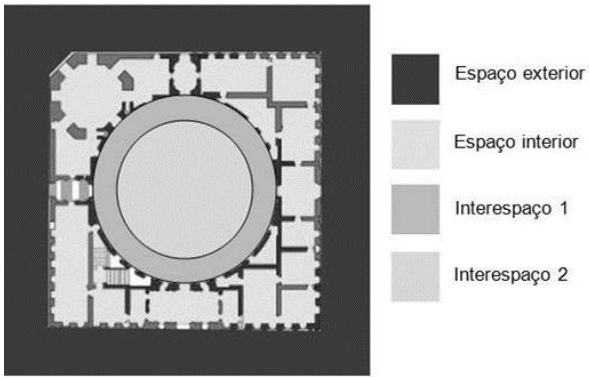


Ilustração 48 - Esquema representativo dos Interespaços existentes no Palácio. (Ilustração nossa,2015)

[25]O Palácio Carlos V, em Granada, é uma construção renascentista, situada na colina de Alhambra.

No esquema acima representado, podemos visualizar as diferentes hierarquias de espaço presentes no palácio. Compreende-se que o espaço exterior do projecto, é aquele que está fora do limite de projecto, fora do limite do palácio. Este é o espaço mais fácil de percepcionar, não deixando margem de dúvida para a sua interpretação. Desta maneira, compreende-se que o espaço interior é aquele que não é o exterior, o seu negativo, aquele que está dentro do limite do projecto, delimitado pelas paredes exteriores. É dentro do espaço interior, neste caso, que se dão as hierarquias espaciais e se dá lugar aos Interespaços. No percurso do espaço interior, existe uma ordem de momentos, uma ordem que nos leva a percorrer o espaço de forma transitória. Neste caso, o projecto é composto por um pátio, rodeado por uma antecâmara- Interespaço 1- que faz a transição entre o espaço interior e o pátio. Desta forma a transição entre o espaço interior, encerrado e o espaço interior a céu aberto, é feito de forma transitória e hierárquica, fazendo a ponte entre estes dois espaços. Deparamo-nos assim com um espaço limite- Interespaço 1- continuo junto á linha da fachada, rodeado por uma colunata, que faz a desmaterialização deste mesmo limite, relacionando-se com o espaço que este rodeia de forma quase directa. A colunata faz com que o ambiente do pátio e o ambiente interior do palácio se toquem e se difundam neste Interespaço. Este Interespaço 1, tem assim características que se assemelham ao interior e características exteriores, que advém da sua relação próxima com o pátio, como por exemplo a luz natural. Considerámos o pátio também como um Interespaço, visto que este tem também a relação delimitadora de duas realidades distintas. Enquanto o Interespaço 1 faz a ligação de dois espaços e concebe o seu carácter de limite na horizontal, o Interespaço 2 dois fá-lo na vertical, como uma cúpula, entre a realidade a nível da camada superficial da Terra, do Homem, e a realidade do céu, da luz. "[…] una integración "vertical" completamente nueva; la forma del espácio há sido introducida , sin câmbios, en la cúpula." (Norberg-Schulz,1984, p. 104). Então neste caso o pátio a céu aberto está entre os dois, é o limite que faz a sua ligação, faz com que estas duas realidades se toquem e com que o ambiente exterior, a luz natural entre para dentro do palácio.

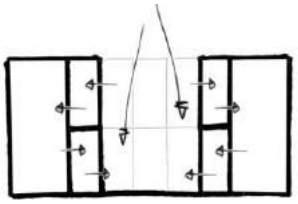


Ilustração 49 - Esquiço em corte, sobre as relações entre os Interespaços do Palácio Carlos V e as relações que estabelecem com os outros domínios. (Ilustração nossa,2015)

Estes limites habitáveis e a tentativa de dissimulação de limite estão muito presentes nas obras de arquitectos contemporâneos como Sou Fujimoto. "Estou muito interessado nos espaços “entre”, na descoberta de uma dimensão nova, que existe entre exterior e interior, natural e artificial. É uma experiência muito enriquecedora e um grande desafio, explorar este tipo de dimensões escondidas"(Fujimoto, 2009).

Sou Fujimoto numa das suas entrevistas aborda este tema e podemos então verificar o que este arquitecto diz sobre a temática:

> "P: No seu pensamento arquitectónico, são evidentes alguns conceitos da cultura espacial japonesa, como a harmonia com a natureza, ou a forma particular de entender o tempo e de apreender os espaços e as suas transições. De que forma a cultura japonesa se constitui como agente informador do seu pensamento e de que outras instâncias se alimenta o seu trabalho?
>
> R: A cultura espacial japonesa é muito importante para mim, é motivante, familiar mas é também uma fronteira misteriosa, que não está muito presente na nossa vida quotidiana. No ensino da arquitectura nas universidades japonesas há uma grande base de conhecimento relativa à arquitectura moderna ocidental. Arquitectos como Le Corbusier ou Mies, fazem parte fundamental da nossa educação. Quando terminei os estudos, questionei-me como ir além destes grandes mestres da arquitectura moderna. Foi então que, enquanto japonês, pensei em trazer essas relações intersticiais, essas ambivalências espaço/tempo, ou sentimentos ambíguos, para a arquitectura contemporânea. Procurei uma forma contemporânea de representar esse tipo de conceitos antigos. É um enorme desafio. Mas na verdade inspirei-me na cidade de Tóquio – Tóquio tem um carácter muito artificial, congestionado. Mas é ao mesmo tempo como uma floresta natural. Tem esta atmosfera ambígua que se manifesta nas diferentes escalas, áreas escondidas, pequenos universos que produzem diferentes ambientes. Desta análise pensei que “natural” e “artificial” podem não ser conceitos opostos, já que podemos encontrar algo “entre”, algo que é comum a estes diferentes aspectos. Comecei gradualmente a entender esta dualidade japonesa, esta forma de entender os espaços. Estou muito interessado nos espaços “entre”, na descoberta de uma dimensão nova, que existe entre exterior e interior, natural e artificial. É uma experiência muito enriquecedora e um grande desafio, explorar este tipo de dimensões escondidas.
>
> P: A expressão tectónica destes espaços intermédios, desta dualidade, é certamente um grande desafio. Trata-se da representação de uma dimensão muito sensorial, mas também de um processo mental de apreensão gradual do espaço. Como expressa estes conceitos na sua arquitectura?
>
> R: A “HOUSE N” é um bom exemplo para explicar os espaços intersticiais, espaços “entre” e a relação entre a casa e a cidade. Neste projecto criei um sistema de três caixas dispostas dentro umas das outras. A primeira imagem é apenas da casa como uma nuvem. Ou seja, a caixa exterior tem já alguma delimitação, mas não é totalmente encerrada. Tal como uma floresta que, vista do exterior, apresenta um grande volume. Contudo, podemos percorrer o seu espaço com liberdade. Não existe aqui um limite físico, uma barreira ou um sentimento de fronteira, apenas densidade de espaço. É apenas esta densidade que pode criar essa qualidade de protecção. É esta a primeira

imagem. No entanto, temos que fazer a casa. Então pensei fazer este espaço nuvem, com limites dissipados, através da utilização de paredes rasgadas, utilizando este sistema de caixas dentro de outras, e este espaço “entre”, literalmente, já que o interior da caixa maior é o exterior da caixa intermédia e o mesmo se passa em relação à caixa mais pequena. Consegue-se, desta forma, a fluidez entre exterior e interior. Estas camadas de espaços podem criar sentimentos ambíguos, distâncias, algo muito japonês. A casa surge apenas como uma gradação de densidades do espaço. Acho que é uma boa mistura entre uma arquitectura de elementos muito concretos e os espaços intermédios da tradição japonesa." (Fujimoto, 2009)

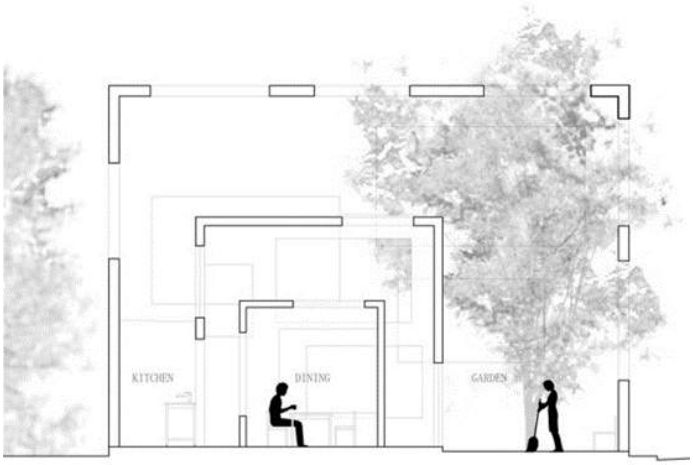


Ilustração 50 - Casa N ,Sou Fujimoto, 2008 (Baan, 2011)

Ilustração 51 - Casa N ,Sou Fujimoto, 2008 (Baan, 2011)

Ilustração 52 - Diagrama representativo da Casa N. Em vez da rígida separação tradicional entre os domínios Interior/Exterior Público/Privado, surge uma gradação entre eles. (Fujimoto, 2008)

Sou Fujimoto, sendo um arquitecto japonês, relaciona a questão do Interespaço com a cultura japonesa e oriental. Os Interespaços, de diferentes naturezas, são um princípio presente na arquitectura oriental. A valorização, dada no Oriente, a estes espaços permite a coexistência de termos opostos, tratando de eliminar qualquer confronto apoiado, pela ideia de coexistência dos opostos, que é um dos princípios básicos das religiões e filosofias orientais. Ao contrário do que é mais frequente no Ocidente, a tendência no Oriente é dissimular o limite, criar o espaço intermédio que transmite continuidade, relacionamento e sentido nos diferentes ambientes espaciais. Na arquitectura tradicional chinesa e japonesa, temos o exemplo do pátio, que funciona como Interespaço, voltado para o interior do edifício, criando uma paisagem interna. A forte ligação desta cultura com a natureza é um dos factores que contribui para a existência destes espaços. A religião é outro dos factores, a resposta às vicissitudes da terra e climas diversos, estão directamente relacionados com os padrões comportamentais e rítmicos da vida. Deste modo, o carácter temporário e transitório atribuído à vida pelo Budismo moldam o modo de habitar nesta cultura.

Ilustração 53 - Habitação vernacular Japonesa, o pátio como Interespaço . (Calgary Skylights, 2013)

4. CASOS DE ESTUDO

Os casos de estudo que seleccionámos para esta dissertação, para ilustrar o nosso conceito de Interespaço, são casos que, para além de surgirem numa base programática semelhante (sendo a sua função proporcionar a transição entre exterior/interior; público/privada; interior/interior; privado/privado), possuem algo mais que os liga.

Estes são os espaços de que fala Herman Hertzberger, quando se refere a lugares articulados capazes de promover o encontro e diálogo entre diferentes realidades. São espaços que se vão para além da sua função formal de elementos transitórios, para proporcionar uma relação de reciprocidade entre duas realidades.

Estes Interespaços apenas possuem esta capacidade articuladora, porque foram projectados com este propósito, sendo que no segundo caso de estudo foi aproveitado um espaço já existente, mas onde se altera a sua função arquitectónica, conferindo-lhe novas características habitacionais. Desta maneira, não são espaços residuais que tenham surgido por mero acaso, mas sim, espaços desenhados para desempenharem um papel significativo – a nível físico e simbólico – no habitar dos edifícios a que pertencem. Neste âmbito, estes edifícios estruturam-se através dos seus Interespaços, moldando-os através de todas as suas características. Estes espaços, pela importância que assumem, acabam por definir a maneira como os edifícios funcionam, conferindo-lhes identidade. Os Interespaços, sendo espaços liminares adquirem, a capacidade de proporcionar uma transição gradual e articulada entre as realidades Exterior/Interior, Público/Privado, fazendo-o de diferentes formas, consoante a sua natureza.

O terceiro caso de estudo, o projecto académico de final de curso, foi o que deu o mote a esta dissertação. Com a existência de um espaço que não se sabia ao certo definir e caracterizar, achou-se interessante aprofundar e estudar este tema. Contudo, com o conhecimento teórico obtido durante a realização deste estudo de dissertação, achou-se oportuno reformular certos aspectos do projecto, que sem o conhecimento obtido entretanto não eram tidos em conta.

4.1. ZAMORA OFFICES, ALBERTO CAMPO BAEZA

O primeiro caso de estudo, (já entretanto construído) trata-se do projecto de Alberto Campo Baeza, Zamora Offices, na cidade de Zamora. Aqui encontramos um exemplar caso de Interespaço, tal como entendemos, ou seja, uma transição Público/Privado, Interior/Exterior.

Ilustração 54 -Zamora Offices, Alberto Campo Baeza, 2012.Vista aérea do edifício. (Sevilla, 2012)

O projecto está implantado no centro da cidade de Zamora, terra onde nasceu o arquitecto, de frente para a Catedral. O conceito principal da obra, consiste em construir uma caixa de pedra a céu aberto e dentro desta uma segunda caixa, cristalina fechada.

A caixa maior é erguida pelo enorme muro de pedra, pedra esta que é a mesma usada na Catedral, que na obra o arquitecto materializa o muro e o pavimento exterior desta primeira caixa, o que faz com que o edifício no seu exterior passe despercebido naquele que é o seu contexto e se difunda na sua paisagem circundante, quase como se desaparecesse e ali estivera desde sempre. Composta por um pequeno espaço de estar, algumas árvores milimetricamente plantadas e umas aberturas no muro que para quem está fora deixa transparecer de forma pontual o que se encontra no seu interior,

e para quem está dentro deixa entrar um pouco daquilo que é o entorno do edifício, a Sé, noutro ponto uma rua transversal, e noutro um jardim de rua, que deixam revelar alguma coisa do que se passa lá dentro, o suficiente para suscitar a curiosidade e o interesse de lá entrar.

A segunda caixa, a de vidro, é assim o coração programático, totalmente transparente, deixando revelar o que lá dentro se passa, onde não se pode entrar, matando assim a curiosidade. Composta por uma pele envidraçada de uma só peça de vidro de 600x 300m, vidros estes unidos entre si apenas por silicone, funcionando como uma parede estrutural de ar. A caixa de vidro remete-nos para Mies Van Der Rohe no seu projecto para Friedrichstrabe, onde queria construir um arranha-céus estruturalmente capaz de libertar as paredes exteriores transformando as numa pela translúcida e feita somente de vidro.

Ilustração 55 - Fotografias do edifício. (Ilustração nossa, 2015)

Na arquitectura de Campo Baeza é práctica recorrente o uso de "caixas, caixinhas e caixotes". Na sua obra *A ideia Construída,* o autor menciona este tema como uma metáfora para a arquitectura estereotómica e tectónica. Se aplicarmos este conceito ao projecto de Zamora, deparamo-nos assim com a primeira caixa estereotómica- "É a

arquitectura maciça, pétrea, pesada. A que assenta sobre a terra como se dela nascesse [...] perfura as paredes para que a luz penetre." (2009, p. 65). Dentro desta caixa está a caixinha de vidro, a referida como tectónica-" É a arquitectura óssea, lenhosa, leve [...] que se defende da luz, que tem de velar os seus vãos para controlar a luz que a inunda" (2009, p.66).

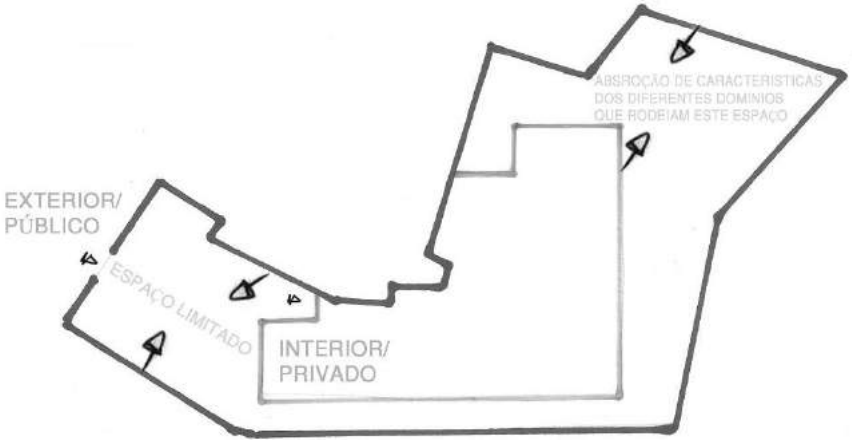


Ilustração 56 - Esquema de relações estabelecidas no Interespaço, em planta. (Ilustração nossa, 2015)

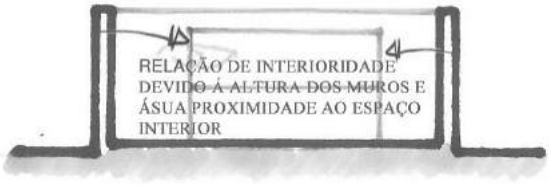


Ilustração 57 - Esquema de relações estabelecidas no Interespaço, em corte. (Ilustração nossa, 2015)

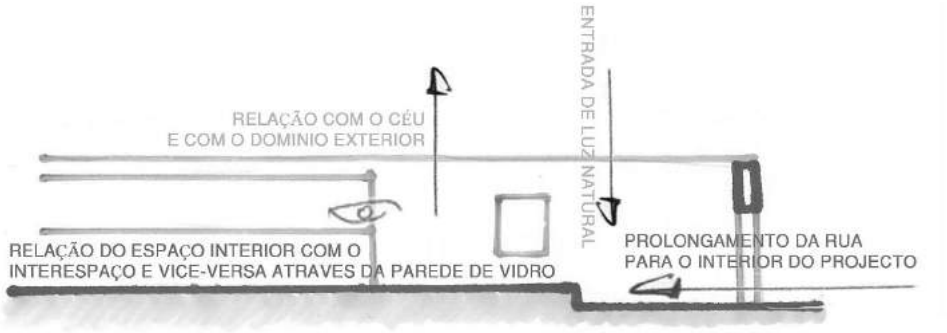


Ilustração 58 - Esquema de relações estabelecidas no Interespaço, em corte. (Ilustração nossa, 2015)

Como podemos verificar nos esquemas anteriores, o espaço resultante entre o muro que delimita a passagem para o interior do projecto e a caixa de vidro resulta num Interespaço, fazendo a ligação entre o Público/Privado e o Interior/Exterior. O Interespaço é neste caso o espaço que nos conduz à recepção e entrada no edifício. O facto da pedra, dura e polida, surgir nas paredes e pavimento deste espaço, faz com que nos sintamos num vazio que foi escavado no edifício para nos receber. Neste espaço, a opacidade dos volumes é quebrada pelos panos de vidro, estes que originam uma situação de contacto visual mútuo entre quem se encontra no exterior e interior do edifício. Estes envidraçados, para além de tornarem o interior visível, espelham também o exterior, criando um jogo de reflexos e sobreposições, onde exterior e interior se rebatem no mesmo plano. Este espaço, apesar de surgir no prolongamento de uma rua, estando assim inserido no sistema urbano da cidade, pertence também ao domínio do edifício. É no fundo, um lugar partilhado entre edifício e a rua. Assim se dá a ambiguidade. Será este Interespaço de que natureza? Certamente que se dirá na primeira percepção que é exterior, visto estar a céu aberto e ligado á rua e ao percurso público, embora seja delimitado fortemente por "4 paredes" e contenha carácter de permanência à semelhança do que consideramos num espaço interior. E privado será? Neste espaço que pertence a uma instituição privada qualquer individuo pode entrar e permanecer, sendo que está aberto ao público. Este espaço é assim o atenuador da mudança destas 4 realidades. A criação deste espaço de clausura, revela um claro processo de interiorização. Pela sua natureza, este não é um espaço que nos guie através de um percurso de sentido único até ao interior do edifício como se de um espaço transitório se trata-se, é sim, um espaço em que o edifício abandona a sua rigidez e opacidade para se tornar permeável, possibilitando um contacto entre a vida quotidiana e as actividades que se desenvolvem no seu interior. É um espaço em que o edifício nos convida a entrar e querer descobrir um bocadinho mais. Assim, este objecto arquitectónico recria o espaço urbano dentro de si, gerando um universo interior próprio. Cria uma espécie de escalão de interioridade e privacidade, o que não aconteceria se pela porta do muro entrássemos logo dentro de um espaço privado e programático. Existe assim uma ponte, um elo de ligação que nos leva desde aquela que é a vida na "calle" para o interior do projecto e nos conduz então de forma transitória para aquele que é o conteúdo privado e programático. É visível aqui, a existência de uma narrativa fluida, que sugere um deslocamento pausado, transportando-nos lentamente para um nível interior. Assim, este espaço, mais do que nos conduzir, tem a capacidade de nos seduzir, despertando a nossa curiosidade. “ […]criar um certo

“vaguear livre”, não conduzir, mas seduzir. Por exemplo, um corredor de hospital: condução. Mas também existe a sedução, o deixar andar, o vaguear […]”(Zumthor, 2009, p. 43). Á semelhança do templo grego em que temos o peristilo, no projecto de Zamora temos também este espaço de carácter transitório, que funciona como um corredor onde qualquer pessoa pode circular, sendo que é a ultima estancia antes de entrar no espaço privado. É um espaço de transição que delimita realidades, sendo assim um limite habitado, onde o espaço é indefinido e ambíguo.

Ilustração 59 - Esquema representativo dos limites que delimitam o Interespaço. (Ilustração nossa, 2015)

No esquema acima, com as plantas do edifício, podemos verificar os limites que dão o mote ao espaço de transição, aquele que consideramos o Interespaço. No primeiro esquema, temos a representação do muro de pedra, que é o elemento que define a primeira caixa e que estabelece o primeiro limite do projecto, definindo assim o que é o exterior do projecto para o interior do projecto. Em relação ao paradigma de Interior/Exterior, após a passagem deste primeiro limite, entramos dentro de um espaço fortemente marcado por um muro alto que nos rodeia, a céu aberto, que nos dá a sensação de estarmos dentro de um espaço interior, não fosse a luz natural que já nos dá a percepção e a noção de exterioridade. Estamos do lado de "dentro" e de "fora" ao mesmo tempo, desta maneira o lado de "dentro" e o lado de "fora" estão tão relativizados que é nos difícil dizer se estamos num espaço ou noutro.

> Embora a expressão da relatividade dos conceitos de interior e exterior seja antes de tudo uma questão de organização espacial, o facto de uma área tender para uma atmosfera mais parecida com a da rua ou mais parecida com a de um interior depende especialmente da qualidade do espaço. (Hertzberger,2005, p.83)

Falemos então do paradigma Publico/Privado. Da mesma maneira que este espaço tem características que relativizam o Interior/Exterior, o mesmo a acontece com as outras duas realidades. O espaço é de acesso ao público, sendo que pertence a um edifício privado e este espaço é assim o intervalo destas duas realidades, que poderemos definir como semi-público ou semi-privado, é o elemento de transição entre dois mundos, duas esferas sociais distintas. Esses dois mundos são o programático, reconhecido como

espaço privado de relações pessoais, e o da rua, entendido como espaço público onde as relações seriam impessoais. No segundo esquema temos a parede de vidro, o segundo limite, o elemento que faz a nítida fronteira entre o espaço a céu aberto e o espaço fechado que é então o espaço definido como interior e privado do projecto, não levantando qualquer objecção.

A parede de vidro é assim uma nítida fronteira de Público/Privado e Interior/Exterior, como limite físico e demarcador de espaços, mas tal como falamos no capítulo 2.1, o vidro é um claro desmaterializador visual de limite.

> Uma parede de vidro é uma barreira impenetrável à passagem corpórea, mas não ao alcance visual, produzindo um efeito de fluidez e continuidade espacial, aberto ao exterior [...].As transparências produzidas pelas cortinas de vidro são limitações que se resgatam e se abrem para ilimitado, dentro do próprio espaço interno, deixando indeterminada parte da sua amplitude e proporção perceptiva. (Pinto, 2007, p.22)

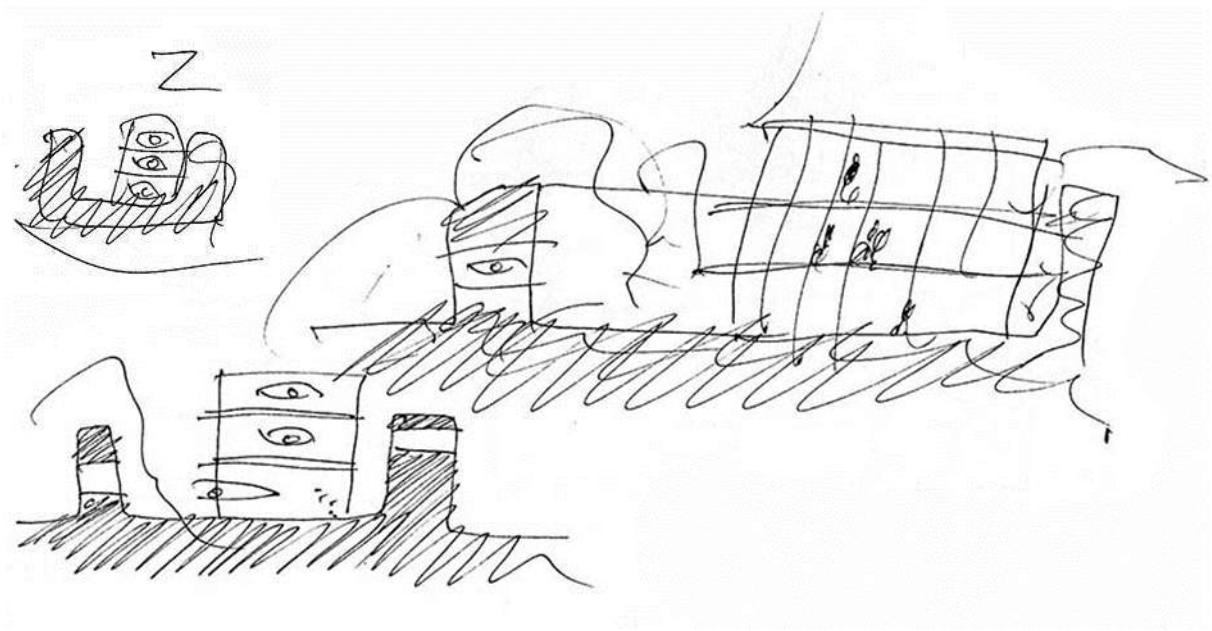


Ilustração 60 - Esquiços de Alberto Campo Baeza, para o projecto Zamora Offices. (Baeza, 2012)

Através da eliminação do limite visual, o espaço privado passa a ser visível a qualquer pessoa que se encontre do lado de "fora". Á partida seria de esperar que este espaço, destinado a conteúdos privados estivesse encerrado visualmente e não fosse permitida a sua visualização do exterior para o interior, mas tal não acontece. O projecto e as suas noções de limite, tanto físico como visual parecem estar "viradas do avesso". O

esperado é termos um espaço público sem limites visuais e que o espaço privado esteja encerrado, mas o que acontece neste caso é exactamente o contrário.

É a nossa ver o que torna este projecto tão interessante do ponto de vista deste tema. A intenção do arquitecto em criar uma relação de continuidade onde pareça inverter o conceito de limite, tanto Publico/Privado como Interior/Exterior. Um espaço de limite junto á fachada do edifício, um limite habitado que relativiza as realidades existentes. O Interespaço atenua aquela que é a entrada para o edifício, fazendo de forma sequencial e gradual as mudanças espaciais que o projecto nos oferece.

4.2. MUSEU MARÍTIMO DINAMARQUÊS, BJARKE INGLES GROUP

O Museu Marítimo da Dinamarca, (já entretanto construído) é o segundo caso de estudo, que seleccionámos para a presente dissertação. Neste caso, o que achámos interessante, foi o facto de o Interespaço surgir de uma reabilitação de um espaço já existente, onde o arquitecto transforma a sua relação formal, dando lhe um outro carácter habitacional.

O projecto de Bjarke Ingles foi concebido de forma a se encaixar num contexto histórico e espacial único, na cidade de Helsingør[26], entre um dos edifícios mais importantes e famosos da Dinamarca - o Castelo de Kronborg[27] - e um novo e ambicioso centro cultural- Kulturværftet. O projecto proposto é um museu subterrâneo, numa doca seca que se encontra desactivada. O museu foi instalado no subsolo, fora dos limites das paredes da doca, de forma a preservar o vazio original, como um espaço de exposição aberto, mantendo esse elemento (a doca) como espaço central do Museu Marítimo. O vazio da doca cria um espaço museológico diferente do usual, que leva o visitante de forma gradual e suave em direcção ao subsolo. Rampas, pontes simples e acessíveis foram adicionadas ao vazio, atravessando o espaço em uma síntese ao mesmo tempo estrutural e escultural.

Ilustração 61 - Vista aérea sobre Helsingør. (Peter, 2014)

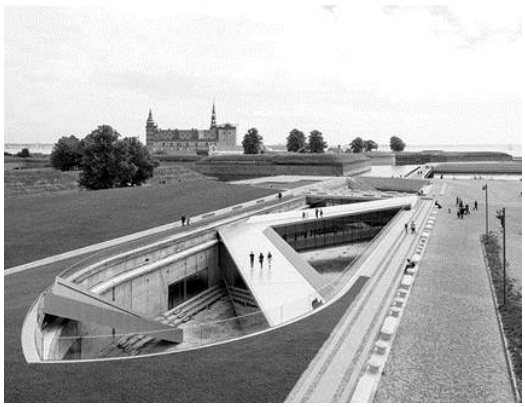


Ilustração 62 - Vista aérea sobre o Museu (Peter, 2014)

[26] Helsingør é a principal cidade no norte da Zelândia, Dinamarca. Esta é definida como uma cidade-porto, situada num ponto estratégico que, num estreito que divide a Suécia da Dinamarca.

[27] O Castelo de Kronborg é um dos maiores ícones da Dinamarca. Imortalizado por Shakespeare no ano de 1600, O Castelo ficou famoso por ser a morada de Hamlet, príncipe da Dinamarca. O castelo é tambem considerado um dos mais importantes do Renascimento no norte da Europa e foiadicionado à Lista de Património Mundial da UNESCO em 30 de Novembro de 2000.

O vazio referido anteriormente é o Interespaço identificado neste projecto. Neste caso advém de um espaço pré-existente, reabilitado, que separa dois espaços de realidades semelhantes.

> "By wrapping the old dock with the museum program we simultaneously preserve the heritage structure while transforming it to a courtyard bringing daylight and air in to the heart of the submerged museum. Turning the dock inside out resolved a big dilemma: out of respect for hamlet's castle we needed to remain completely invisible and underground – but to be able to attract visitors we needed a strong public presence. Leaving the dock as an urban abyss provides the museum with an interior façade facing the void and at the same time offers the citizens of Helsingør a new public space sunken 8 m below the level of the sea." (Bjarke Ingels *apud* Heat, 2013)

Ilustração 63 - Fotografias do Museu Marítimo Dinamarquês. (Ilustração nossa, 2014)

O projecto conserva a doca seca, já existente e materializa-se no subsolo, projectando assim um museu subterrâneo. As paredes da doca, de 60 anos, não foram alteradas, as galerias foram colocadas abaixo do solo e dispostas num corredor contínuo, em torno das paredes da doca seca- tornando a doca a peça central da exposição- o Interespaço.

O percurso de acessos do museu, é feito através de uma rampa que se divide em três pontes, atravessando a doca e servindo de ligação urbana, proporcionando aos seus visitantes atalhos para diferentes secções do museu. A primeira ponte fecha a doca, servindo assim como limite de projecto e como passeio marítimo do porto, a segunda é a que faz a ligação com o percurso existente para o Castelo de Kronborg. A ponte que faz a entrada no museu liga o velho e o novo, à medida que os visitantes descem para o espaço do museu, com vista para o ambiente acima e abaixo do solo. Todos os pisos- que ligam os espaços de exposição ao auditório, às salas de aula, aos escritórios, ao café e à doca dentro do museu- inclinam-se suavemente criando espaços grandiosos e esculturais, direccionados para a doca seca, sendo esta um ponto de contacto comum entre todos os espaços.

Ilustração 64 - Diagrama explicativo dos acessos ao Museu. (Peter, 2014)

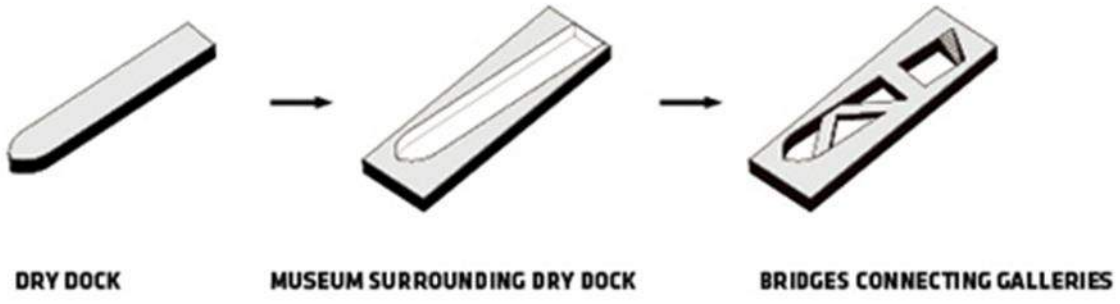


Ilustração 65 - Diagrama explicativo sobre a evolução de projecto, da doca seca e a sua transformação em museu. (Peter, 2014)

O Interespaço funciona como uma área a céu aberto, ao ar livre, onde os visitantes experienciam a escala da construção dos navios. Este espaço faz a ligação entre todos os espaços interiores do museu e serve também como o único ponto de entrada de luz natural para o seu interior. Ao contrário do Interespaço estudado no caso anterior, em Zamora Offices, este faz a ligação entre duas realidades semelhantes, os espaços interiores, bem como a relação interior/exterior (verticalmente).

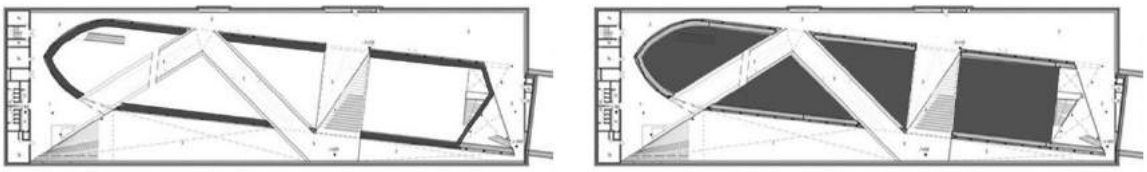


Ilustração 66 - O limite do Interespaço e o Interespaço. (Ilustração nossa,2015)

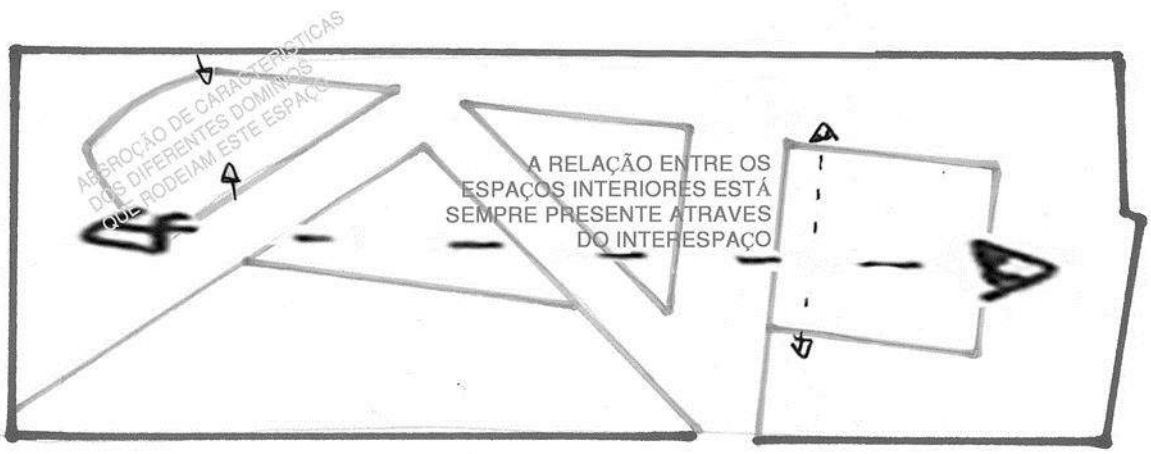


Ilustração 67 - Esquema de relações estabelecidas no Interespaço, em planta. (Ilustração nossa, 2015)

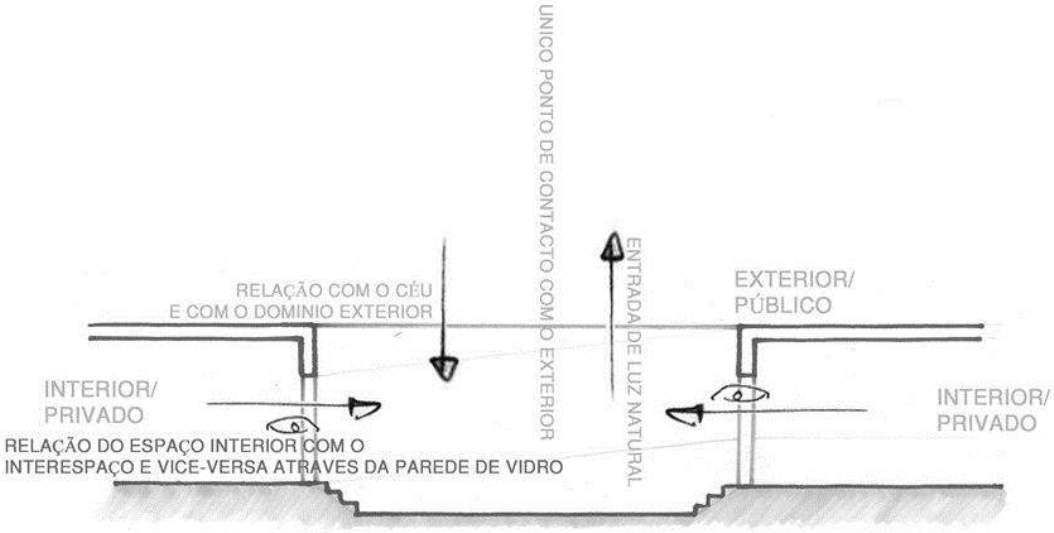


Ilustração 68 - Esquema de relações estabelecidas no Interespaço, em corte. (Ilustração nossa, 2015)

O Interespaço traduz-se num espaço longitudinal de largura constante, que é marcado em toda a sua extensão, por uma permeabilidade visual para o seu interior. Ao longo de todo o percurso programático do museu, tomamos contacto com este espaço. Depois de atravessarmos toda a sua estrutura, encontramos o pátio, visível em toda a sua amplitude. Este traduz-se num enclave – um espaço interiorizado, aberto para o exterior, a céu aberto. Pela morfologia que apresenta, este espaço, para além de possibilitar o acesso ao Interior/Exterior quase simultaneamente, permite-nos deambular pela sua extensão, convidando-nos à pausa e permanência. Assim, não existe aqui um percurso completamente direccionado, existe antes um processo de fluir e vaguear pelo espaço. O Interespaço é assim o único ponto em que o projecto toma contacto com o exterior (verticalmente).

Esta zona de intervalo, revelou-se uma grande mais valia no edifício, uma vez que, este é o espaço de encontro e de relação entre as pessoas. Ao visitarmos o edifício constatámos que após a experiencia de ver e conhecer a exposição que o museu nos oferece, os visitantes tendem a dirigirem-se para o Interespaço e por lá permanecer, tal como os funcionários do museu, que nos momentos de pausa se dirigem igualmente para este espaço. Isto vai de encontro ao discurso do autor Jan Gehl e do excerto que citámos anteriormente "Popular zones for staying are found along the facades in a space or in the transitional zone between one space and the next, where it is possible to view both spaces at the same time."(2006, p.149). Este é um espaço visível practicamente de todos os pontos do museu, e tal como afirma o autor esta é uma razão para o factor de permanecia nesta local. O facto de o clima na Dinamarca ser frio e chuvoso na maior parte do ano, também contribui certamente para que os espaços exteriores sejam muito apreciados em dias, ou momentos do dia, de melhores condições climatéricas.

Deste modo, consideramos que o Interespaço neste caso, é algo intrigante pelo facto de a sua principal função separar duas realidades semelhantes, funcionando como um intervalo, e não como uma antecâmara para uma realidade diferente, como observámos no caso de estudo anterior.

4.3. PROJECTO ACADÉMICO DE FINAL DE CURSO (5º ANO)

O projecto que realizámos para a unidade curricular *Proyectos* 8, ao abrigo do programa Erasmus, na Universidad San Pablo CEU, em Madrid, tinha como objectivo a criação de um Centro de Artes e Multimédia, na cidade de Hangzhou[28] na China. Este projecto seria a segunda parte de uma parceria de intercâmbio entre alunos chineses, da Zhejiang University[29] e alunos da San Pablo CEU. A primeira parte deste intercâmbio, foi o projecto de 4º ano, realizado em território espanhol, onde os alunos espanhóis tiveram a oportunidade de ir à China, frequentar por um semestre a faculdade chinesa correspondente, dando a conhecer aos colegas o que era a sua cultura, as suas intenções de projecto e como funcionava para eles esta unidade curricular. A segunda parte, corresponde então ao projecto que tratamos nesta dissertação. Os alunos chineses, frequentaram connosco a unidade curricular de projecto por um semestre em Madrid, dando-nos a conhecer a sua cultura, as suas principais intenções na arte de projectar e onde trocámos várias ideias e tivemos a oportunidade de conhecer as principais diferenças no que toca a questões e preocupações arquitectónicas entre as duas culturas.

Ilustração 69 - Ortofotomapa do local de projecto, documento fornecido pelos docentes da unidade curricular (Peña Pareja, 2014)

Ilustração 70 - Vista sul do local de intervenção, documento fornecido pelos docentes da unidade curricular (Peña Pareja, 2014)

[28] Hangzhou é uma cidade pertencente á Républica Popular da China, capital da província de Zhejiang.A cidade conta com cerca de 6,3 milhões de habitantes. Geograficamente a cidade está localizada no noroeste da província de Zhejiang, no extremo sul do Grande Canal da China, a 180 km a sudoeste de Xangai. Hangzhou é também o centro da Área Metropolitana de Hangzhou, que é a quarta maior área metropolitana nacional.

[29] Zhejiang University, foi fundada em 1897 e é uma das mais antigas e prestigiadas instituições de ensino superior da China. O campus da Universidade situa-se na cidade de Hangzhou.

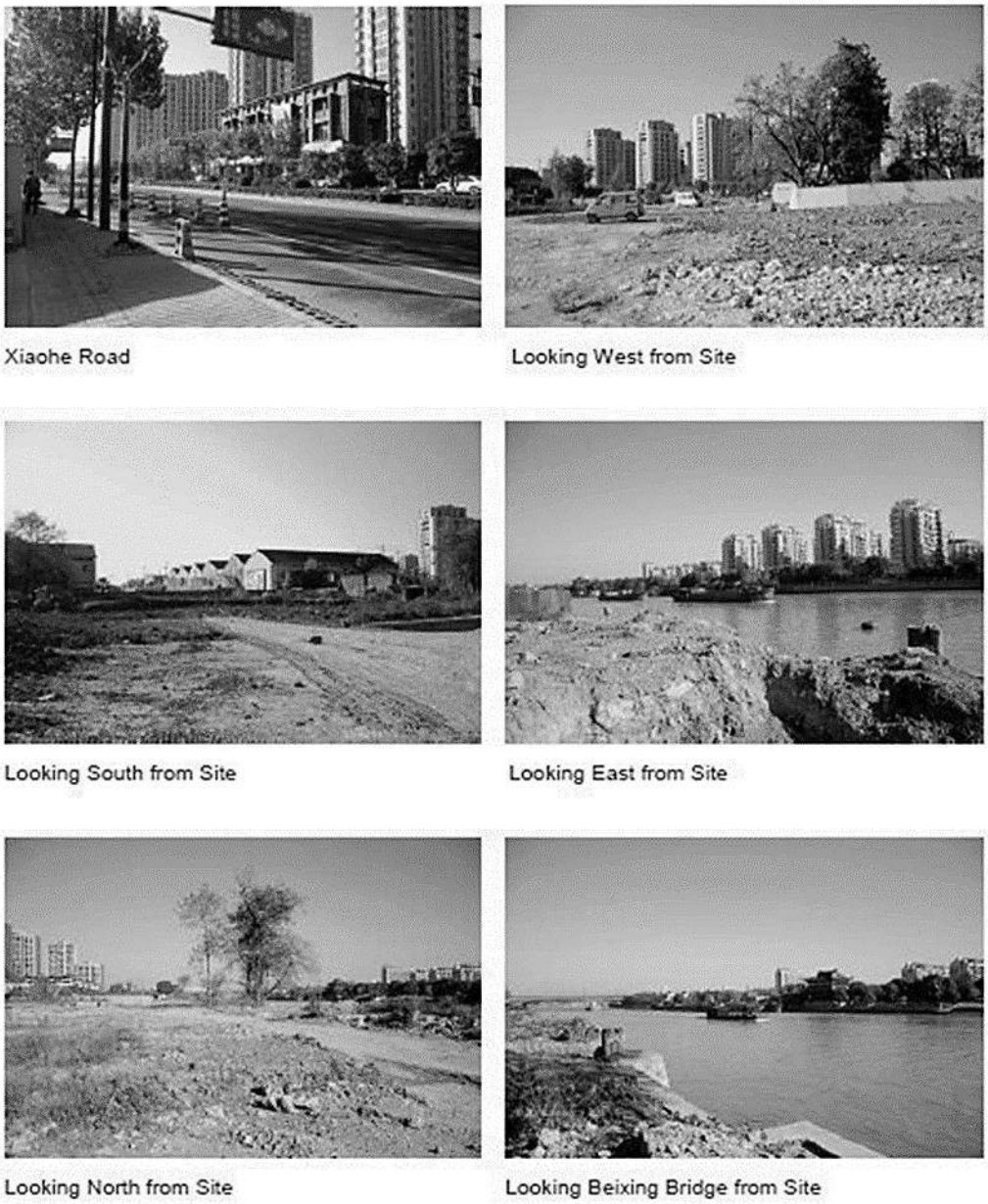


Ilustração 71 - Diferentes vistas do local de intervenção, documento fornecido pelos docentes da unidade curricular. (Peña Pareja, 2014)

Como ponto de partida para a criação do projecto, começou-se por investigar as potencialidades e as problemáticas espaciais do local de modo a delinear a melhor estratégia de ocupação urbana, pois o projecto tinha também como objectivo criar uma nova realidade urbana naquele local e estabelecer uma ligação com toda a área envolvente, na sua vida quotidiana, na sua relação com os edifícios circundantes, com as suas pessoas e com actividades aí desenvolvidas.

O projecto seria inserido num contexto fabril desactivado, numa área portuária, na cidade de Hanghzou, que está fortemente marcada pela sua relação com o Grande Canal.[30]

Ilustração 72 - O Grande Canal,documento fornecido pelos docentes da unidade curricular (Peña Pareja, 2014)

Depois de estudarmos o local e de termos noção do seu envolvente, tentámos conhecer um pouco melhor a cultura deste povo, bem como a sua relação com a arquitectura. Tratando-se de uma realidade com a qual não estamos muito familiarizados, achamos muito importante tomar consciência e perceber as principais linhas da arquitectura chinesa mais vernacular, bem como o que é hoje em dia a arquitectura contemporânea. Posto isto, o que mais nos interessou e acabou por se transpor para o projecto, foi a relação que a arquitectura chinesa estabelece com os espaços exteriores, a sua

[30] O Grande Canal da China é o canal artificial mais antigo do mundo. Este tem início em Pequim e termina ao sul de Zhejiang, tendo assim um comprimento total de 1.794 km, o que faz com que seja o mais extenso do mundo, percorrendo também os municípios de Tianjin Hebei, Shandong, Jiangsu e Zhejiang.

necessidade em transpor o espaço exterior no espaço interior. A relação que estes espaços estabelecem entre si, na arquitectura chinesa, remete para o tema desta dissertação. Os Interespaços são frequentes nesta arquitectura, recorrendo a pátios, o recurso a acessos e corredores pelos exterior, a espaços exteriores cercados, etc .Outro factor que achámos importante e que diferencia esta arquitectura da Ocidental, é o modo como as sombras são valorizadas, bem com o espaço que esta cria, em oposição à cultura da luz que se reflecte no Ocidente. Em busca de uma referência de arquitectura contemporânea nesta cidade, temos a obra de Wang Shu, a Academia de Artes. Este projecto combina a arquitectura tradicional chinesa com uma forma contemporânea de repensar as ideias da arquitectura antiga. Usando os traços da arquitectura chinesa vernacular, como o ênfase do eixo horizontal, a cobertura que parece fluir sobre as fortes paredes de pedra, o arquitecto utiliza os destroços dos tijolos e as pedras que resultaram da demolição do que havia anteriormente no local para a construção das paredes do novo edifício. Desta maneira, mostra-se sensível às questões de memória do lugar, bem como do ambiente que o rodeia.

> An important aspect of the design is the "free" concept. This "free" concept is not just about its architectural forms, but its sensitive response to the site and nature.(Shu, 2012)

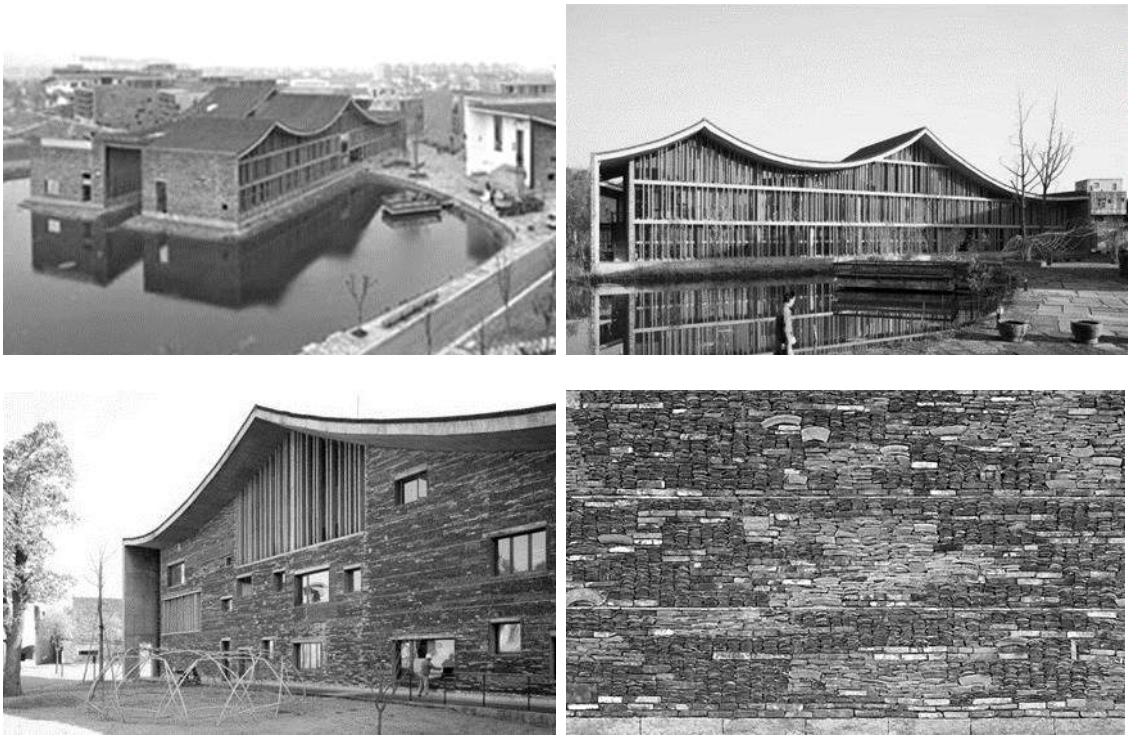


Ilustração 73 - Academia de Artes, Wang Shu, 2009. (Helm, 2012)

Numa primeira fase foi-nos pedido que tentássemos perceber a envolvente e a sua relação com o lugar do projecto, de modo a conseguirmos perceber as melhores condições de acesso, as relações entre domínios públicos/privados e estratégias de implementação.

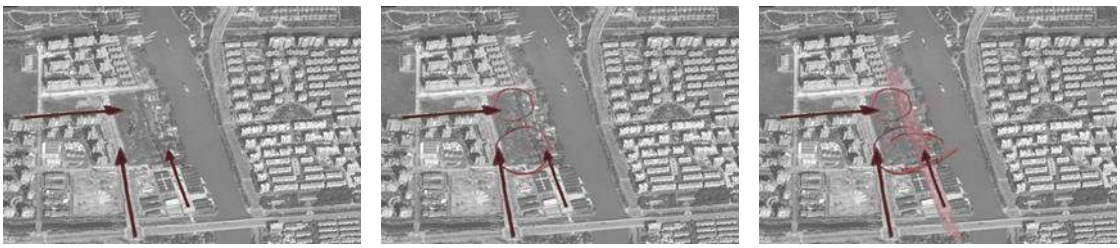


Ilustração 74 - Esquiços de estudo de acessos ao local de intervenção. (Ilustração nossa, 2014)

No seguimento deste estudo, teríamos de criar uma imagem conceptual de projecto, que reflectisse não só a nossa intenção de conceito, mas que começasse também a demonstrar as primeiras intenções formais.

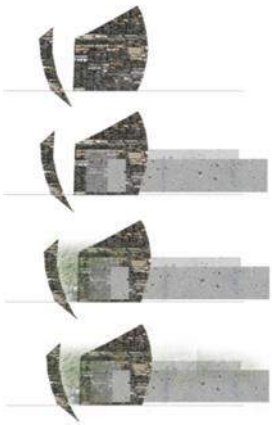


Ilustração 75 - Esquema conceptual de projecto. (Ilustração nossa,2014)

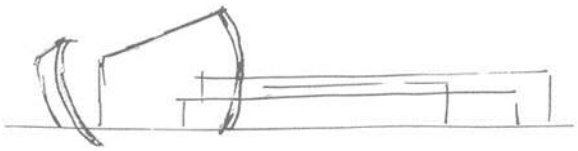


Ilustração 76 - Esquiço sobre ideia conceptual de projecto. (Ilustração nossa,2014)

Ilustração 77 - Esquema conceptual de projecto. (Ilustração nossa,2014)

A nossa estratégia assentou, pois, sobre a criação de uma praça central limitada por dois muros, onde se estabeleceriam as relações pessoais e públicas com aquele lugar. Esta praça seria acessível através do prolongamento do lote adjacente e da avenida principal, desta forma teria como objectivo contribuir para a qualidade vivencial do

território e oferecer uma nova realidade urbana para aquele espaço. A partir desta praça desenvolve-se o conteúdo programático através de 3 volumes, paralelos á zona ribeirinha. A localização estratégica destes volumes e da praça é o que irá permitir resolver todas as situações complexas de limite e de confrontação com o espaço urbano existente. Era também intenção do projecto ter em conta o constante jogo de massas e vazios, com a criação de diversos pátios, varandas e espaços de estar na cobertura dos volumes, beneficiando do controlo térmico dos mesmos, e das diversas qualificações de espaços. Desta maneira, a cobertura do edifício, o quinto alçado, tem uma grande importância no projecto, visto que tanto do lado Norte, como do lado Sul, existem edifícios de habitação que chegam aos 45m de altura, achou-se que este alçado teria uma grande relevância pela sua exposição constante. Só percorrendo todos os volumes é que se torna percetível a complexidade de todo o conjunto, dado que a própria aparência exterior, toda ela em betão aparente, acaba por não revelar a multiplicidade e complexidade do interior do conjunto dos volumes, reservando para o seu interior todo o mistério do seu espaço. “Tento sempre conseguir que a forma interior, ou seja o espaço interior vazio, não seja igual à forma exterior. […] Devem existir massas escondidas no interior que não se vêem por fora.” (Zumthor, 2009, p. 53)

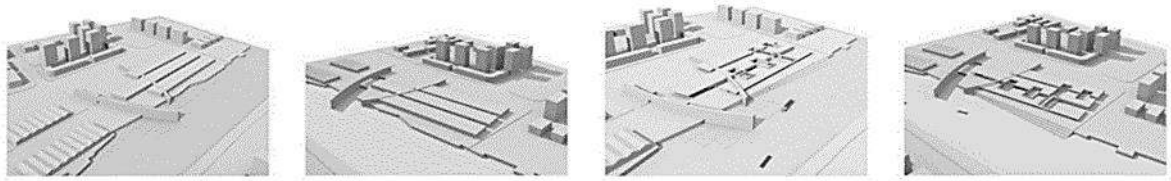


Ilustração 78 - Maquete de estudo de formas. (Ilustração nossa, 2014)

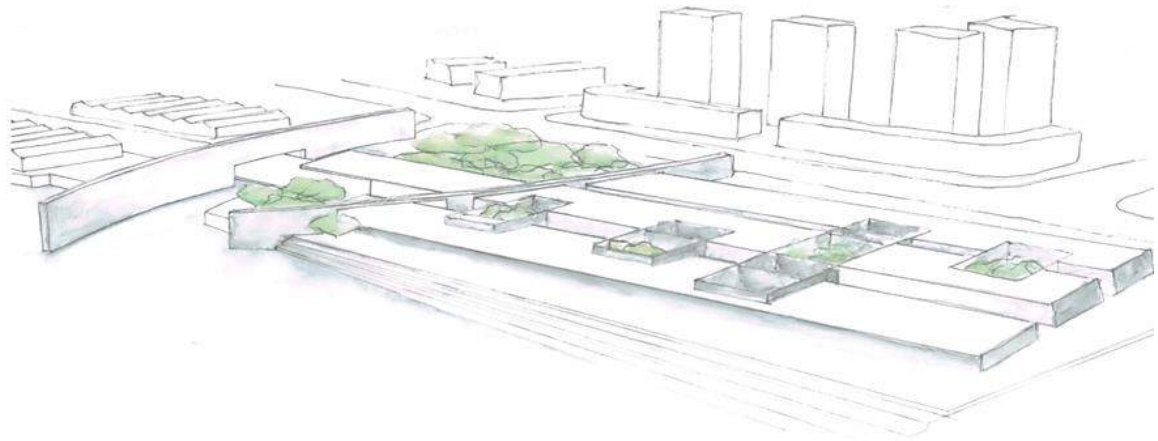


Ilustração 79 - Esquiço do projecto. (Ilustração nossa, 2014

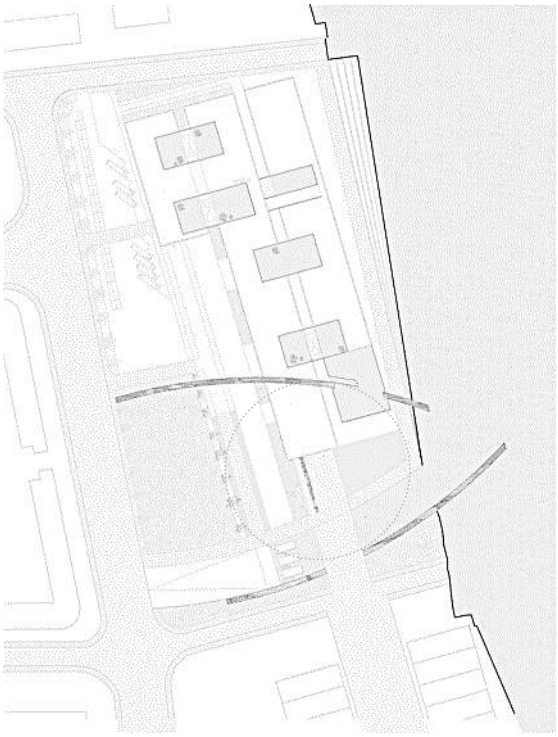


Ilustração 80 - O Interespaço. Planta de cobertura. (Ilustração nossa,2014)

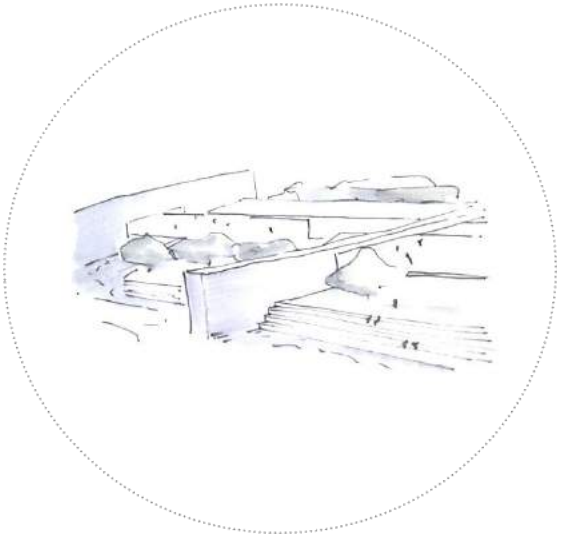


Ilustração 81 - O Interespaço. Esquiço de projecto. (Ilustração nossa,2014)

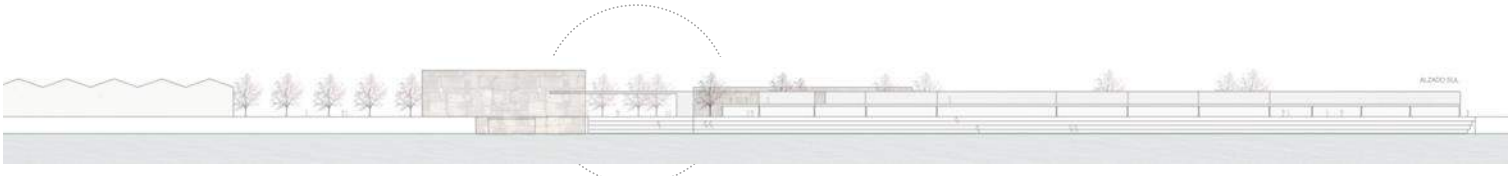


Ilustração 82 - O Interespaço. Alçado Sul. (Ilustração nossa,2014)

Debrucemo-nos então sobre aquele que é, a nosso ver, o Interespaço neste projecto. Na praça central, rodeado pelos dois muros de pedra, temos um espaço, onde o limite Interior/Exterior e Publico/Privado deixa então de ser absoluto e linear, tendo um carácter de transição, para proporcionar uma relação simbiótica entre duas realidades diferentes.

Á semelhança do que acontece no projecto Zamora Offices, este espaço não tem apenas a função de ser a zona de entrada principal do edifício. Mais do que uma entrada, este espaço não tem apenas um carácter direccional, que encaminha as pessoas para o interior do edifício. Existe uma intenção de fazer com que o transeunte *"flua"* neste espaço, que o habite e que usufrua dele. Funciona assim como um prelúdio, um limbo entre a zona pública da praça e o interior do edifício, a zona privada. Desta

maneira a entrada para o edifício não é feita de forma brusca e intencional, mas sim através de uma sucessão de acontecimentos que são gerados pelo espaço, tal como é habitual na cultura chinesa. Rodeado pelos muros de pedra, a entrada é assinalada pelo vazio que se gera entre estes dois corpos. Neste Interespaço é-nos transmitida uma sensação de interioridade, gerada pela proximidade dos muros e pela diminuição da luminosidade em relação ao espaço envolvente. Este espaço, apesar de surgir no prolongamento de um caminho pré-existente[31], estando assim inserido no sistema urbano da cidade, pertence também ao domínio do edifício. Ao percorrer o caminho, que nos leva a passar por debaixo do pórtico do muro, entramos portanto, dentro do domínio público do edifício, onde este primeiro espaço se torna assim, numa narrativa que acolhe e enfatiza a transição do Exterior para o Interior, bem como do Público para o Privado. É desta maneira, um espaço que é partilhado entre o Centro Multimédia e cidade de Hangzhou.

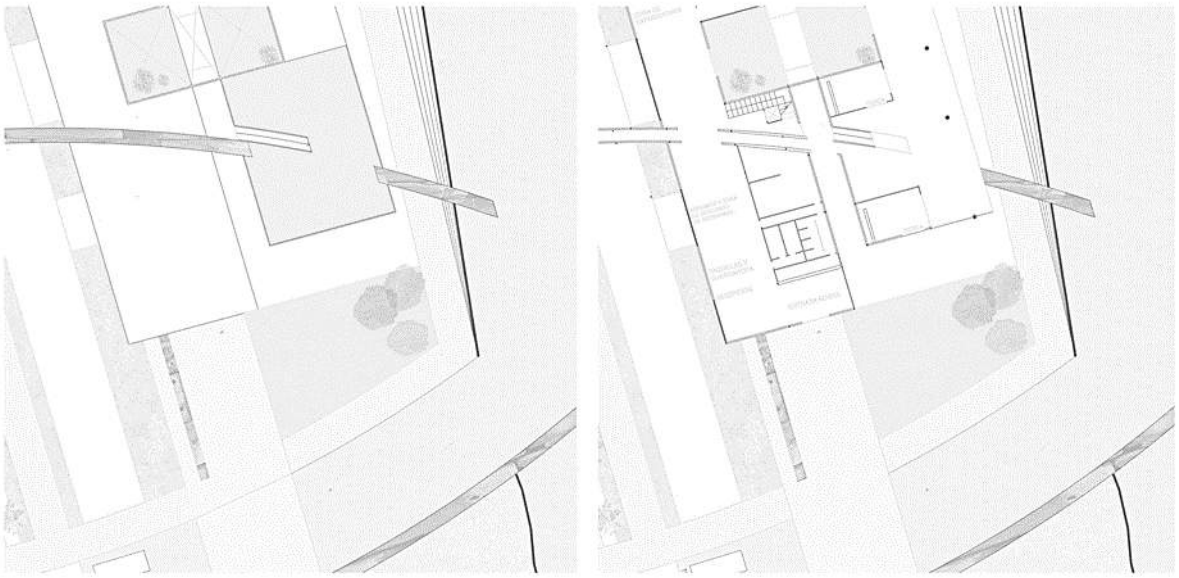


Ilustração 83 - Pormenor em planta, do Intespaço. (ilustração nossa, 2014)

Este espaço de entrada, pela dimensão física e simbólica que assume, pode tornar-se densamente habitado, não só por ser um espaço de transição, que gera relações entre pessoas como referimos nos capítulos anteriores, mas também como espaço de permanência. Sendo este um espaço limiar, *in-between*, tem qualidades de um espaço interior, ao qual associamos sensações de protecção e de conforto. Logo, adquire a

[31] Consultar ilustração 83

capacidade de estabelecer o contacto social, gerando um “mosaico de inter-relações” (Hertzberg, 2005, p. 79) que estimula o funcionamento e a promoção da vida quotidiana.

Desta forma, acreditamos que o Interespaço, neste caso, ao assumir uma expressão que promove uma maior participação sensorial das pessoas que o habita, torna-se capaz de enriquecer o diálogo que estas estabelecem com o edifício, através deste carácter ambíguo, não sendo um lugar óbvio, definido por cada habitante através da sua própria ligação e percepção que estabelece com o lugar. Este espaço foi também projectado, com o intuito de ser um espaço social, no piso térreo temos uma rampa que acede á cobertura do primeiro volume. Contudo, neste espaço acessível na cobertura, não é possível aceder ao interior do edifício. Este espaço funciona como uma zona exterior pública, a uma cota de 3 m, de onde é possível admirar a praça principal e o Grande Canal.

Neste Interespaço, não se pretende, pois, a utilização rígida dos limites do espaço, mas sim uma utilização informal, criando uma certa espontaneidade que privilegia o contacto social entre as pessoas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa primeira fase, estudámos e reflectimos os temas que achámos preeminentes para a temática do Interespaço. Para além de uma investigação teórica e conceptual ao longo da dissertação, achámos por bem apoiar essa fundamentação com casos projectuais concretos, para que a investigação fosse assim mais proveitosa para a práctica concreta de Arquitectura. Desta forma, consideramos que mais do que uma exposição teórica, é importante demonstrar como a temática abordada ao longo da dissertação é importante na vertente prática da disciplina da arquitectura. A nossa ver, especificamente, através de todo este estudo, os temas do Limite, dos domínios de Interior/Exterior; Público/Privado, do Habitar e dos Espaços de Transição que consideramos como Interespaços, são fulcrais na maneira como os usuários se apropriam e vivenciam a arquitectura.

Chegámos á conclusão que desde os primórdios da existência do Homem que as realidades Interior/Exterior e Público/Privado estiveram na construção e na arquitectura, consequentemente também a ideia de limite estava nela patente. Estas eram primeiramente vistas como realidades opostas e assim mesmo se assumiam na arquitectura. No séc.XX assistimos a uma mudança na constatação destas realidades, com a Revolução Industrial e com as suas consequências na arquitectura. Estas realidades são dissimuladas e o limite como o conhecíamos rígido e imutável, começa então a ter um carácter flexível mudando assim o significado do seu conceito. Desta maneira altera-se a relação de fronteira entre os domínios da arquitectura, anteriormente apresentados, até aos dias de hoje.

Em seguida aprofundou-se o tema de Interespaço. Tentámos perceber como são concebidos, a forma como estes espaços liminares abandonam a condição de um mero limite, de fronteira limiar, para assumirem uma dimensão que lhes permite criar uma transição gradual e articulada entre duas realidades. Concebemos esse estudo através de esquemas, nossos e de teóricos que aprofundaram o tema, de exemplos que considerámos como Interespaços, bem como através do estudo do que já havia sido escrito anteriormente sobre este conceito. Sendo este um tema que já foi abordado por alguns teóricos, foi nossa intenção cingir-nos num estudo objectivo e focado, e não global onde tentássemos perceber tudo o que havia sido estudado até então sem conseguir estabelecer uma relação e um raciocínio claro, a ponto de criar um fio condutor que nos guiasse ao longo desta dissertação. Assim, o Interespaço proporciona

a transição e a relação entre áreas com exigências territoriais iguais, diferenciadas ou mesmo contrárias, criando condições espaciais fundamentais para o encontro e o diálogo entre áreas. Compreendemos, igualmente, a importância dada aos Interespaços enquanto lugares de encontro, de mediação entre Interior/Exterior, Público/Privado, bem como o papel que desempenham na composição arquitectónica.

Posto isto, nos casos de estudo, seguiu-se o estudo dos Interespaços , em caso real e concreto onde estudamos no local este conceito. O terceiro caso de estudo, o projecto académico, é assim o culminar deste estudo onde foi reflectida e aplicada toda a temática anteriormente estudada e fundamentada. O confronto entre a fundamentação teórica, os casos de estudo e o projecto final, ajuda a compreender a importância dos espaços de transição para a contextualização e consciencialização do homem no espaço, e para o desenvolvimento espacial da arquitectura ancorada na sua envolvente.

Apesar de este ser um momento conclusivo, esta dissertação não pretende ser um ponto de chegada, mas sim, um momento de transição, um limiar, que possa abrir novos caminhos ao estudo de outras questões relacionadas com esta temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Pedro Vieria (1963) - Ensaio sobre o espaço da arquitectura. Arquitectura. S. 3, n. 80 (dez. 1963) 3-14.

ARCH GROUPIE (2012) - Sketch by Le Corbusier [Em linha]. [S.l.] :Arch Groupie.[Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:https://www.flickr.com/photos/architecturegroupie/7782431234/>.

CALGARY SKYLIGHTS (2013) - Architectural Regional Variotion[Em linha]. [S.l.] :Calgary Skylights.[Consult. 22 Abril. 2015]. Disponível em WWW:<URL:https://depts.whashington.edu/chinaciv/home/tarcvari.htm/>.

CAMPO BAEZA, Alberto (2009) - A ideia construída. 3.ª ed. Lisboa :Caleidoscópio.

CAMPO BAEZA, Alberto (2012) – Headquartes of Consejo Consultivo of Castilla y leon, Zamora(2012) [Em linha].[Consult. 01 Janeiro. 2015]. Disponível em WWW:<URL:https://www.campobaeza.com/offices-for-the-junta-de-castilla-y-leon/?type=catalogue />.

CARBONE, Carla (2015) – Habitar : o abrigo, o biombo e a tenda. Arq./a : revista de arquitectura e arte. Lisboa. 117 (2015) 128-131.

DUQUE, Karina (2011) - Clásicos de Arquitectura: Casa-Estudio Luis Barragán / Luis Barragán. Plantaforma Arquitectura [Em linha]. (9 Ago. 2011). [Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL: http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-101641/clasicos-de-arquitectura-casa-estudio-luis-barragan-luis-barragan>.

FERNADEZ MUNGUIA, Ainhoa (2013) - Las termas de Vals, Peter Zumtor. In UNIVERSIDAD CAMILO JOSÉ CELA. Campus de Diseño – Especies de espacios en construcción [Em linha]. Madrid : Campus de Diseño. [Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:http://espaciosenconstruccion.blogspot.pt/2013/05/las-termas-de-vals-peter-zumtor.html>.

FUJIMOTO, Sou (2008) – Primitive future. Tokyo: Inax Publishing.

FUJIMOTO, Sou (2009) - Arquitetura e design. [Entrevista realizada por:] Marta Pedro. Arte Capital [Em linha]. (Setembro 2009). [Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:http://www.artecapital.net/arq_des-55-sou-fujimoto>.

GEHL, Jan (2006)-Life between buildings: using public space. 6thed. Kobenhavn : Arckitektens Forlag.

HEAP, Celia (2013) - BIG completes the danish national maritime museum. Designboom [Em linha]. (18 Out. 2013). [Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:http://www.designboom.com/architecture/big-completes-the-danish-national-maritime-museum-10-18-2013/>.

HEIDEGGER, Martin (1977) - Building dwelling thinking. In HEIDEGGER, Martin - Basic writings. New York :HarperandRow.

HEIDEGGER, Martin (2010) - Teoria e critica da arquitectura século XX. Lisboa : OA-SRS : Caleidoscópio

HERTZBERGER, Herman (2005) - Lessons for students in architecture.5th ed.Rotterdam :nai010 Publishers.

HESS, Barbara (2014) - Lucio Fontana e o Concetto Spaziale. Tradução de Verônica Vilar e Thomas Ilg; organização e adaptação de Thomas Ilg. Revista Usina [Em linha]. (Junho 2014). [Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:http://revistausina.com/2014/06/15/lucio-fontana-e-o-concetto-spaziale/>.

LYNCH, Kevin (2008) - A imagem da cidade. Lisboa: Edições 70.

LOMHOLT, Isabelle (2014) – Architectuurstudio Herman Hertzberg [Em linha]. [Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:http://e-architect.com.uk/architects/herman-hertzberg/>

MANZANEQUE CASERO, Jesús A. (201-) – Palacio de Carlos V de Granada, de Pedro Machuca 2º 1/3 del XVI) [Em linha]. [S.l.] : Jesús A. Manzaneque Casero.[Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL: http://almez.pntic.mec.es/~jmac0005/Bach_Arte/diapositivas_pdf/fotos_renacimiento/HA08T01_Foto_07.pdf>.

MCKINNEY, Mark (2011) - Richard Serra exhibition in NYC [Em linha]. [S.l.] : Artsology. [Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:http://www.artsology.com/blog/2011/10/page/2/>.

MEINHOLD, Bridgette (2013) - Sou Fujimoto's Nebulous 2013 Serpentine Gallery Pavilion Opens to the Public in London. In INHABITAT.COM -Inhabitat : design will save the world [Em linha]. El Segundo, CA : Inhabitat. [Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:http://inhabitat.com/sou-fujimotos-nebulous-2013-serpentine-gallery-pavilion-opens-to-the-public-in-london/>.

NEVES, Victor (1998) - O espaço, o mundo e a arquitectura. Lisboa : Universidade Lusíada. (ISBN: 9727261183).

NEVES, Victor,coord. (1999) - O habitar. Lisboa : Universidade Lusíada. (Sebentas d'Arquitectura, ISSN 0874-3207 ; 2).

NORBERG-SCHULZ, Christian (1984) – Geniusloci : towards a phenomenology of architecture. New York : Rizzoli.

PALLASMAA,Juhani (2005) - The eyes of the skin: architecture and the senses. West Sussex: John Wiley & Sons.

PETER, Bruce (2014) – Museum in the dock. Arvinius + Orfeus Publishing.

PEÑA PAREJA, Eduardo de la (2014) - [Aula]. [Madrid] : [s.n.]. Aula proferida pelo Arqt. Eduardo de la Peña Pareja, na Universidade San Pablo CEU, no âmbito da unidade curricular de "Proyectos 8", da licenciatura em Arquitectura (mestrado integrado), em Fevereiro de 2014.

PINTO, Jorge Cruz (2007) - O espaço-limite : produção e recepção em arquitectura. Lisboa : ACD : FAUTL. (Arquitectura e urbanismo ; 2)

PINTO, Jorge Cruz (2009) - A caixa: metáfora e arquitectura. Lisboa :ACD : FAUTL.

RAWN, Evan (2015) - A TUDelft Student Asks: "Can We Live With Zero Wasted Space?".Archdaily [Em linha]. (8 Feb. 2015). [Consult. 18 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL: http://www.archdaily.com/596484/a-tudelft-student-asks-can-we-live-with-zero-wasted-space>.

SHU, Wang (2012) - China Academy of Art : Amateur Architecture Studio. arcspace [Em linha]. (24 Set. 2012). [Consult. 18 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:http://www.arcspace.com/features/amateur-architecture-studio/china-academy-of-art/>.

SILVA, Paulo Brito da (1999) – A concha inicial. In NEVES, Victor, coord. - O habitar. Lisboa : Universidade Lusíada. p. 61-65. (Sebentas d'Arquitectura, ISSN 0874-3207 ; 2).

SIXTEN SASONS (2015)- Ludwig Mies van der Rohe, Farnsworth house, Plano, Illinois, 1945-51 [Em linha]. [S.l.] : Sixten Sasons. [Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:http://sixtensason.tumblr.com/post/117340048348/ludwig-mies-van-der-rohe-farnsworth-house-plano>.

STEVENS, Philip (2014) - Álvaro Siza restores clifftop boa nova tea house in Portugal. Designboom [Em linha]. (20 Jul 2014). [Consult. 19 Mar. 2015]. Disponível em WWW:<URL:http://www.designboom.com/architecture/alvaro-siza-the-boa-nova-tea-house-matosinhos-portugal-07-19-2014/>.

TOUSSAINT, Michel (1999) – Conceitos de habitar em arquitectura. In NEVES, Victor, coord. - O habitar. Lisboa : Universidade Lusíada. p. 55-60. (Sebentas d'Arquitectura, ISSN 0874-3207 ; 2).

VENTURI, Robert (2004) - Complexidade e contradição em arquitectura. Trad. ÁlvaroCabral. 2.ª ed. São Paulo : Martins Fontes.

ZEVI, Bruno (2011) - Saber ver a arquitectura. Trad. Maria Isabel Gaspar. 6.ª ed. SãoPaulo : Editora Martins Fontes. (Mundo da arte).

ZUMTHOR, Peter (2009) - Atmosferas. Barcelona : Gustavo Gili.

BIBLIOGRAFIA

BATISTA, Ana Catarina Silva (2008) - Espaços mediadores interior-exterior-interior: o percurso de Siza Vieira até fim do século XX. Lisboa: Universidade Lusíada. Dissertação.XVI, 108 f.Dissertação de mestrado integrado em Arquitectura, orientada pelo Prof. Doutor Arqt. Fernando Manuel Domingues Hipólito, Universidade Lusíada de Lisboa, Portugal.

CAMPO BAEZA, Alberto (2011)-Pensar com as mãos. Lisboa: Caleidoscópio.

CHING, Francis D.K.(2008) -Arquitectura, forma, espaço e ordem. 2ª ed. São Paulo : Martins Fontes.

NORBERG-SCHULZ, Christian (1972) -Historia universal de la arquitectura barroca. Madrid : Aguilar.

RODRIGUES, Sérgio Fazenda (2009)-A casa dos sentidos: crónicas de arquitectura. Lisboa:Cooperativa paraa Inserção Profissional em Arquitectura.

SILVA, Paula Cristina Rodrigues Botelho da (2009)-Experiência e percepção dos limites da arquitectura: relações entre o exterior/interior,público/privado. Lisboa: Universidade Lusíada.XVIII, 129 f. Dissertação de mestrado integrado em Arquitectura, orientada pelo Prof. Doutor Fernando Manuel Domingues Hipólito, Universidade Lusíada de Lisboa, Portugal.

ZUMTHOR, Peter (2009) - Pensar a arquitectura. 2.ª ed. Barcelona : Gustavo Gili.

ANEXOS

LISTA DE ANEXOS

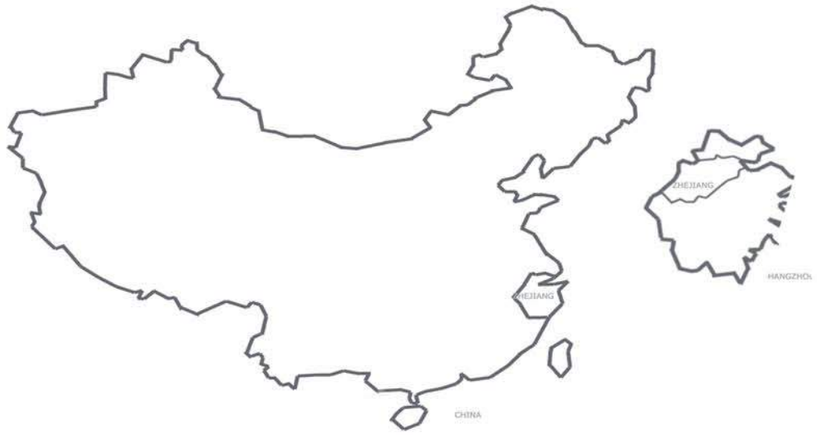
Anexo A - Plantas do projecto académico de 5ºano.

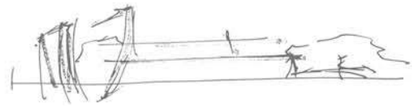
ANEXO A

Painéis de projecto académico de 5º ano

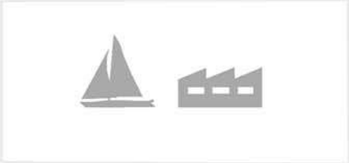
EL CENTRO MULTIMEDIA DE GONGSHU
RENOVACION A LO LARGO DE GRAND CANAL

RESUMEN - INVESTIGACIÓN Y IDEAS PRINCIPALES

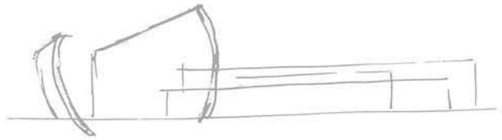


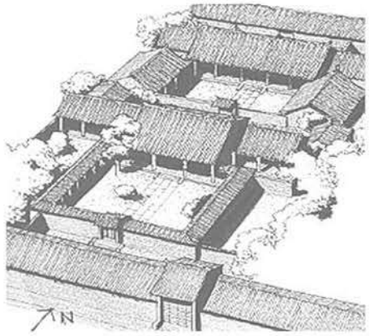


El Gran Canal de China, también conocido como el Gran Canal Jing-Han es el canal más antiguo o de un río artificial en el mundo.
El Gran Canal se inicia en Beijing y termina al sur de Hancheu (Zhejiang). La longitud total de 1.794 kilómetros, el más largo del mundo. Además de la ciudad de Beijing, cruces Tianjin, Hebei, Shandong, Jiangsu y Zhejiang. Después de salir de Hancheu, el canal alrededor del lago Tai, dirigiendo su rumbo a la ciudad de Sucheu. Entre Sucheu y Jingjiang, la parte sur del canal, que es atravesado por cinco puentes de piedra y en sus orillas se encuentran numerosos arcos de celebración en forma de pagodas.
En la zona central, la corriente es fuerte y difícil viajes al norte. Esta parte del canal tiene varios lagos y es alimentado por las aguas del Yangtsé. Las tierras al oeste del canal están a mayor altura que las situadas al este. Así pues, estas dos porciones de tierra se conocen como Shanghe (sobre el río) y Xiahe (debajo del río).
La parte norte es la más amplia de toda la canal. Se extiende desde el antiguo cauce del río Amarillo a Tianjin. En la región de Shandong , el canal pasa por varios lagos que forman un lago en el verano (el Zhouyang) . Al norte de este lago es la ciudad de Ziningzhou . En la parte donde el río Amarillo atraviesa el canal y de acuerdo a los mapas antiguos , había un canal seco que se utilizó hasta 1853 .

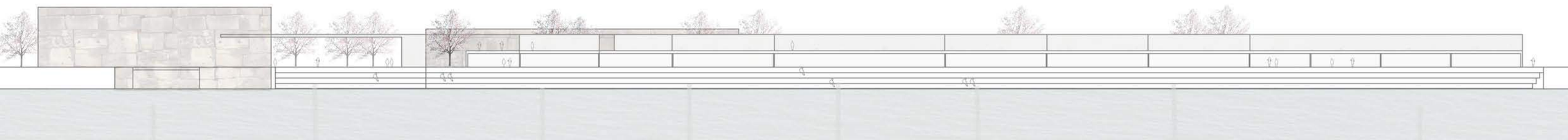


El sitio del proyecto está fuertemente marcada por la presencia del Gran Canal y un componente industrial. Alimentada por el sistema de canal de navegación fluida y eficiente, un grupo de grandes empresas industriales comenzó a aparecer a lo largo del Canal después de 1949 en el periodo de la modernización de China. Gongshu gradualmente se convirtió en un distrito industrial, ordenando la prestación económica de la renta, en el mismo equipo, los problemas persistentes de la contaminación.





LA ARQUITECTURA CHINA
ESPACIOS LIMITADOS
Los estudios de arquitectura contemporánea en Occidente suelen implicar un edificio que está rodeado por un jardín o espacio abierto en su propiedad. Estas prácticas contrastan con la mayoría de los edificios tradicionales de la arquitectura china , edificios o complejos de edificios que ocupan toda la propiedad , pero contiene en sus espacios abiertos interiores , que puede tomar dos formas: el patio abierto (院) y el " hoyo de los cielos " (天井) . El uso de patios abiertos es una característica común a muchas variantes de la arquitectura china , pero puede ser el mejor ejemplo de siheyuan , que consiste en un espacio en blanco rodeado de edificios que están conectados entre sí directamente oa través de los balcones . Estos espacios cerrados sirven para controlar la temperatura y la ventilación en los complejos de edificios . Los patios del norte tienden a ser abierto y orientado al sur, con el fin de permitir la máxima exposición de las ventanas y las paredes del edificio con el Sol , mientras que la prevención de la entrada de los vientos fríos del norte . Haga que los "pozos del cielo" al sur del país son relativamente pequeñas y se utilizan para recoger el agua de lluvia de los techos , mientras que la restricción de la cantidad de luz que entra en el edificio. Los " pozos de luz " también sirven como un orificio de ventilación para que el aire caliente se mueva hacia arriba , empujado por el aire frío de las plantas inferiores de la casa y fuera .
ÉNFASIS HORIZONTAL
El más importante de estos caraceterísticas es el énfasis en el eje horizontal . Esto contrasta con la arquitectura occidental , que tiende a crecer en tamaño y profundidad. Arquitectura china subraya el impacto visual de la anchura de los edificios . Los salones y palacios de la Ciudad Prohibida, por ejemplo, tienen techos relativamente bajos en comparación con los edificios equivalentes en Occidente, pero su apariencia externa sugiere onicompreensiva naturaleza de la China imperial . Estas ideas también se tomaron poco a poco a la arquitectura moderna occidental .
NATURALEZA
La arquitectura china está totalmente integrado con la naturaleza y es un reflejo de su filosofía y la religión. La ciudad de Beijing ha sido la capital de China desde 1271, con algunas interrupciones . Durante todo este tiempo , los emperadores construyeron palacios, templos y jardines. El ejemplo más interesante es la Ciudad Prohibida , construida por el emperador en el siglo XV. Aquí podemos ver la disposición del templo y los diversos palacios , con un gran jardín central, que se extiende por pequeños patios en cada uno de los diferentes edificios . Ya en la dinastía Zhou, hace más de 3000 años en China surgido jardines reales . Los jardines eran parte del diseño de las antiguas capitales de China desde tiempos antiguos. Los jardines chinos se caracterizan por sus montañas y ríos y combinación artificial de las bellezas de la naturaleza, colinas artificiales y ríos , los puentes , los pasillos y los árboles y las flores. Los jardines imperiales y los jardines son las piezas individuales de la arquitectura del jardín en China. Está dividido en tres ambientes: imperiales , deidades y naturales. La principal diferencia entre los jardines chinos y occidentales radica en que en estos se presenta el principio geométrico y dar prioridad a ellos mismos, mientras que los jardines chinos buscan integrar los paisajes con las percepciones del mismo propietario, con mayor énfasis en la fusión entre la Naturaleza y el Hombre.



PUERTO DE BARCOS

AREA DE ESTAR EXTERIOR

PATIO AL AIRE LIBRE

PATIO AL AIRE LIBRE

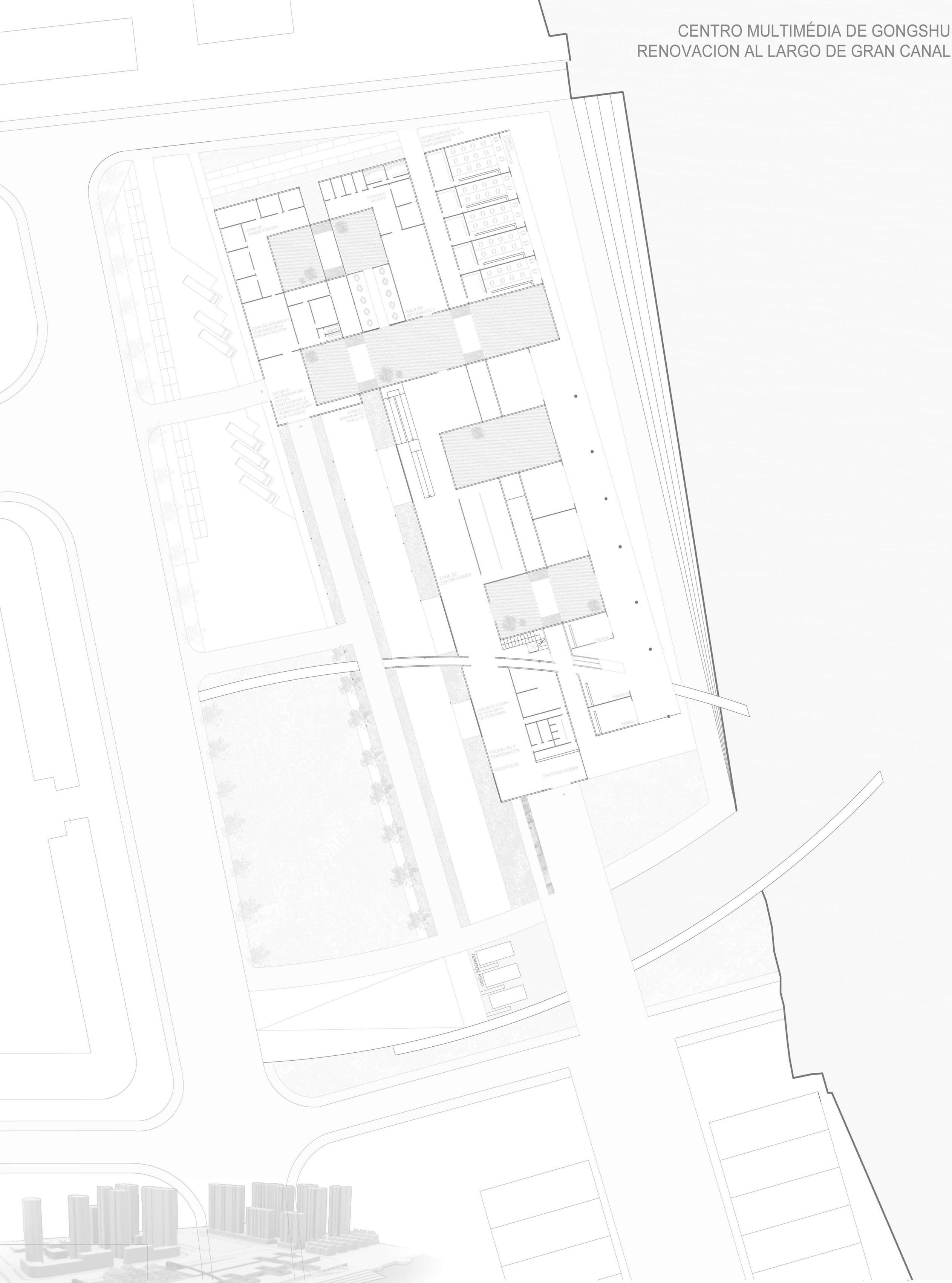
CONTENIDO DEL PROGRAMA

PATIO AL AIRE LIBRE

PATIO AL AIRE LIBRE

LIVING AREA POR EL RÍO

CENTRO MULTIMÉDIA DE GONGSHU
RENOVACION AL LARGO DE GRAN CANAL



PLANTA BAJA ESC 1:2000

N

CENTRO MULTIMÉDIA DE GONGSHU
RENOVACION AL LARGO DE GRAN CANAL